

BNB Conjuntura Econômica

Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - Etene

31
out-dez/2011



ISSN 18078834

BNB Conjuntura Econômica

Periódico elaborado pelo Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste / Etene

Número 31

**Periódico elaborado pelo
Escritório Técnico de Estudos
Econômicos do Nordeste/Etene,
do Banco do Nordeste do Brasil/BNB**

**Fortaleza
Banco do Nordeste do Brasil
2011**

Obra publicada pelo



Presidente

— Jurandir Vieira Santiago

Diretores

— Fernando Passos
— Luiz Carlos Everton de Farias
— Isidro Moraes de Siqueira
— José Sydrião de Alencar Júnior
— Paulo Sérgio Rebouças Ferraro
— Stélio Gama Lyra Júnior

Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste – Etene

José Narciso Sobrinho – Superintendente

Ambiente de Estudos, Pesquisa e Avaliação

Wellington Santos Damasceno – Gerente de Ambiente

Laura Lúcia Ramos Freire

(Gerente Executivo – Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas, Industriais e de Serviços)

Wendell Márcio Araújo Carneiro
(Gerente Executivo – Célula de Estudos Rurais e Agroindustriais)

Central de Informações Econômicas, Sociais e Tecnológicas

Fernando Luiz E. Viana – Gerente

Equipe BNB Conjuntura Econômica

Coordenação Técnica

Laura Lúcia Ramos Freire

Produto Interno Bruto

Antônio Ricardo de Norões Vidal

Desempenho do Comércio do Brasil e do Nordeste

José Varela Donato

Produção Agropecuária

Francisco Raimundo Evangelista
Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão e
Jackson Dantas Coelho

Emprego e Rendimento

Laura Lúcia Ramos Freire

Finanças Públicas

Antônio Ricardo de Norões Vidal

Consultores Ad Hoc

Coordenação Técnica e Síntese de Expectativas

Assuero Ferreira

Produto Interno Bruto, Produção Industrial, Emprego e Rendimento

Carlos Américo Leite Moreira e Roberto Alves Gomes

Setor Externo e Síntese e Expectativas

Inez Sílvia Batista Castro

Intermediação Financeira

Francisco Ferreira Alves

Estagiários: Francisco Alves de Oliveira Filho, Gilvan Farias dos Santos, João Mairton Moura Araújo e Renata Pinheiro da Rocha

Preparação e Tabulação de Dados: Elias Augusto Cartaxo, Hamilton Reis de Oliveira, José Wandemberg Rodrigues Almeida e Leonardo Dias Lima

Ambiente de Comunicação Social

José Maurício de Lima da Silva

Editor

José Ribamar Mesquita

Normalização Bibliográfica

Erlanda Maria Lopes

Revisão

Edmilson Nascimento

Diagramação

Franciana Pequeno

Banco do Nordeste do Brasil S/A

Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste

Av. Pedro Ramalho, 5700 - Bloco A2 - Térreo - Passaré - 60743-902 - Fortaleza (CE) - BRASIL

Telefone: (85) 3299.3033

Cliente Consulta: 0800 728 3030

Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB.

É permitida a reprodução das matérias desde que seja citada a fonte.

Depósito Legal junto à Biblioteca Nacional, conforme lei nº. 10.994, de 14 de dezembro de 2004

BNB Conjuntura Econômica. - N. 31 (out. - dez. 2011). – Fortaleza:
Banco do Nordeste do Brasil, 2011 -

108 p.

Trimestral.

ISSN 18078834

1. Economia – Brasil – Nordeste – Periódico. I. Banco do Nordeste do Brasil.

CDU 33(812/814) (11)

BNB CONJUNTURA ECONÔMICA
ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE
BANCO DO NORDESTE DO BRASIL

Fortaleza-CE, n. 31

Outubro-Dezembro 2011

SUMÁRIO

1. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS	05
Impactos de Alguns Fatores Conjunturais Recentes no Desenvolvimento Regional	5
2. SÍNTSE E EXPECTATIVAS	13
Resumo Executivo	13
Expectativas.....	15
3. NÍVEL DE ATIVIDADE	19
Produto Interno Bruto.....	19
Comércio.....	24
Desempenho do Comércio no Brasil.....	24
Desempenho do Comércio no Nordeste	27
Produção Industrial do Brasil.....	29
Produção Industrial do Nordeste	32
Produção Agropecuária	37
Agricultura.....	37
Pecuária.....	51
Agronegócio	52
Desempenho do Faturamento	52
Balança Comercial do Agronegócio.....	56
4. EMPREGO E RENDIMENTO	65
Considerações Adicionais Sobre Emprego Formal.....	68
5. SETOR EXTERNO	73
Balança Comercial Brasileira e Nordestina.....	74
As Exportações Nordestinas	75
Panorama das Vendas Externas por Estado	77
As Importações Nordestinas.....	83

6. FINANÇAS PÚBLICAS**85**

Arrecadação de ICMS	85
Fundos Constitucionais	87
Transferências Voluntárias.....	89
Aplicações de Recursos dos Agentes Oficiais de Fomento no Nordeste.....	91

7. INTERMEDIAÇÃO FINANCEIRA**95**

Saldo das Operações de Crédito do Sistema Financeiro Nacional.....	95
Operações e Qualidade do Crédito do Sistema Financeiro Nordestino.....	97
Empréstimos/Financiamentos Concedidos pelo BNDES	99
Depósitos e Operações de Crédito do Sistema Bancário Nordestino..	100
BNB – Taxas de Juros, Saldo dos Depósitos e das Operações de Crédito.....	102

1 - AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

1.1 - Impactos de Alguns Fatores Conjunturais Recentes no Desenvolvimento Regional

Antônio Ricardo de Norões Vidal
Francisco Raimundo Evangelista
Liliane Cordeiro Barroso
José Wandemberg Rodrigues Almeida¹

O crescimento da economia brasileira nos últimos anos, particularmente expresso nas taxas de expansão do PIB a partir de 2004, associado às medidas adotadas de caráter social no período, implicou alterações significativas nos fluxos regionais de renda, com avanços relevantes em relação à

repartição e aos ganhos na qualidade de vida das populações locais (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2010).

Dois aspectos que concorreram para a melhoria do quadro distributivo nos últimos anos devem ser destacados: (i) a evolução

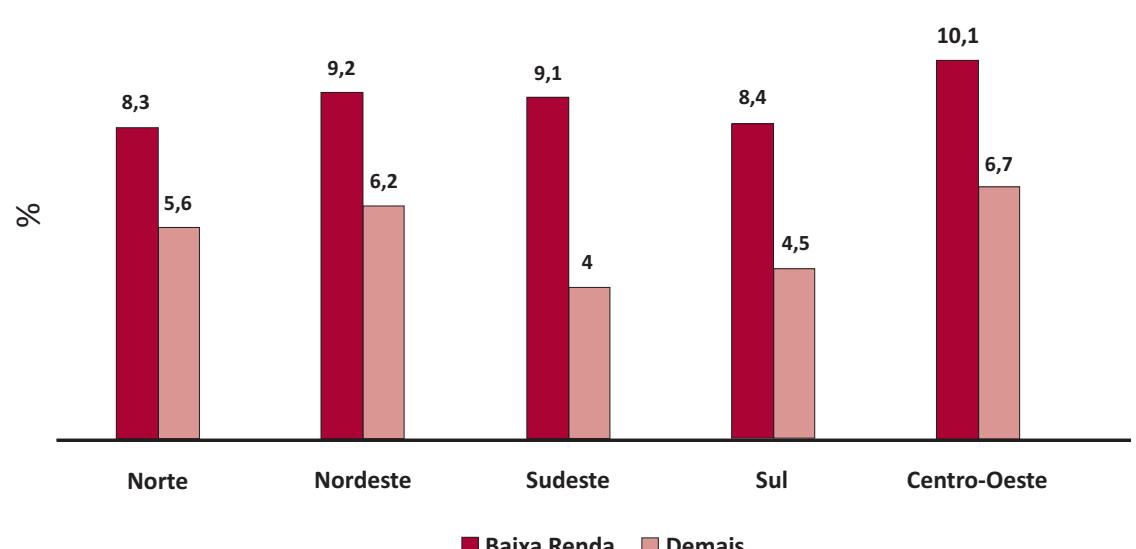


Gráfico 1 – Brasil – Grandes Regiões. Rendimento Real *Per Capita* – Variação Percentual Média Anual (2003/2008)

Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2010.

1 Os autores são técnicos do BNB-Etene.

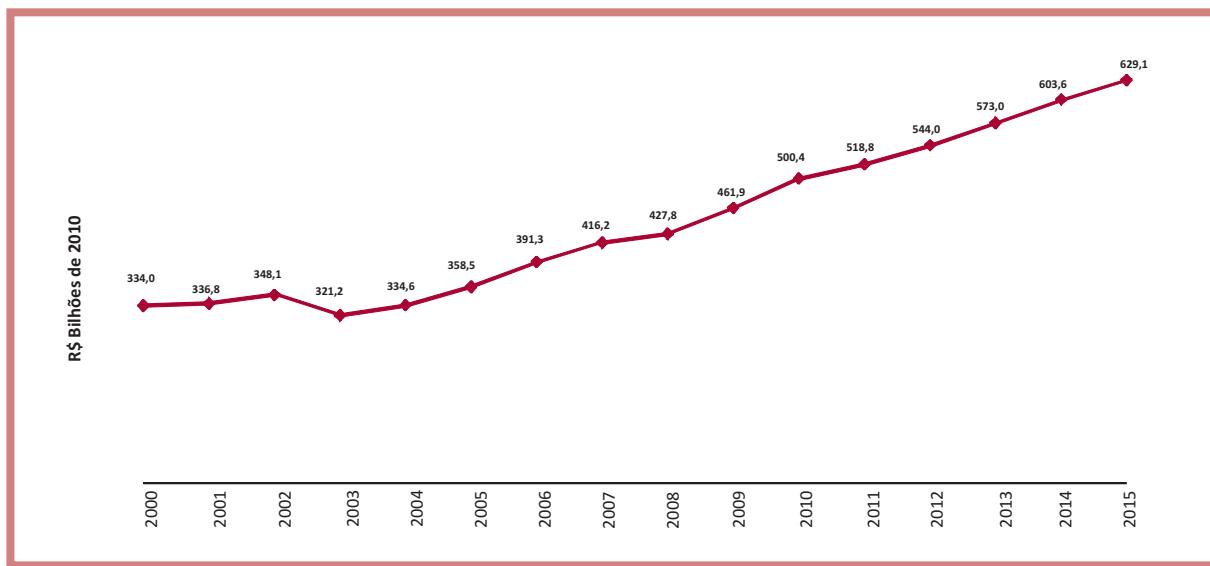


Gráfico 2 – Nordeste – PIB Total, de 2000 a 2015

Fonte: Elaboração própria, com dados básicos do IBGE (até 2009) e projeções do BANCO DO NORDESTE..., 2010.

favorável do rendimento dos indivíduos de baixa renda, incluídas as transferências governamentais; e (ii) o incremento contínuo no nível de ocupação dessa mesma classe.

O Nordeste do país foi beneficiado por ambos os aspectos. Conforme se observa no Gráfico 1, a região apresentou o segundo maior crescimento no rendimento real *per capita* dentre as regiões brasileiras (perdeu apenas para o Centro-Oeste), tanto para os indivíduos de baixa renda quanto para os demais.

O PIB do Nordeste cresce desde 2000² e estima-se que continuará evoluindo nos próximos anos, podendo-se observar uma ligeira aceleração desse processo (mudança na inclinação da curva) no período mais recente (Gráfico 2).

Com isso, estima-se que o PIB *per capita* regional alcançará R\$ 11.240,00 em 2015, se for mantida a taxa de crescimento populacio-

nal observada entre os censos populacionais de 2000 e 2010 (1,066% a.a.).

Albuquerque (2011) calculou o Índice de Desenvolvimento Social (IDS) dos estados brasileiros para os anos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. Esse índice tem cinco componentes (saúde, educação, trabalho, rendimento e habitação) e 12 subcomponentes³, que sintetizam a situação social das unidades da federação, com base nos dados dos censos demográficos e das pesquisas nacionais por amostras de domicílios (PNAD), de responsabilidade do IBGE⁴. O índice varia de 0 a 10; este último representando, naturalmente, a situação ideal (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2010).

O Nordeste ainda é, dentre as regiões brasileiras, a que apresenta o IDS mais baixo (Tabela 1). Entretanto, foi a região onde o indicador mais evoluiu entre 2000 e 2010: 33% no período. Além disso, diminuiu a desigualdade

2 Salvo por duas pequenas retracções em 2003 e 2008.

3 Saúde: esperança de vida ao nascer e taxa de sobrevivência infantil; educação: taxa de alfabetização e escolaridade média da população; trabalho: taxa de atividade e taxa de ocupação; rendimento: PIB per capita e coeficiente de igualdade; habitação: disponibilidade domiciliar de água, energia elétrica, geladeira e televisão.

4 As informações referentes a 2010 foram projetadas.

Tabela 1 – Brasil – Índice de Desenvolvimento Social, 2000 e 2010

UF	2000	2010	Cresc. % 2000 2010
Maranhão	4,69	6,76	44,14
Piauí	4,85	6,85	41,24
Ceará	5,38	7,27	35,13
Rio Grande do Norte	5,55	7,24	30,45
Paraíba	5,22	6,72	28,74
Pernambuco	5,46	6,95	27,29
Alagoas	4,71	6,41	36,09
Sergipe	5,63	7,15	27,00
Bahia	5,39	7,41	37,48
Nordeste	5,30	7,05	33,02
Norte	5,99	7,52	25,54
Centro-Oeste	6,95	8,50	22,30
Brasil	6,67	8,14	22,04
Sul	7,45	8,73	17,18
Sudeste	7,34	8,60	17,17
NE/Maior Índice	0,71	0,81	
NE/Brasil	0,79	0,87	

Fonte: ALBUQUERQUE (2011).

do Nordeste em relação às demais regiões. O IDS nordestino representava 71% do maior IDS do país em 2000 (região Sul) e saltou para 81% em 2010; as condições sociais do Nordeste eram, em média, 79% das do Brasil em 2000 e alcançaram 87% em 2010. Dos dez estados que mais aumentaram seu IDS no período, sete são nordestinos.

As mesmas constatações podem ser observadas no exame isolado de cada componente (Tabela 2). Aquele em que houve menos avanço no Nordeste foi o relativo à saúde; o maior avanço foi no componente trabalho (que comporta os subcomponentes taxa de atividade e taxa de inovação).

Os números, entretanto, não deixam dúvida de que, a partir do ano 2000, houve um processo de convergência, para o qual se espera uma sustentação nos anos vindouros, em função do comportamento de vários fatores, alguns dos quais são destacados a seguir.

Dentre os fatores conjunturais que têm contribuído para esse processo, pode-se rele-

var: a) a política de crédito, mais expansionista no Nordeste do que no resto do país; b) a valorização do salário mínimo (SM), atuando de modo a reforçar o crescimento regional, por causa da estrutura salarial do Nordeste; c) a evolução regional do emprego formal e da qualidade do trabalho; e d) o processo de ascensão social recente, ampliando o mercado consumidor nordestino e atraindo investimentos importantes nas áreas de comércio e serviços.

A política de crédito

O sistema financeiro, em sua função de fornecedor de meios de pagamentos, é responsável pela oferta de recursos financeiros, que possibilita a expansão do investimento e do produto.

Questões macroeconômicas como a queda da inflação, mais postos de trabalho, renda maior, melhora das contas públicas e consequente redução dos juros, mudanças reguladoras e a criação do crédito consignado, dando mais segurança a quem concede

Tabela 2 – Evolução dos Componentes do IDS das Regiões Brasileiras, de 2000 a 2010

Regiões	Saude			Educação			Trabalho		Rendimento			HABITAÇÃO			
	2000	2010	Cresc. % 2000 2010	2000	2010	Cresc. % 2000 2010	2000	2010	Cresc. % 2000 2010	2000	2010	Cresc. % 2000 2010	2000	2010	Cresc. % 2000 2010
Nordeste	7,61	8,70	14,32	3,60	5,53	53,61	4,67	7,29	56,10	3,40	4,82	41,76	6,29	8,92	41,81
Norte	8,41	9,16	8,92	5,54	6,84	23,47	5,05	7,69	52,28	4,34	5,55	27,88	6,64	8,36	25,90
Centro-Oeste	8,75	9,64	10,17	6,05	7,86	29,92	6,26	8,50	35,78	5,18	7,04	35,91	9,06	9,45	4,30
Brasil	8,31	9,47	13,96	5,79	7,32	26,42	5,55	7,89	42,16	5,21	6,66	27,83	8,05	9,38	16,52
Sul	9,05	9,85	8,84	6,54	7,97	21,87	6,73	8,87	31,80	5,88	7,40	25,85	9,25	9,57	3,46
Sudeste	8,79	9,71	10,47	6,84	8,17	19,44	5,64	7,85	39,18	6,10	7,57	24,10	9,04	9,69	7,19
NE/Maior Índice	0,84	0,88		0,53	0,68					0,56	0,64		0,68	0,95	
NE/Brasil	0,92	0,92		0,62	0,76					0,65	0,72		0,78	0,95	

Fonte: ALBUQUERQUE (2011).

emprestimos, geraram o cenário necessário à expansão relevante do crédito no Brasil. Isso revela uma confiança maior de consumidores e empresas. Alguns estudos apontam que a expansão média de 4% ao ano do PIB, no período de 2004/2010, teria sido de somente 2,5%, se o crédito não tivesse expandido como verificado (CRÉDITO..., 2010).

A relação crédito/PIB no Brasil, mesmo com esse avanço, é ainda muito menor do que em outros países. Em 2008, em nações ricas como os EUA e o Japão, o volume de crédito superava 180% do PIB. Na Europa, chegava a 160% em países como a Grã-Bretanha e Suíça, e aos 90% na Itália e na França. Saliente-se que, recentemente, o Brasil ultrapassou a Inglaterra em tamanho do PIB.

Grande parte do crescimento do PIB do Nordeste é fundamentada no setor de serviços, ou terciário, tendo como base o consumo das famílias. Um dos propulsores para

a manutenção do crescimento médio do PIB nordestino acima dos 4% entre 2004 e 2010 foi o crédito. Ele é o suporte do consumo de bens da indústria de transformação, com valor agregado mais alto, e agente básico na oferta de recursos de longo prazo.

Em 2006, o volume de crédito representava 32% do PIB brasileiro⁵ e apenas 26% no caso do Nordeste, proporções inadequadas à vista da situação dos países ricos, e ainda mais perversa em relação ao Nordeste. A expectativa é que essa relação para o Brasil e o Nordeste, em 2011, tenha atingido 51% e 49%, respectivamente. Observa-se que o aquecimento do crédito no Nordeste superou a média nacional. Olhando os dados de 2006 a 2011, o crescimento do crédito no Brasil e no Nordeste foi de 22,4% e 27,5%, respectivamente. A expansão do crédito na região ficou cinco pontos acima da média do Brasil (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2010; BANCO DO NORDESTE..., 2010).

5 Foi incluído no saldo das operações de crédito divulgadas pelo Banco Central, o saldo das operações de crédito dos Fundos Constitucionais de Financiamento do Norte e do Nordeste, FNO e FNE, respectivamente.

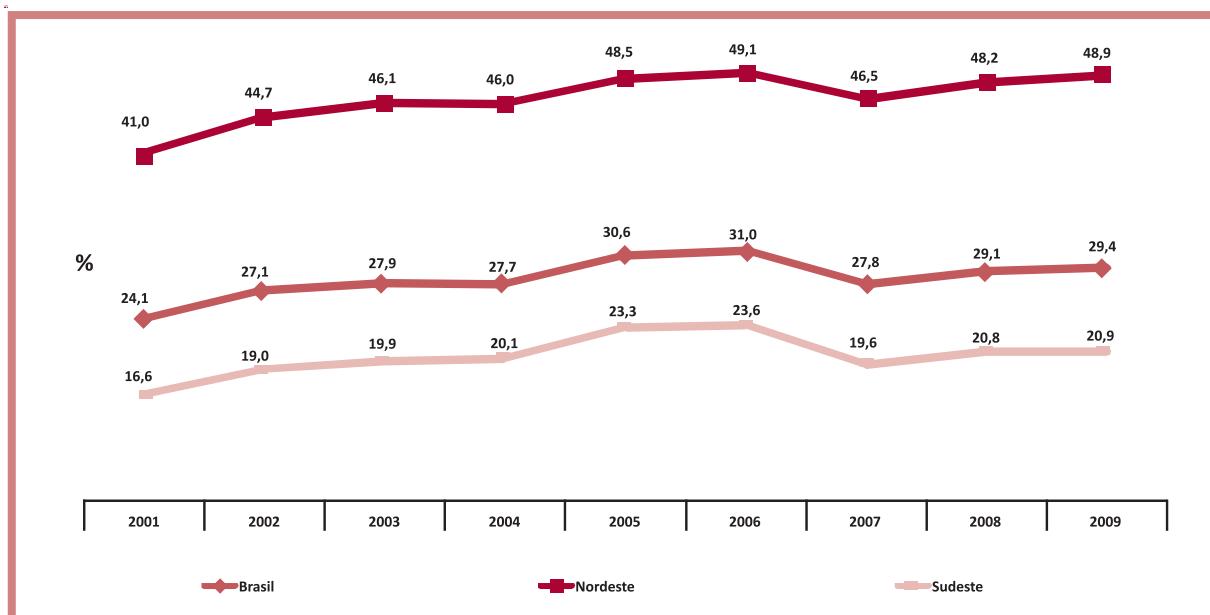


Gráfico 3 – Brasil e Regiões Selecionadas – Participação dos Trabalhadores (*) de até 1 SM no Total

Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2010.

(*) Pessoas de 10 anos ou mais ocupadas na semana de referência.

A análise desses últimos cinco anos mostra a grande relevância das agências oficiais de fomento na concessão de crédito (curto e longo prazo) no Nordeste. Entre 2006 e 2011, a média da participação delas no cré-

dito total foi de 54% no agregado brasileiro e de 67% no Nordeste. Cabe ainda salientar que a quase totalidade do crédito de longo prazo está nas mãos das agências de fomento oficiais, mais precisamente o Banco Nacio-

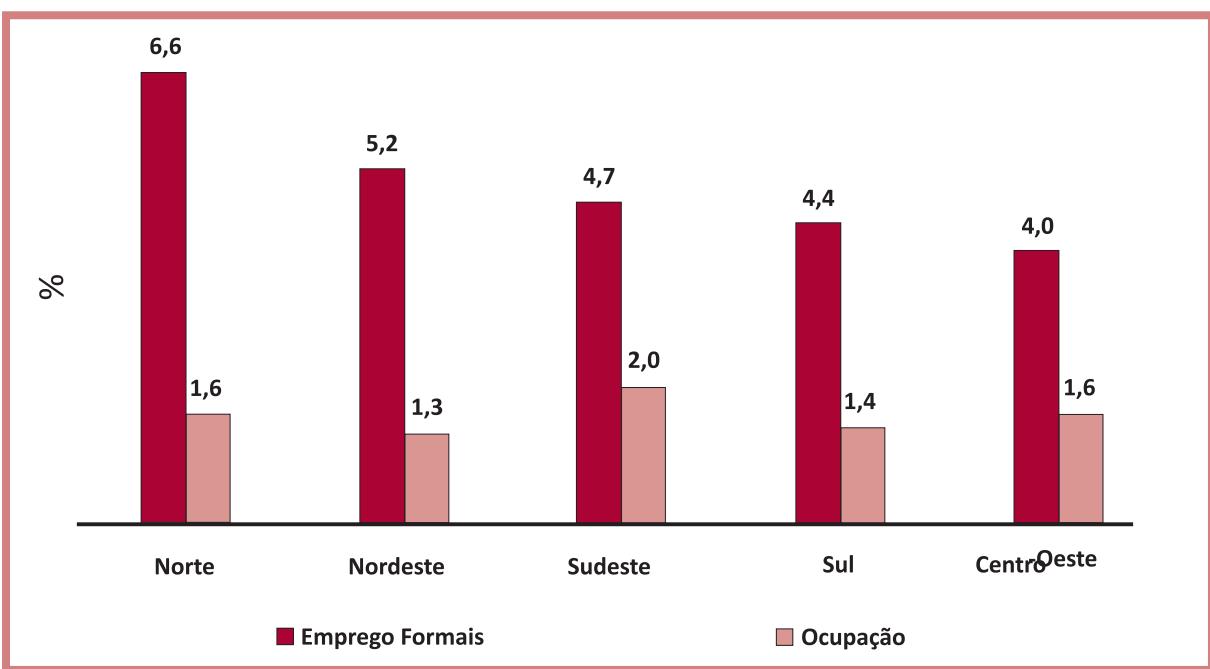


Gráfico 4 – Empregos e Ocupações Per Capita-Variação (%) Anual Média – 2003/2008

Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2010.

nal de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), para o País, e o Banco do Nordeste do Brasil (BNB), para a região nordestina.

A valorização do salário mínimo

Os trabalhadores que recebem até um salário mínimo representavam 49% da população ocupada no Nordeste, 29% no Brasil e apenas 21% no Sudeste (Gráfico 3). O salário mínimo cresceu 58,4% de 2000 a 2012 (crescimento real médio de 3,9% a.a.); essa expansão, que representa uma importante injeção de recursos para a ampliação do consumo repercute, portanto, mais na economia do Nordeste do que no restante do País, haja vista o grande contingente de nordestinos que tem o salário mínimo como referência de rendimento.

A evolução regional do emprego

O Nordeste também se destaca quando são observados os dados relativos à evolução

do emprego formal, apresentando o segundo maior avanço dentre as regiões brasileiras na formalização do trabalho, com incremento médio anual de 5,2% (Gráfico 4).

Isso se reflete na economia regional não só pela ampliação do consumo, já destacada, mas também melhorando as expectativas dos trabalhadores e das empresas, influenciando indiretamente a realização de investimentos.

O processo de ascensão social

Nos últimos anos, foi possível identificar uma significativa mobilidade socioeconômica em âmbito nacional. O Gráfico 5 apresenta a distribuição da população brasileira por classes de consumo nos anos de 2005 a 2010. Em 2005, as classes AB e C⁶, juntas, correspondiam a 49% da população; em 2010, elas somavam 74% (ASSOCIAÇÃO..., 2011).

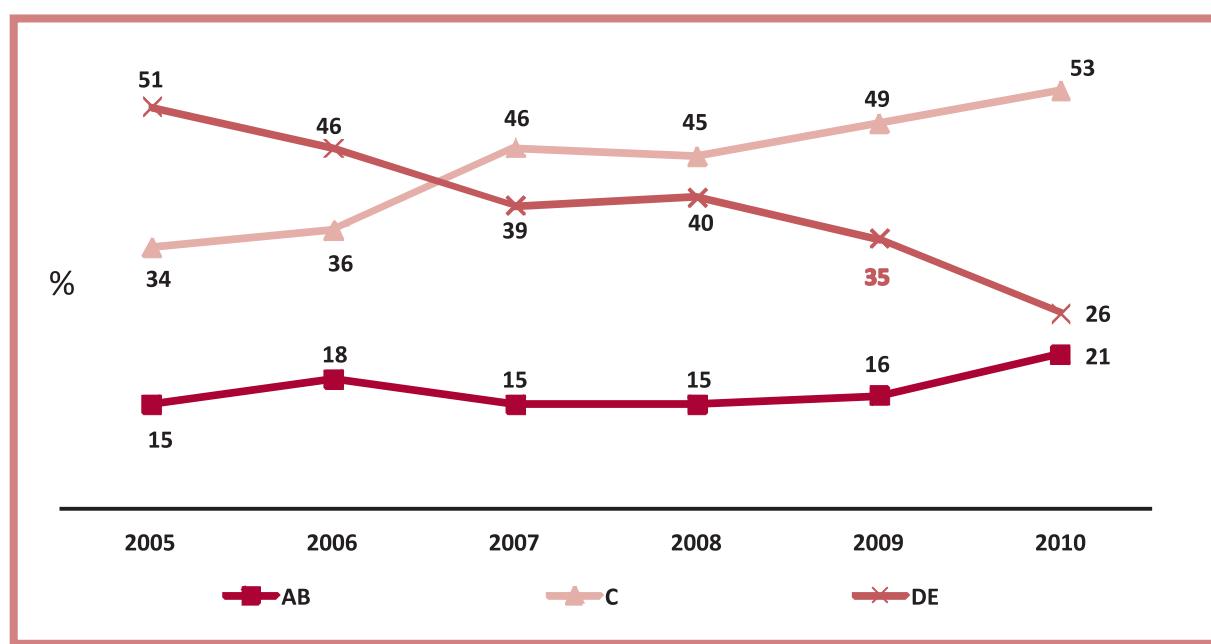


Gráfico 5 – Distribuição da População Brasileira por Classe de Consumo – 2005 a 2010

Fonte: Elaboração própria com base na CETELEM/BGN/IPSOS, 2010.

6 A distribuição da população nessas classes segue o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (<http://www.abep.org/novo/Utils/FileGenerate.ashx?id=197>) e é baseada na posse de itens que, indiretamente, corresponderiam aos seguintes limites de renda familiar: DE – renda familiar £ R\$ 779,00; C – renda familiar de R\$ 780,00 a R\$ 3.043,00; AB – renda familiar maior que R\$ 3.043,00.

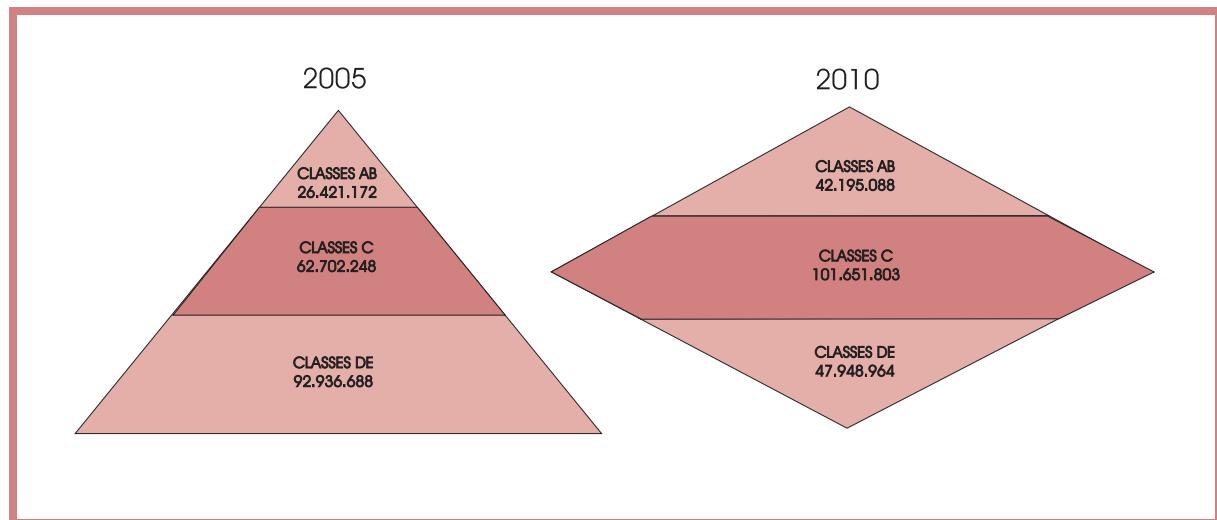


Figura 1 – Mobilidade Social no Brasil: Número Absoluto de Pessoas – 2005 e 2010

Fonte: CETELEM/BGN/IPSOS, 2010.

Conforme a Figura 1, o número absoluto de pessoas de cada classe de consumo se alterou, ressaltando-se a acentuada modificação na “pirâmide” social quando comparados os anos 2005 e 2010. Destaca-se o crescimento da classe média no país e a redução da população abaixo da linha de pobreza.

Se entre 2005 e 2009, no Brasil, 26 milhões de brasileiros deixaram as classes DE

e alcançaram a classe C (média de 5,7 milhões/ano) e outros 4 milhões conseguiram atingir as classes AB (média de 800 mil/ano), em 2010 esse movimento ocorreu de forma mais expressiva: apenas nesse ano, quase 19 milhões de pessoas deixaram as classes DE e 12 milhões alcançaram as classes AB (CETELEM/BGN/IPSOS, 2010).

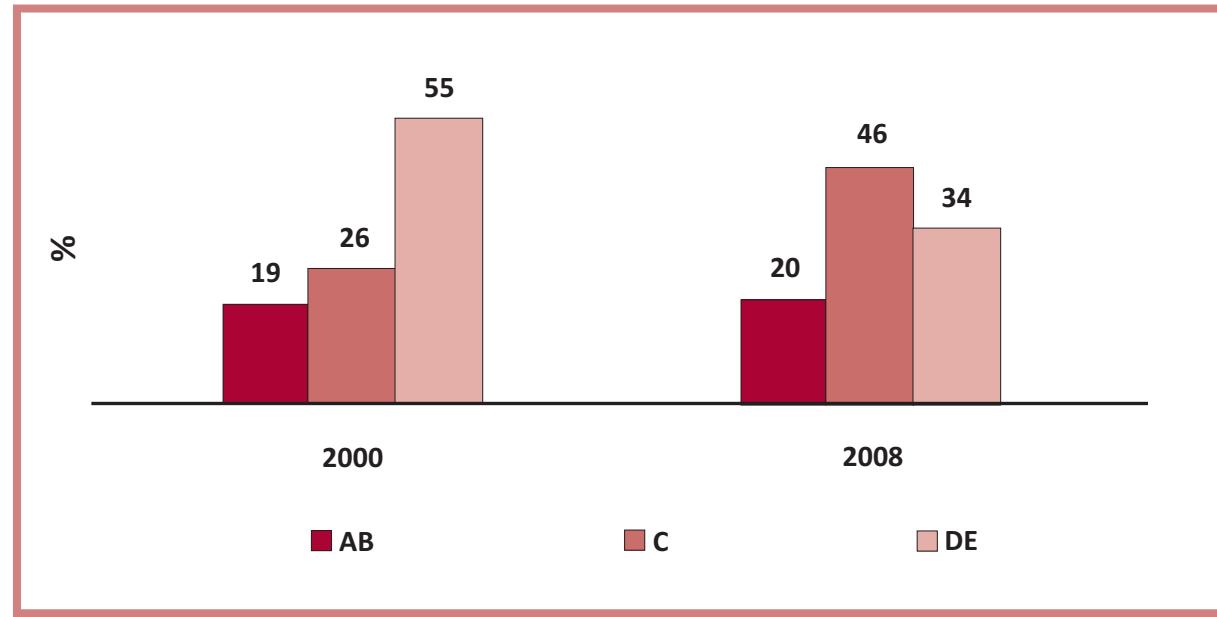


Gráfico 6 – Nordeste: Distribuição da População Metropolitana por Classes Econômicas – 2000 e 2008

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2010.

Os dados sobre mobilidade social na região Nordeste (Gráfico 6) também revelam um deslocamento da população mais pobre (classe DE) para a classe intermediária (C).

Em 2000, 55% da população nordestina integravam a classe econômica menos favorecida e a classe média representava apenas 26% da população. Em 2008, a classe DE correspondia a 34% da população, acompanhando o crescimento da classe média (classe C), cuja proporção aumentou 20 pontos percentuais, para 46%. Embora o período retratado não seja o mesmo apresentado nacionalmente, observa-se que a trajetória do Nordeste acompanha a mesma dinâmica

nacional: diminuição do número de pobres devido à ascensão social para a classe média.

Os quatro fatores comentados, em termos macroeconômicos, influenciam fortemente o consumo agregado, induzindo indubitavelmente o crescimento do PIB, que vem sendo acompanhado por um avanço nos indicadores sociais, pelo que se pode falar com propriedade em um processo de desenvolvimento. Obviamente, é preciso arguir o que está ocorrendo com o investimento agregado, pelo seu caráter de permanência na economia e relação com a sustentação econômica do processo. Mas isso é tema para um artigo posterior.

Referências

ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti. **Desenvolvimento social do Brasil: balanço dos anos 1900-2010 e agenda para o futuro**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA/CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA BRASIL - ABEP/CCEB. **Dados com base no levantamento sócio econômico 2009**. São Paulo: Pesquisa IBOPE, 2011. Disponível em: <<http://www.abep.org/novo/Utils/FileGenerate.ashx?id=197>>. Acesso em: jan. 2012.

BANCO CENTRAL DO BRASIL – BACEN. Pobreza, desigualdade e mobilidade social: alterações regionais recentes. **Boletim Regional do Banco Central do Brasil**, Brasília, p. 105, jan./2010.

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL/ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - BNB/ETENE. Panorama do setor comercial no Brasil e nordeste. **Informe Setorial**, Fortaleza, 2010.

CETELEM BGN/IPSOS. **Observador Brasil 2010**. Pesquisa Cetem/Ipsos, 2010. Disponível em: <http://www.cetelem.com.br/portal/Sobre_Cetelem/Observador.shtml>. Acesso em: 03 jan. 2012.

CRÉDITO responde por 40% da alta do PIB, indica estudo. **Notícias R7**, 14 mar./2010. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/economia/noticias/credito-responde-por-40-da-alta-do-pib-indica-estudo-20100314.html>>. Acesso em: 04 jan. 2011.

2 - SÍNTESE E EXPECTATIVAS

2.1 - Resumo Executivo

• • • • • • • • • • • • • • • • • • •

Os resultados do segundo semestre de 2011 assinalam uma nítida desaceleração da economia brasileira, em função, sobretudo, do baixo desempenho do setor industrial. A pressão dos importados e o processo de valorização da moeda nacional entre 2009 e julho de 2011 foram os principais responsáveis por esse comportamento. Em decorrência, constatou-se recuo dos investimentos em setores relevantes da indústria de transformação.

No Nordeste, a queda da produção industrial foi ainda mais acentuada que no Brasil como um todo. As principais causas disso estão associadas à desaceleração da demanda externa, ao forte aumento dos excedentes mundiais em segmentos representativos da indústria nordestina e ao câmbio apreciado.

O desempenho pífio da atividade industrial em 2011 intensificou o processo de substituição da produção local por importações. O agravamento da crise econômica mundial na segunda metade de 2011 e o efeito defasado de medidas de contenção da demanda doméstica foram cruciais para esse cenário.

Em 2012, a retomada da produção industrial esbarra na deterioração da demanda global por produtos manufaturados em função da conjuntura de pequeno crescimento. Em contrapartida, a tendência recente de queda da Selic, a expansão dos investimentos públicos e a reversão de algumas medidas de contenção do crédito, assim como a implementação de medidas protecionistas em alguns segmentos sensíveis à concorrência externa, podem estimular a ampliação do valor adicionado no plano doméstico.

Do lado da demanda, a desaceleração observada no consumo das famílias, a partir do

terceiro trimestre de 2011, em decorrência das medidas restritivas de contenção de crédito adotadas no final de 2010 e do ciclo de alta da Selic, foi parcialmente compensada pelo dinamismo do mercado de trabalho.

De fato, o incremento de 2,6% da massa salarial no terceiro trimestre decorreu, sobretudo, do recuo substancial do desemprego no país. A taxa de desemprego registrada em dezembro de 2011 (4,7%) foi a menor desde a reformulação da pesquisa mensal de emprego, em março de 2002. Nas regiões metropolitanas (RMs) de Recife e Salvador constata-se uma nítida retração das taxas de desemprego. Recife se destaca com apenas 4,7%, percentual igual ao de São Paulo e idêntico à média nacional. Vale ressaltar que as RMs nordestinas sempre registraram desemprego acima das demais regiões investigadas pelo IBGE, situação que ainda ocorre em Salvador, onde a taxa alcançou 7,7% em dezembro/2011.

Cumpre destacar que, desde 2003, a distribuição da população ocupada na indústria extrativa, de transformação e de distribuição de eletricidade, gás e água caiu de 17,5% para 16,1% nas seis áreas pesquisadas (Porto Alegre, São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Salvador e Recife). Na RM de Recife passou de

11,5% para 10,8% e, em Salvador, de 11,1% para 9,3%.

A redução da taxa de desemprego se refletiu sobre o volume de vendas do comércio. No Brasil, o comércio varejista, em sentido restrito, apresentou taxa acumulada de crescimento de 6,7%, sobressaindo-se as atividades de móveis e eletrodomésticos (16,6%) e equipamentos, materiais de informática e comunicação (19,6%). Regionalmente, os estados nordestinos se posicionaram, em geral, aquém da média nacional. Apenas Paraíba (18%), Maranhão (10,6%) e Rio Grande do Norte (6,9%) ultrapassaram essa média.

Por sua vez, o crescimento nominal esperado na arrecadação do ICMS, em 2011, é de 8,6% no Brasil e 11,8% no Nordeste (1,8% e 4,8%, respectivamente, em termos reais). Vale lembrar que o recolhimento de ICMS é afetado diretamente pelo incremento de vendas do país, influenciado tanto pelo aumento do volume comercializado, quanto pela receita nominal.

Pernambuco é um destaque de desempenho no recolhimento do ICMS, no Nordeste: expansão de 20,8%. Já Alagoas apresenta o pior comportamento na região – contração de 1,1%.

Dentre os dez maiores estados arrecadadores de ICMS no país, responsáveis por 81,5% do total nacional, apenas dois nordestinos integram o grupo: a Bahia, na sexta posição, e Pernambuco, na oitava.

No caso do Fundo de Participação dos Estados (FPE), os recursos para o Nordeste devem crescer 25,4% em 2011 comparativamente ao exercício de 2010. Variação similar será experimentada pelo Fundo de Participação dos Municípios (FPM): 25,5%. No que se refere às Transferências Voluntárias, houve queda substancial em 2011: 46,1% em rela-

ção a 2010. O Nordeste foi a região que mais sofreu com a diminuição no volume dessas transferências.

No que concerne ao setor primário, é sabido que, de acordo com Quarto Levantamento da Safra 2011/2012 da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a produção estimada de grãos sofrerá decréscimo de 2,8%, em virtude de condições climáticas desfavoráveis ao bom desenvolvimento das culturas. Para os cultivos de cana-de-açúcar, feijão e soja as perdas previstas alcançam 8,4%, 7,6% e 4,7%, respectivamente, frente à safra 2010/2011. Já para as culturas de milho, algodão e café esperam-se acréscimos de 12,6%, 2,9% e 1,7% no mesmo período de comparação.

No Nordeste, em que pese o avanço de 3,2% da área cultivada de 3,2%, o maior entre as regiões do país, prevê-se queda de 3,1% na produção de grãos. Para as culturas da cana-de-açúcar e café estimam-se acréscimos de até 8,8% e 20,9%, respectivamente.

No comércio externo, o ano de 2011 caracterizou-se por valores recordes tanto nas exportações nacionais quanto nas regionais. O Brasil exportou US\$ 256.039,5 milhões, cifra 26,8% superior à obtida em 2010. As importações brasileiras, por sua vez, alcançaram o patamar de US\$ 226.243,4 milhões, o que significou 24,5% a mais que em 2010.

Este desempenho foi favorecido por fatores macroeconômicos como a desvalorização da moeda nacional (comparativamente a 2010), somente registrada a partir de agosto de 2011. Essa desvalorização chegou a compensar parte do declínio dos preços internacionais das *commodities* agrícolas como café (-5,7%), soja (-14%), suco de laranja (-1,9%) e açúcar (-27,5%) que aconteceu no acumulado do ano de 2011, conforme informe do

Banco Central do Brasil (Indicadores Econômicos, 2012).

A balança comercial nordestina, por sua vez, atingiu déficit de US\$ 5.325,5 milhões, decorrentes de US\$ 18.830,3 milhões em exportações e US\$ 24.155,8 milhões em importações. Desde 2006, as compras externas da região crescem a níveis bem superiores aos das vendas. Em 2010, as importações aumentaram 62,9% e as exportações 36,6%; em 2011, essas variações foram de 37,4% e 18,7%, respectivamente.

Dentre os capítulos da NCM¹ exportados pelo Nordeste, destacam-se por ordem decrescente de variação da receita de vendas: algodão, com ampliação de 107,2% comparativamente a 2010; produtos químicos inorgânicos (80%); ferro fundido, ferro e aço (72%); sementes e frutos oleaginosos, grãos, etc. (51,2%) e combustíveis óleos e ceras minerais (50,7%).

O aumento recorde das exportações em 2011 decorreu principalmente do comportamento das *commodities* agrícolas e metálicas no mercado internacional. Em contrapartida, a indústria continua perdendo participação na pauta exportadora. As importações, por sua vez, foram beneficiadas, sobretudo, pela

discrepância entre produção industrial doméstica e consumo.

A análise do mercado de crédito nacional revela continuidade da expansão em 2011. Contudo, o ritmo é menor do que em anos anteriores, em função das medidas macroprudenciais adotadas no início ano, com destaque para o aumento dos recolhimentos compulsórios/encaixes obrigatórios, elevação do custo do dinheiro e redução no nível de concessão de crédito, objetivando desaquecer a economia doméstica e conter as pressões inflacionárias. Tanto no Brasil como no Nordeste, a expansão do crédito, em 2011, foi também acompanhada por uma leve subida no índice de inadimplência.

No que concerne ao prazo médio de recebimento das aplicações financeiras (Pmr) pelas agências de fomento, o Nordeste é a região que apresenta maior prazo, 555 dias. O Banco do Nordeste registra o maior Pmr na região, 1.738 dias (4,8 anos), seguido pelo BNDES, 1.040 dias (2,9 anos). Estas instituições são responsáveis pela maior parte do crédito de longo prazo contratado no Nordeste. Ressalte-se que na região nordestina, o avanço das operações de crédito deveu-se de forma decisiva aos bancos públicos, cuja taxa de crescimento foi mais que o dobro da alcançada pela banca privada.

2.2 - Expectativas

O cenário mundial para 2012 é de incerteza e crescimento reduzido como mostra o FMI ao revisar para baixo suas projeções para o PIB mundial de 2012: de 3,4%, em setembro de 2011, caiu para 3,2% agora em janeiro. Esse número é reflexo do desaquecimento observado na economia norte-americana, da crise e das incertezas na condução da política econômica europeia durante o quarto trimestre de 2011, particularmente na zona do euro, região para a qual o FMI antecipa declínio de 0,5% do PIB, em 2012.

¹ Nomenclatura Comum do Mercosul.

A excessiva exposição de bancos internacionais às dívidas soberanas de países da União Europeia com graves desequilíbrios fiscais pode gerar, entre outros efeitos, redução das linhas de crédito para fomentar o comércio e os investimentos, em âmbito global.

Como nos anos recentes, mais uma vez, a economia mundial deverá crescer alicerçada nos países emergentes (5,4%). O FMI projeta 8,2% de crescimento para a economia chinesa, 7% para a indiana e 3% para a economia brasileira.

Ressalte-se que previsões nacionais de expansão do PIB brasileiro, em 2012, são mais otimistas que a do FMI. Por exemplo, o IPEA a estima entre 3,5 e 4% e o Relatório Focus, do Banco Central, em 3,3%. Por outro lado, a equipe de conjuntura econômica do BNB-Etene aponta para um crescimento de 3,7%. Para o Nordeste, a equipe projeta crescimento do PIB em volta de 4,9% em virtude, principalmente, da expansão dos gastos públicos em infraestrutura, do aumento das atividades de comércio e serviços e da produção agropecuária. Quanto aos gastos públicos, cabe destacar as obras voltadas para a Copa do Mundo de 2014. Vale notar, ademais, que a estimativa para a economia regional pressupõe um incremento da participação do PIB nordestino no PIB brasileiro total de 13,62%, em 2011, para 13,78%, em 2012.

Para o volume de vendas do comércio nordestino espera-se, em 2012, expansão similar ao do agregado brasileiro, em torno de 5% ou 6%. Quanto à produção física industrial, prevê-se ligeira recuperação para o Nordeste, com crescimento em torno de 1,2%, e, para o total nacional, cerca de 3%, obviamente, dependendo do comportamento da economia internacional, especialmente, nas economias da Europa e dos Estados

Unidos, mas, também, dos arranjos cambiais internos.

Segundo o Comitê de Política Monetária (Copom), na Ata da 164^a Reunião, a taxa básica de juro da economia pode voltar à casa de um dígito e a expansão da oferta de crédito tende a persistir, tanto para pessoas físicas como jurídicas. A previsão tem como base o fato da confiança dos consumidores encontrar-se em níveis elevados e a expectativa da atividade doméstica continuar favorecida pelas transferências públicas e pelo vigor do mercado de trabalho, que se reflete em taxas de desemprego historicamente baixas e no crescimento dos salários.

Ademais, antecipam-se menores pressões inflacionárias em nível mundial, com declínio do índice de preços das *commodities*, situação que confere maior flexibilidade ao Banco Central do Brasil. Crescentem-se ainda dois vetores: a efetivação de investimentos ligados aos eventos esportivos da Copa do Mundo e a realização das eleições municipais deste ano, cujos gastos têm efeito dinamizador sobre a economia interna.

No Nordeste, a expansão do crédito também deverá manter-se elevada, devido ao bom desempenho de sua economia, cuja taxa de incremento deverá superar a média nacional, como já referido. Dessa forma, estima-se que o estoque das operações de crédito na região, em 2012, cresça 24% tendo em vista a reversão parcial das medidas macroprudenciais, a diminuição da taxa básica de juros e a expansão da atividade econômica regional, mantendo assim sua trajetória de crescimento acima da observada para o agregado nacional. Espera-se, entretanto, que esse crescimento seja acompanhado por um leve declínio na taxa de inadimplência, que pode atingir 3,4 % no final de 2012, reflexo da ex-

pansão da economia e do emprego e redução dos juros.

Para dezembro de 2012, o mercado prevê uma taxa de câmbio de R\$ 1,81/US\$. E, ainda mais: espera-se um valor das exportações brasileiras de US\$ 277 bilhões e importações de US\$ 257 bilhões, ou seja, um saldo comercial de cerca de US\$ 20 bilhões.

A estimativa do saldo da balança comercial do Nordeste é tarefa árdua, tendo em vista a elevada variância das importações de petróleo e derivados nos últimos anos. Mesmo assim, estima-se um valor de exportações em torno US\$ 20 bilhões e importações de US\$ 24 bilhões para a região em 2012, ou seja, um saldo, ainda, negativo em torno de US\$ 4 bilhões.

Tabela 1 – Principais Indicadores Econômicos – Nordeste e Brasil: Acumulado de Janeiro a Dezembro de 2011 – Índice Comparativo: acumulado do Ano (base: igual período do ano anterior=100)

Indicadores	Período	Unidade	Nordeste	Δ (%): 2011/ igual período de 2010	Brasil	Δ (%): 2011/ igual período de 2010
Agricultura¹						
Estimativa produção grãos	Janeiro a Dezembro	Mil t	15.489,10	-3,20	159.080	-2,40
Estimativa área plantada grãos	Janeiro a Dezembro	mil ha	9.028,80	3,20	50.447	1,10
Estimativa produtividade grãos	Janeiro a Dezembro	Kg/ha	1.716	-6,10	3.153	-3,40
Indústria²						
Produção física industrial	Janeiro a Dezembro	Percentual		-4,68	-	0,27
Pessoal ocupado assalariado	Janeiro a Novembro	Percentual		1,49	-	1,12
Número de horas pagas na indústria	Janeiro a Novembro	Percentual		1,35	-	0,64
Folha de pagamento real na indústria	Janeiro a Novembro	Percentual		5,20	-	4,29
Comércio³						
Comércio varejista volume de vendas	Janeiro a Novembro	Percentual		-	-	6,70
Comércio varejista ampliado vol. de vendas	Janeiro a Novembro	Percentual		-	-	7,70
Comércio Exterior						
Exportações (F.O.B.)	Janeiro a Dezembro	US\$ milhões	18.830	18,67	256.040	26,81
Importações (F.O.B.)	Janeiro a Dezembro	US\$ milhões	24.156	37,36	226.243	24,47
Corrente de comércio (exportações mais importações)	Janeiro a Dezembro	US\$ milhões	42.986	28,50	482.283	25,70
Saldo da balança comercial (exportações menos importações)	Janeiro a Dezembro	US\$ milhões	-5.325	210,00	29.796	47,89
Crédito⁴						
Saldo líquido das operações de crédito - SISBACEN	Janeiro a Novembro	R\$ milhões	121.320	11,83	1.746.712	13,64
Saldo dos depósitos bancários - SISBACEN	Janeiro a Novembro	R\$ milhões	152.615	8,12	2.489.745	7,38
Saldo líquido das operações de crédito do BNB (incluso FNE)	Janeiro a Dezembro	R\$ milhões	39.768	5,14	44.423	3,59
Saldo das contratações do BNB - recursos FNE ⁵	Janeiro a Dezembro	R\$ milhões	11.091	-1,79	-	-
Saldo das contratações do BNB - recursos PRONAF ⁵	Janeiro a Dezembro	R\$ milhões	1.349	16,26	-	-
Finanças Públicas						
Arrecadação de impostos federais ⁶	Janeiro a Dezembro	R\$ milhões	43.873	19,12	698.079	16,24
Arrecadação de ICMS ⁶	Janeiro a Novembro	R\$ milhões	39.592	1,51	271.124	4,62

(continua)

Tabela 1 – Principais Indicadores Econômicos – Nordeste e Brasil: Acumulado de Janeiro a Dezembro de 2011 – Índice Comparativo: acumulado do Ano (base: igual período do ano anterior=100)

(conclusão)

Indicadores	Período	Unidade	Nordeste	Δ (%): 2011/ igual período de 2010	Brasil	Δ (%): 2011/ igual período de 2010
Emprego						
Saldo emprego formal na indústria	Janeiro a Dezembro	Unidade	19.508	-68,19	200.180	-61,45
Saldo emprego formal na const.civil	Janeiro a Dezembro	Unidade	31.490	-66,68	148.960	-41,40
Saldo emprego formal no comércio	Janeiro a Dezembro	Unidade	57.953	-33,98	368.570	-29,07
Saldo emprego formal nos serviços	Janeiro a Dezembro	Unidade	118.055	-10,72	797.845	-8,28
Saldo emprego formal agropecuária, extrativismo vegetal, caça e pesca	Janeiro a Dezembro	Unidade	5.280	-14,67	50.488	294,59
Saldo total do emprego formal	Janeiro a Dezembro	Unidade	232.286	-39,20	1.566.043	-26,72
Taxa média de desocupação em Recife ⁷	Janeiro a Dezembro	Percentual	7,7	1,6	-	-
Taxa média de desocupação em Salvador ⁷	Janeiro a Dezembro	Percentual	7,9	1,9	-	-
Taxa média de desocupação no Brasil ⁷	Janeiro a Dezembro	Percentual	-	-	6,2	0,8

Fontes:

A: Agricultura - CONAB/Levantamento: Dezembro/2011.

(1): Produtos selecionados: caroço de algodão, amendoim (1^a e 2^a safras), arroz, aveia, centeio, cevada, feijão (1^a, 2^a e 3^a safras), girassol, mamona, milho (1^a e 2^a safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

B: Indústria - IBGE: a) Pesquisa Industrial Mensal Emprego e Salário (PIMES) e b) Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF).

(2): Dados divulgados pela fonte na forma de número-índice.

C: Comércio - IBGE: Pesquisa Mensal de Comércio (PMC).

(3): Dados divulgados pela fonte na forma de número-índice. Esta pesquisa não divulga dados no plano regional.

D: Comércio Exterior - MDIC/Estatísticas do Comércio Exterior/Balança Comercial Brasileira: dados consolidados e por unidades da federação.

E: Crédito - a) SISBACEN e b) BNB: Sistema de Demonstrações Financeiras (S440) e Ambiente de Controle de Operações de Crédito.

(4): Os saldos acumulados em dezembro de 2010 foram corrigidos para valores de dezembro de 2011 pelo IGP-DI a fim de se calcular a variação real dos indicadores entre 2010 e 2011.

(5): Além dos estados nordestinos, as contratações de crédito incluem operações na região norte de Minas Gerais e do Espírito Santo por integrarem a área de atuação do Banco do Nordeste do Brasil.

F: Finanças Públicas - a) Receita Federal do Brasil/Sistema DW-Arrecadação (Impostos Federais) e b) Secretaria de Fazenda, Finanças ou Tributação (ICMS).

(6): A arrecadação acumulada em dezembro de 2010 foi corrigida para valores de dezembro de 2011 pelo IGP-DI a fim de se calcular a variação real do montante arrecadado no período 2010/2011. Excluída receita previdenciária.

G: Emprego - a) MTE: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) e b) IBGE: Pesquisa Mensal do Emprego (PME).

(7): Variação interanual expressa em pontos percentuais.

H: Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna (IGP-DI) - Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Elaboração: Equipes da elaboração da Conjuntura Trimestral e da Central de Informações Econômicas, Sociais e Tecnológicas do BNB/ETENE.

3 - NÍVEL DE ATIVIDADE

3.1 - Produto Interno Bruto

O Produto Interno Bruto apresentou variação nula no terceiro trimestre de 2011 em relação ao trimestre anterior, confirmando as expectativas do mercado. Nas comparações interanuais, as taxas decrescentes do PIB revelam a desaceleração da economia brasileira.

Do lado da oferta, a agropecuária teve incremento de 3,2%, comparativamente ao desempenho do trimestre imediatamente anterior. Foi decisiva para o bom resultado da agropecuária, a forte expansão dos preços das *commodities* agrícolas em 2011, com cotações atingindo médias anuais nominais sem precedentes. Em 2012, a desaceleração da economia mundial poderá baixar de forma significativa os preços das *commodities*, com consequências negativas para o setor exportador brasileiro e nordestino.

Em contrapartida, a indústria (-0,9%) e os serviços (-0,3%) assinalaram decréscimos nessa base de comparação. O recuo do setor industrial resultou principalmente da queda de 1,4% da indústria de transformação. A pressão dos importados e o câmbio desfavorável são apontados como os principais fatores desse baixo desempenho. Já os demais segmentos da indústria apresentaram variação positiva, com destaque para o da extrativa mineral (0,9%) (Gráfico 1).

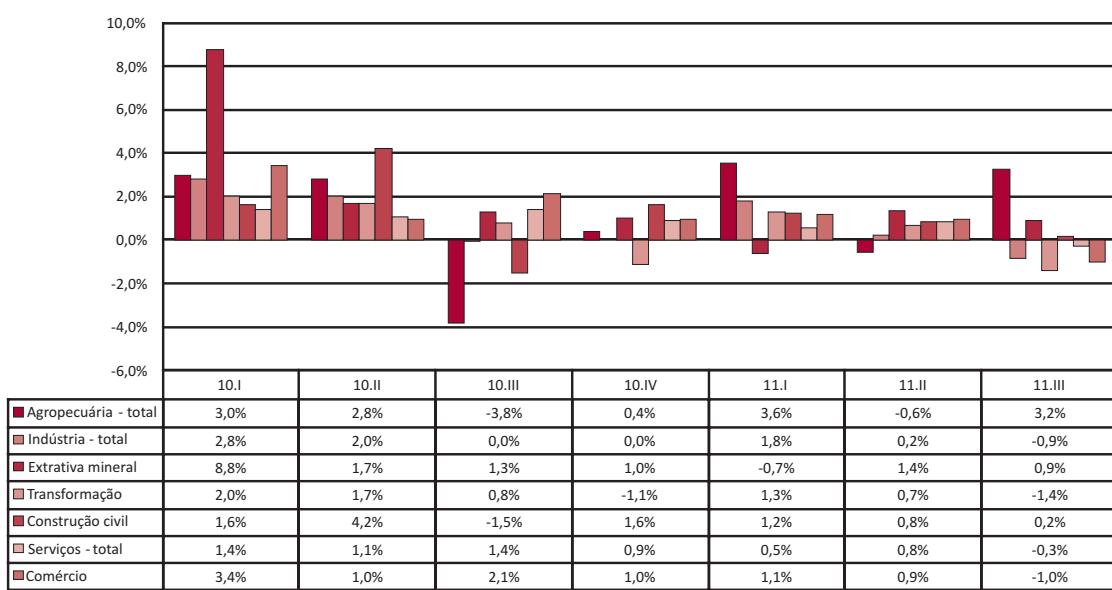


Gráfico 1 – Variação do PIB por componente de oferta – Trimestre\Trimestre – Imediatamente Anterior. 1º trimestre de 2010 a 3º trimestre de 2011

Fonte: IBGE, 2012a. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

Os dados mais recentes da Pesquisa Industrial Mensal (PIM-PF), a cargo do IBGE (2012d), revelam a continuidade dessa tendência de resultados da indústria nos últimos meses de 2011. De fato, a produção industrial cresceu apenas 0,3% em novembro, após registrar taxas negativas nos três meses anteriores, período em que totalizou perdas de 2,6%. No acumulado do ano, o acréscimo é de apenas 0,4%.

No plano regional, a indústria nordestina chegou a novembro com um recuo de 4,8% comparativamente ao acumulado janeiro-novembro do ano passado, resultado bem inferior à média nacional.

Na ótica da demanda, o resultado do PIB foi influenciado pela queda generalizada dos componentes de demanda, exceto exportações. O consumo das famílias assinalou um pequeno decréscimo de 0,1% comparado ao segundo trimestre, após registrar alta nos dois primeiros trimestres nessa mesma base de comparação. As medidas macroprudenciais adotadas pelo governo no final de 2011 visando à contenção do crédito direcionado para o consumo, bem como o ciclo de alta da Selic entre abril de 2010 e agosto de 2011, foram determinantes para essa desaceleração.

Entretanto, o consumo das famílias permanece positivo nos indicadores interanuais. Em relação ao mesmo trimestre de 2010, a expansão foi de 2,4%, o trigésimo segundo aumento nessa base de comparação. Já no acumulado do ano, houve incremento de 4,8%. Vale mencionar que esse indicador é o principal responsável pelo avanço da economia brasileira, representando 60,6% do Produto Interno Bruto.

O dinamismo do mercado de trabalho contribuiu substancialmente para reduzir o impacto das medidas de restrição de crédito ao consumo. O aumento de 2,6% da massa

salarial resultou, em grande parte da trajetória de queda do desemprego no país. De fato, considerado o agregado das seis principais regiões metropolitanas brasileiras (São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Salvador, Porto Alegre e Recife), a taxa de desemprego ficou em apenas 5,2% em novembro de 2011, a menor desde a reformulação da pesquisa mensal sobre emprego, em 2002.

Nas regiões metropolitanas nordestinas pesquisadas pelo IBGE constata-se um nítido recuo das taxas de desemprego. Recife se destaca com um percentual de apenas 5,5%, igual ao registrado no Rio de Janeiro e um pouco acima da média nacional. Vale destacar que as RMs nordestinas sempre registraram índices de desemprego superiores aos das demais regiões investigadas pelo IBGE.

Os ganhos reais de salários obtidos em 2011, sobretudo no primeiro semestre, contribuíram igualmente para sustentar o poder de compra das famílias. Os incrementos reais só não foram maiores devido ao forte crescimento dos preços dos alimentos. De acordo com a Pesquisa Nacional da Cesta Básica do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE, 2012a), o preço dos produtos alimentícios essenciais teve incremento superior a 10% em 3 das 17 capitais investigadas. Apenas Natal registrou recuo no preço dos alimentos em 2011.

Em 2012, a manutenção de ganhos reais de salários, particularmente do salário mínimo, contribuirá para expandir o consumo das famílias. Nesse sentido, o acréscimo real de 7,59% do salário mínimo (R\$ 622,00) trará impactos positivos à demanda doméstica. Segundo estimativas, esse crescimento proporcionará um aumento de R\$ 47 bilhões na renda da economia e um ganho de arrecadação sobre o consumo da ordem de R\$ 22,9 bilhões. Vale destacar que, no Brasil, 48 mi-

lhões de pessoas têm rendimento referenciado no salário mínimo e que o maior contingente de trabalhadores com renda de até um salário mínimo se encontra no Nordeste (DIEESE, 2012b).

Ademais, as medidas adotadas pelo governo em dezembro de 2011 certamente vão estimular a demanda interna em 2012. O governo reduziu a carga tributária para produtos da linha branca (fogões, geladeiras, máquinas de lavar) e da construção civil. Além disso, a farinha de trigo e o pão francês permanecerão com alíquota zero até 31.12.2012 enquanto o imposto sobre operações financeiras (IOF) para pessoas físicas foi reduzido de 3% a.a para 2,5% a.a (BRASIL, 2012c), com o objetivo de reduzir o custo do crédito para o consumidor.

Em âmbito regional, essas medidas terão impacto importante no consumo interno. De acordo com o economista José Sydrião de Alencar Júnior, diretor de Gestão de Desenvolvimento do Banco do Nordeste do Brasil,

um quarto do consumo brasileiro de produtos da linha branca e de cimento concentra-se no Nordeste (SARAIVA....,2011).

A redução do custo financeiro também beneficiará sobremaneira a trajetória de expansão do crédito direcionado às pessoas físicas no Nordeste, onde essa modalidade vem registrando progressão consistente desde janeiro de 2004 (Gráfico 2).

No caso dos investimentos, a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) recuou 0,2% entre o segundo e o terceiro trimestre, após dois períodos consecutivos de resultados positivos nessa base de comparação. Como decorrência, a taxa de investimento ficou em 20% do PIB no intervalo julho-setembro, queda de meio ponto percentual em relação a idêntico período de 2010. Confrontando com igual trimestre de 2010, constata-se elevação de 2,5%, percentual inferior aos resultados recentes observados nesse indicador. Vale mencionar que essa variável chegou a registrar incremento de 25% no primeiro trimestre de

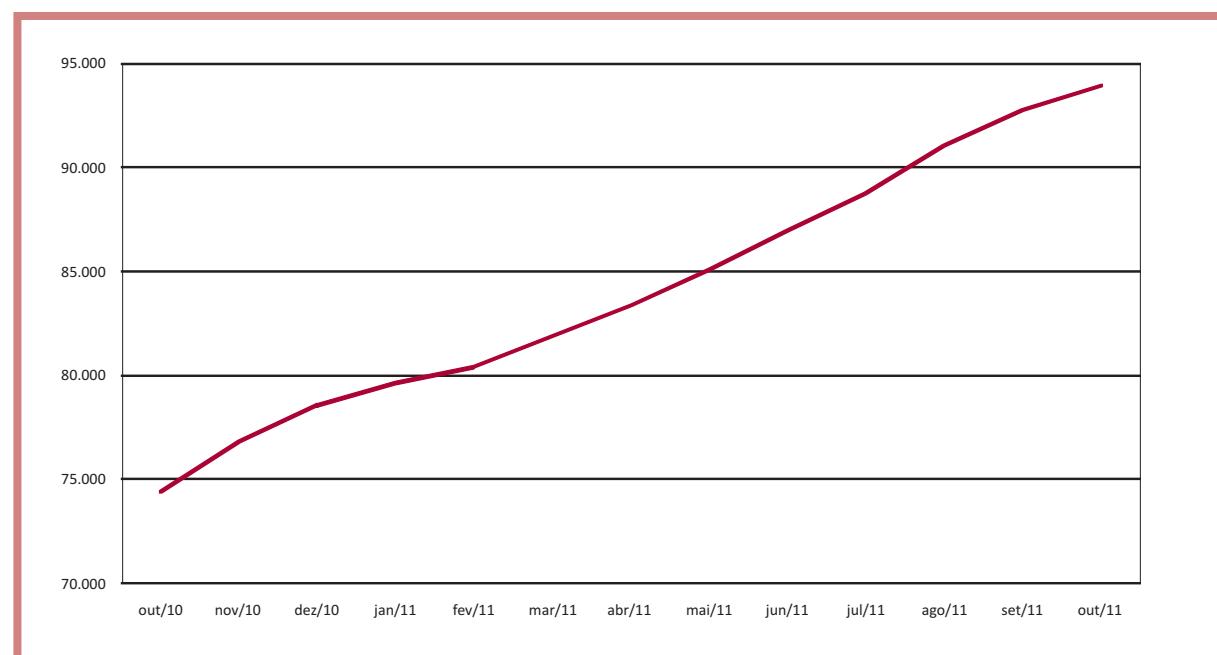


Gráfico 2 – Nordeste: Saldo das Operações de Crédito do Sistema Financeiro Nacional – Pessoas Físicas – Outubro de 2010 a Outubro de 2011

Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2012a. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

2010. Apesar da desaceleração, no acumulado dos três primeiros trimestres de 2011, houve avanço de 5,7% na FBCF ante 4,8% do consumo das famílias e de 2,2% da despesa de consumo da administração pública.

O fraco desempenho da produção industrial em 2011 foi o principal responsável pela retração dos investimentos que alguns setores haviam planejado no fim de 2010. É o caso da área petroquímica que reduziu em 10% as inversões na passagem de 2010 para 2011, com repercussão na queda de 2,7% observada nesse setor, em 2011, e no próprio desempenho da indústria como um todo. Já o setor de calçados recuou 20% nos investimentos comparativamente a 2010.

Nesses dois segmentos, com presença importante na matriz industrial nordestina, a concorrência com produtos importados e o desaquecimento da demanda são apontados como as principais causas do recuo dos investimentos.

Entretanto, oito dos nove segmentos consultados planejam aumentar ou manter investimentos de ampliação e modernização da capacidade produtiva em 2012. Nesse sentido, foram determinantes a sinalização do governo de intensificar o ritmo de obras públicas neste ano e os projetos de infraestrutura vinculados à Copa do Mundo e à Olimpíada de 2016.

No Nordeste, os projetos de investimentos em infraestrutura e no setor produtivo continuam relevantes, apesar da forte desaceleração da atividade industrial. As inversões industriais estão concentradas, sobretudo, nos setores da indústria extrativa, de bens intermediários e de energia.

Na indústria extractiva, a Petrobras anunciou a descoberta de reservas de petróleo

leve de excelente qualidade em águas profundas na costa de Sergipe. A empresa é operadora do bloco, com 60% de participação, e atua consorciada com a IBV-Brasil, que detém 40% (PETROBRAS, 2012). Vale destacar que o estado também foi beneficiado com o início de atividades de 14 empresas em 2011, com inversões na ordem de R\$ 40 milhões e geração de 1,3 mil empregos.

No segmento de bens intermediários, destacam-se os investimentos em Pernambuco (refinaria Abreu e Lima e complexo petroquímico de Suape), no Ceará (refinaria premium II e Companhia Siderúrgica do Pecém) e no Maranhão (refinaria premium I).

No ramo de energia, os investimentos são expressivos no Nordeste. O Rio Grande do Norte poderá se transformar em um grande fornecedor de energia renovável, em breve, dada a perspectiva de instalação de mais de 60 parques eólicos até 2013 (SARAIVA, 2011). Os cearenses também se destacam nesse segmento, com 50% da produção nacional de energia eólica. Os investimentos realizados no Ceará, nos últimos cinco anos, chegaram a R\$ 7 bilhões e há expectativa de mais R\$ 2 bilhões nos próximos dois anos (BAQUIT, 2011).

No caso da indústria termelétrica, vale mencionar o protocolo de intenções assinado pelo governo de Pernambuco e a empresa Star Energy Participações, do Grupo Bertin, para a instalação de uma usina, com capacidade de gerar 1.452 megawatts por hora. Será a maior unidade do mundo.

Além da termelétrica, está prevista a construção do Terminal de Armazenagem de Granéis Líquidos para estocar o combustível utilizado na Térmica Bertin que deverá gerar quatro mil empregos na fase de implantação

e dois mil e quinhentos, entre diretos e indiretos, na fase operacional (ALVES, 2011).

Pernambuco também será beneficiado com inversões no setor automotivo. Além de uma fábrica da Fiat com capacidade de produzir 200 mil carros por ano, o governo local negocia com a Pirelli a instalação de uma indústria de pneus no polo automobilístico em formação no estado.

A realização de grandes investimentos no Nordeste engendra um significativo incremento das importações de máquinas e equipamentos, principalmente nos estados com maior densidade industrial. A baixa concorrência da produção nacional e o fato de a região não ser grande produtora de bens de capital contribuem ainda mais para o aumento das compras internacionais de máquinas e equipamentos (Gráfico 3).

No caso do mercado externo, observa-se uma elevação de 1,8% das exportações entre julho e setembro na comparação com

o trimestre imediatamente anterior. Nesse indicador, as importações registraram uma queda de 0,4%. Apesar desses resultados, o aumento das compras internacionais (5,8%) permanece superior ao das vendas internacionais no acumulado do ano (4,1%).

Em 2011, as informações do Ministério do Desenvolvimento, da Indústria e do Comércio (MDIC) confirmam o dinamismo do comércio exterior brasileiro. No acumulado janeiro-dezembro, as exportações registraram incremento de 26,8%, totalizando valor recorde de US\$ 256 bilhões. Já as importações assinalaram alta de 24,5%, chegando a US\$ 226,2 bilhões, o maior valor já registrado. O superávit de US\$ 29,8 bilhões da balança comercial foi 47,8% superior ao observado em 2010.

A forte demanda externa por *commodities* em 2011 beneficiou substancialmente o setor exportador brasileiro. De fato, os produtos básicos assinalaram incremento de 36,1% no acumulado do ano. Enquanto isso, os semima-

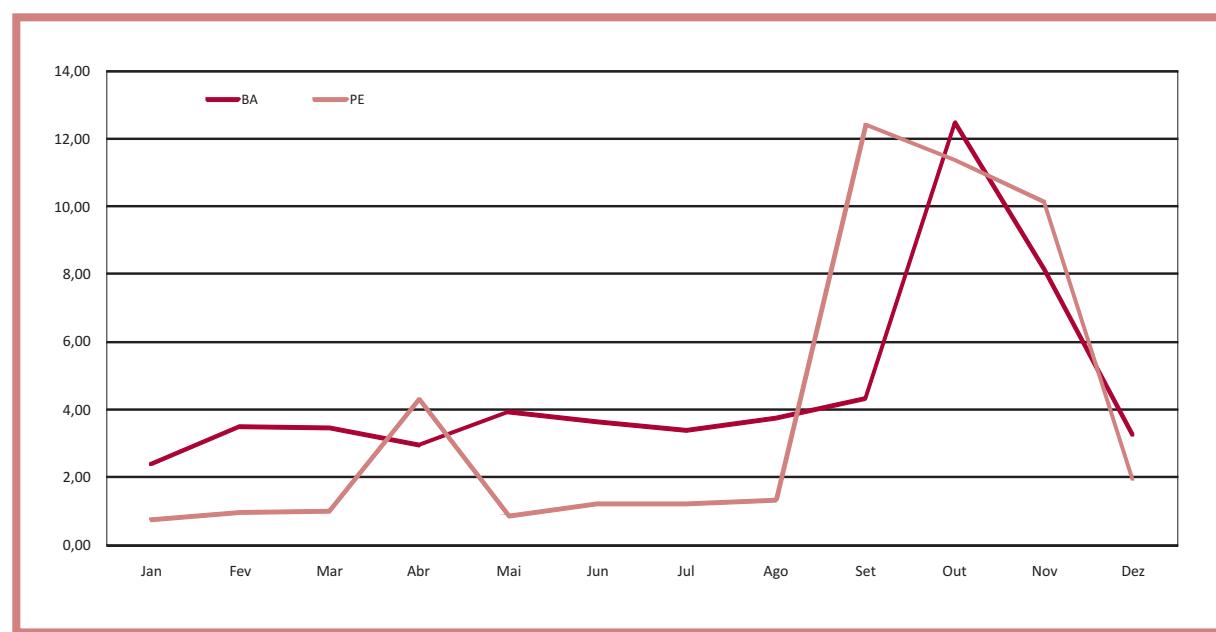


Gráfico 3 – Pernambuco e Bahia: Importação de Máquinas e Equipamentos, Aparelhos e Materiais Elétricos e Suas Partes, etc – Janeiro de 2011 a Dezembro de 2011 – em Milhões de Toneladas

Fonte: BRASIL, 2012e. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

nufaturados registraram aumento de 27,7%. Por outro lado, os produtos industriais apresentaram alta de apenas 16%, confirmando a perda de competitividade da indústria brasileira. Em decorrência disso, a participação da indústria na pauta exportadora caiu de 39,4% para 36,1% entre 2010 e 2011.

Os resultados do segundo semestre revelam uma nítida desaceleração da economia brasileira, em consequência, sobretudo, do baixo desempenho do setor industrial. Em função disso, constatou-se uma retração dos investimentos em setores relevantes da indústria de transformação. No Nordeste, a queda da produção industrial foi ainda mais acentuada.

Quanto ao consumo das famílias, a desaceleração observada a partir do terceiro tri-

mestre, em função das medidas de contenção de crédito adotadas no final de 2010 e do ciclo de alta da Selic, foi parcialmente compensada pelos bons resultados do mercado de trabalho. De fato, o indicador de atividade de comércio do Serasa Experian revela um crescimento de 8,7% do segmento no país em 2011, inferior aos 10,3% observados no ano anterior.

No mercado externo, a expansão recorde das exportações resultou principalmente, da alta dos preços das *commodities* agrícolas e metálicas no mercado internacional. Por outro lado, o setor industrial continua perdendo participação na pauta exportadora, acen-tuando o processo de reprimarização em curso. Já as importações foram beneficiadas, sobretudo, pela discrepância entre produção industrial doméstica e consumo.

3.2 - Comércio

3.2.1 - Desempenho do Comércio no Brasil

O comércio varejista brasileiro apresentou em novembro crescimento de 1,3% em relação ao mês anterior, de acordo com a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012b). Em 2011, o desempenho parece inferior à taxa de 10,9%, obtida em 2010, como previsto por *BNB Conjuntura Econômica*.

A PMC é feita junto a empresas com 20 ou mais empregados e receita bruta, predominantemente oriunda da atividade comercial varejista. A análise sobre o comportamento do comércio, a seguir, baseia-se no conceito de "volume de vendas" da PMC, que representa valores nominais correntes deflacionados por índices de preços específicos para cada grupo de atividades e unidade da federação.

O Quadro 1 mostra os resultados do comércio varejista e explicações sintéticas do

desempenho de cada um dos grupos de atividades, postos em ordem decrescente do índice acumulado de crescimento em 2011. Em novembro, o comércio varejista restrito apresentou crescimento de 1,3% em relação a outubro; de 6,8% sobre novembro de 2010; e de 6,7% e 7% no acumulado de 2011 e dos últimos 12 meses, respectivamente.

O comércio varejista ampliado, obtido pela inclusão dos grupos de atividades de veículos, motocicletas, partes e peças e de

material de construção (que incluem vendas no varejo e atacado), também cresceu em novembro nos quatro índices do Quadro 1, nas seguintes bases: 1,5% em relação a outubro; 3,2% em relação a novembro de 2010; 6,9% no acumulado de 2011 e 7,7% nos últimos 12 meses.

Os resultados alcançados em novembro refletem, todavia, uma mudança no patamar de crescimento em 2011. Com efeito, a taxa acumulada no comércio varejista restrito de 12 meses até novembro, de 7%, é inferior à de novembro de 2010, de 10,8%. Em geral, esses resultados sofreram influência de medidas governamentais, como menor oferta de

crédito, elevação das taxas de juros de mercado, assim como de expectativas desfavoráveis sobre os efeitos da crise europeia na economia brasileira.

Comparando-se o índice mensal de novembro de 2011/2010, todos os grupos de atividades do comércio experimentaram expansão, com destaque para o grupo equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (28,8%) e o de móveis e eletrodomésticos (12,3%), os quais apresentaram maiores taxas de incremento também em relação aos índices acumulados em 2011 e nos últimos 12 meses.

Grupos de Atividades	Índices de Desempenho (%) ¹				Comentários
	A	B	C	D	
Comércio Varejista Restrito	1,3	6,8	6,7	7,0	
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	6,0	28,8	17,6	18,6	Com o terceiro maior impacto positivo na formação da taxa global de varejo ampliado (11,9%), o desempenho decorreu, especificamente, da ampliação de programas de inserção digital e à diminuição dos preços: os preços dos microcomputadores, por exemplo, tiveram redução de 12,1% no acumulado de 12 meses, segundo o IPCA.
Móveis e eletrodomésticos	0,3	12,3	16,8	16,9	O segundo maior impacto positivo na formação da taxa global de varejo ampliado (41,9%), esse desempenho se justifica, especificamente, pela queda de preços de 4% dos eletroeletrônicos em 12 meses e pela expansão da demanda com o aumento da formalização do mercado de trabalho.
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria	1,0	8,6	10,0	10,4	Quinto maior impacto positivo na formação da taxa global de varejo ampliado (9,4%), o desempenho acima da média deve-se, sobretudo, ao caráter essencial de seus produtos.
Livros, jornais, revistas e papelaria	8,6	5,5	7,0	9,0	Com índice de crescimento acumulado de 7% em 2011, esse grupo tem o menor impacto (0,6%) na formação da taxa global de varejo ampliado. Especificamente, o desempenho acima da média proveio da diversificação na linha de produtos, principalmente pelas grandes redes de livrarias e papelarias.

(continua)

Quadro 1 – Índices de Desempenho (%) do Comércio Varejista no Brasil em 2011

(conclusão)

Grupos de Atividades	Índices de Desempenho (%) ¹				Comentários
	A	B	C	D	
Tecidos, vestuário e calçados	-0,5	0,9	5,9	7,6	Com crescimento acumulado abaixo da média em 2011, de 5,9%, esse grupo foi o único a registrar decréscimo em relação a outubro de 2011. A produção têxtil exibiu queda pelo 14º mês consecutivo, com recuo de 13% em novembro. Dentre os fatores de inibição das vendas do segmento, destacam-se o aumento no preço do vestuário de 8,8%, em 12 meses; a concorrência com importados chineses, o aumento de custos e a escassa produção de algodão. Em novembro, a produção do setor calçadista encolheu 16% na comparação interanual e, no acumulado 2011, 12%, resultando em perda de 9,3 mil empregos formais nos últimos 12 meses.
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	1,2	2,5	4,1	4,8	Quinto maior impacto na formação da taxa de global de varejo ampliado (3,8%), esse grupo de atividades vem perdendo ímpeto de crescimento se comparado com o desempenho de 2010, quando obteve expansão de 9,1%.
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	1,3	6,3	4,0	4,2	O grupo volta a exercer o principal impacto na formação da taxa de varejo (42%), mesmo com o crescimento acumulado de apenas 4% em 2011, apesar do arrefecimento dos preços dos alimentos em 2011, cuja taxa nos últimos 12 meses baixou de 10,7% em novembro de 2010 para 5,3% em novembro de 2011.
Combustíveis e lubrificantes	1,6	1,4	1,7	2,1	Sexta maior contribuição para o aumento do volume de vendas no varejo ampliado (2,2%). Depois de dois meses de variações negativas, cresceu 1,4% em novembro. O desempenho abaixo da média global se deveu principalmente ao aumento dos preços dos combustíveis no primeiro semestre de 2011, da ordem de 10,7%, segundo o IPCA.
Comércio Varejista Ampliado	1,5	3,2	6,9	7,7	
Material de construção	1,3	6,0	9,5	10,0	Quarta maior taxa de crescimento acumulado em 2011, de 9,5%, esse bom desempenho resultou do aumento da oferta de crédito para o setor habitacional, cujo saldo em 12 meses até novembro cresceu 46,2%, segundo o Banco Central.
Veículos, motos, partes e peças	4,6	-2,9	6,9	8,4	Esse grupo apresentou, pelo segundo mês consecutivo, variação negativa, resultante principalmente das medidas de restrição ao crédito. O setor automobilístico fechou 2011 com recorde de 3,4 milhões de unidades vendidas, crescimento de 2,9%, bem inferior ao registrado em 2010, devido principalmente à elevação da participação de importados, que passou de 19% para 26%.

Quadro 1 – Índices de Desempenho (%) do Comércio Varejista no Brasil em 2011

Fonte: Elaboração: Equipe do BNB/ETENE, com base em IBGE, 2012c, LCA, 2012.

1) Índices de desempenho (com base no volume de vendas): A) Índice Mês/Mês – nov./out.2011, série com ajuste sazonal; B) Índice Mensal – Nov.2011/2010; C) Índice acumulado em 2011; D) Índice acumulado nos últimos 12 meses.

3.2.2 - Desempenho do Comércio no Nordeste

APMC não agrupa o desempenho do comércio varejista por região. Considerando os resultados do comércio varejista ampliado acumulado em 2011, o Gráfico 1 mostra somente três estados nordestinos com crescimento superior ao do Brasil, que ficou em 6,9%: Paraíba (10%), Maranhão (9,7%) e Ceará (9,4%). Nos demais, pois, o desempenho foi inferior ao do Brasil, sendo Sergipe o estado com o pior índice (0,5%), conforme o Gráfico 4.

A PMC fornece a taxa de variação acumulada do comércio por atividade para os estados da Bahia, Ceará e Pernambuco. Conforme a Tabela 1, o Ceará sobressaiu. Os dois grupos de atividades com melhores resultados em cada estado foram: na Bahia, móveis e eletrodomésticos (19,1%) e livros, jornais, revistas e papelaria (18,3%); no Ceará, equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (24,9%) e livros, jornais, revistas e papelaria (20,8%); e, em Pernambuco, móveis e eletrodomésticos (28,1%) e combustíveis e lubrificantes (12,6%).

Os resultados obtidos até novembro tendem a confirmar as previsões de que o comércio varejista brasileiro em 2011 apresentará resultados positivos, mas abaixo da taxa de 10,9%, obtida em 2010. Em âmbito nacional, persistem indicadores - crescimento menor do PIB, renda, emprego e de gastos governamentais - que apontam para essa direção.

No mês de dezembro, um dos grandes momentos do comércio varejista, os indicadores mostram cautela dos consumidores, conforme pesquisas realizadas pelo Banco do Nor-

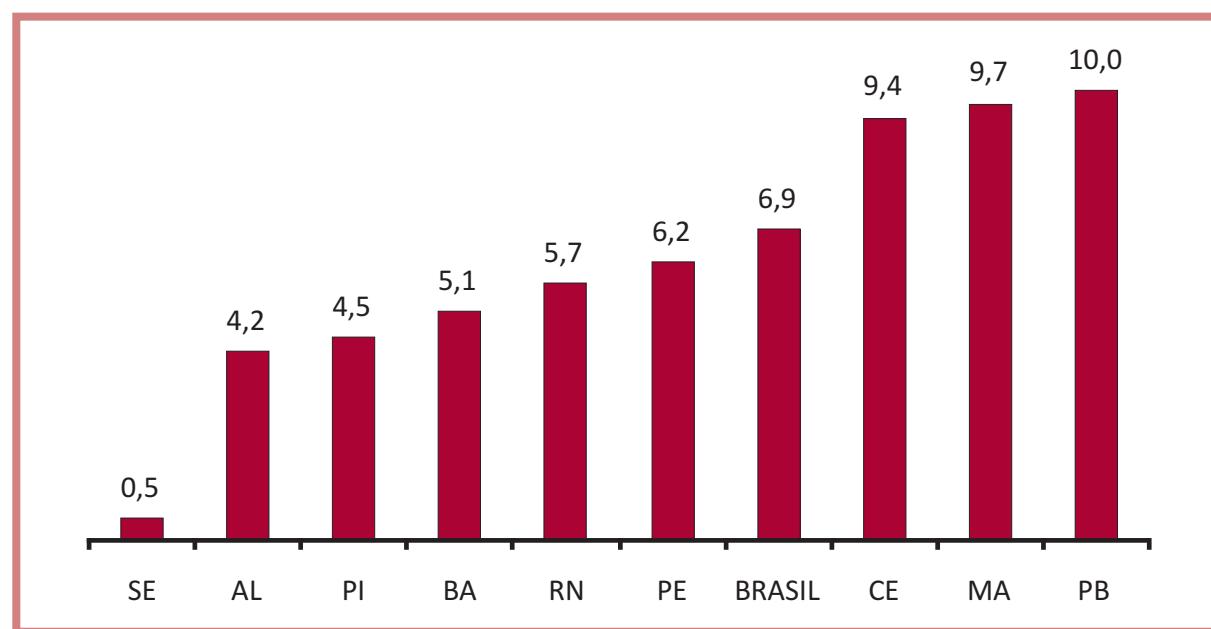


Gráfico 4 – Percentuais de Variação Acumulada do Comércio Varejista Ampliado no Brasil e Estados do Nordeste – Janeiro a Novembro de 2011

Fonte: IBGE 2012c. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

Tabela 1 – Percentuais de Variação Acumulada do Comércio Varejista na Bahia, Ceará e Pernambuco – Janeiro a Novembro de 2011⁽¹⁾

Grupos de Atividades	Bahia	Ceará	Pernambuco
Comércio Varejista Restrito	7,6	8,5	6,9
Combustíveis e lubrificantes	6,9	-2,2	12,6
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	2,0	8,1	-2,5
Tecidos, vestuário e calçados	9,1	-4,4	8,9
Móveis e eletrodomésticos	19,1	15,2	28,1
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria	10,7	19,4	10,6
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-26,6	24,9	-19,3
Livros, jornais, revistas e papelaria	18,3	20,8	11,1
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	6,1	1,2	10,2
Comércio Varejista Ampliado	5,1	9,4	6,2
Veículos e motos, partes e peças	-0,2	11,7	4,6
Material de construção	0,8	3,5	8,7

Fonte: IBGE, 2012a. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

⁽¹⁾ Base no ano: igual período do ano anterior = 100.

deste e Federações do Comércio sobre intenção de compra e perfil de endividamento dos consumidores. Por um lado, essas pesquisas revelam, para dezembro de 2011, persistência no otimismo dos consumidores e aumento de 14% na intenção de compra dos con-

sumidores nordestinos. De outro lado, indicam queda nos percentuais de consumidores endividados, de comprometimento da renda, de consumidores com dívidas em atraso, sinalizando cautela em relação às compras em dezembro (Gráfico 5).

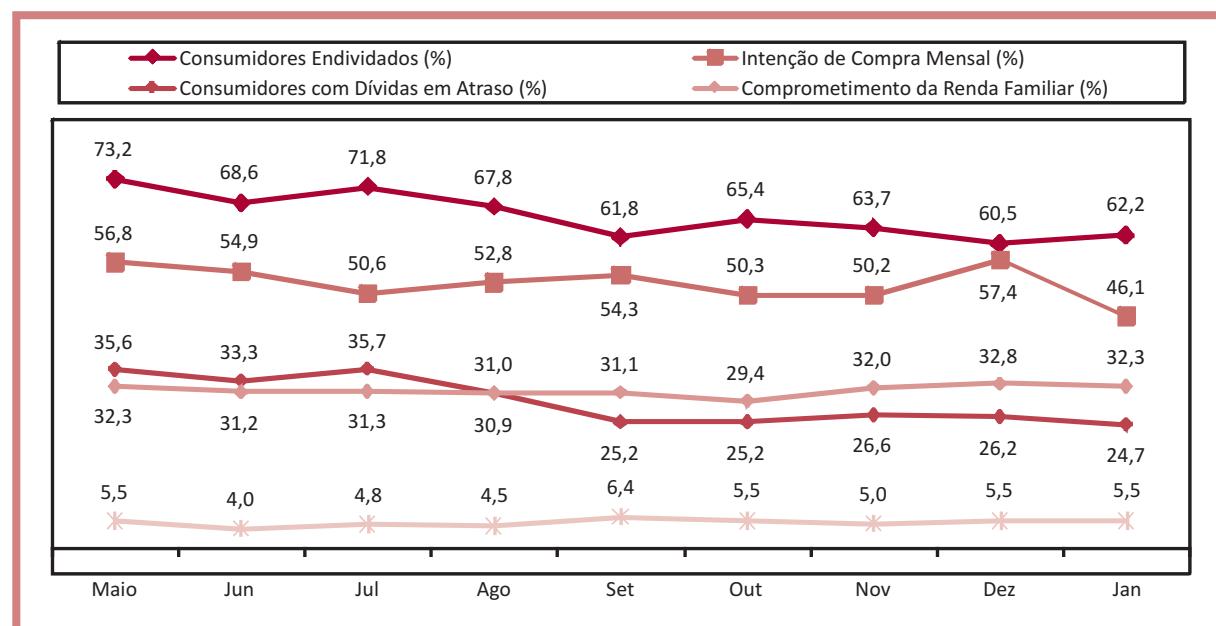


Gráfico 5 – Indicadores de Endividamento e de Intenção de Compra dos Consumidores das Capitais Nordestinas – Maio de 2011 a Janeiro de 2012

Fonte: BNB/FEDERAÇÕES DO COMÉRCIO, 2011. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

Nota: a partir de dez.2011, as pesquisas contemplaram oito capitais nordestinas.

Os consumidores nordestinos se mantêm confiantes e, ao mesmo tempo, cautelosos em relação a 2012. As expectativas econômicas correntes também configuram para o comércio varejista em 2012 um cenário mais

difícil que em 2011. Assim, para 2012, a LCA projeta um crescimento do comércio varejista brasileiro em torno de 6%, enquanto a estimativa da Fecomércio de São Paulo limita-se a 5%.

3.3 - Produção Industrial do Brasil

A Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), constatou uma expansão de apenas 0,3% da produção industrial em novembro na comparação com o mês anterior, após três meses consecutivos de variação negativa. A base de comparação mais baixa, devido à variação negativa de outubro, explica esse resultado. (Gráfico 6).

Nas comparações interanuais, os resultados foram igualmente decepcionantes. Em relação a novembro de 2010, observou-se um recuo de 2,5%, o maior desde outubro de 2009. A retração deve-se principalmente ao baixo desempenho da indústria de transformação, que amargou queda de 2,9%. Em contrapartida, a indústria extrativa cresceu 3,5%.

Nesse indicador, todas as atividades registraram decréscimo, com ênfase para veículos automotores (-4,2%), material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações (-15,2%), máquinas para escritório e equipamentos de informática (-14,7%), têxtil (-13%) e calçados e artigos de couro (-13,7%).

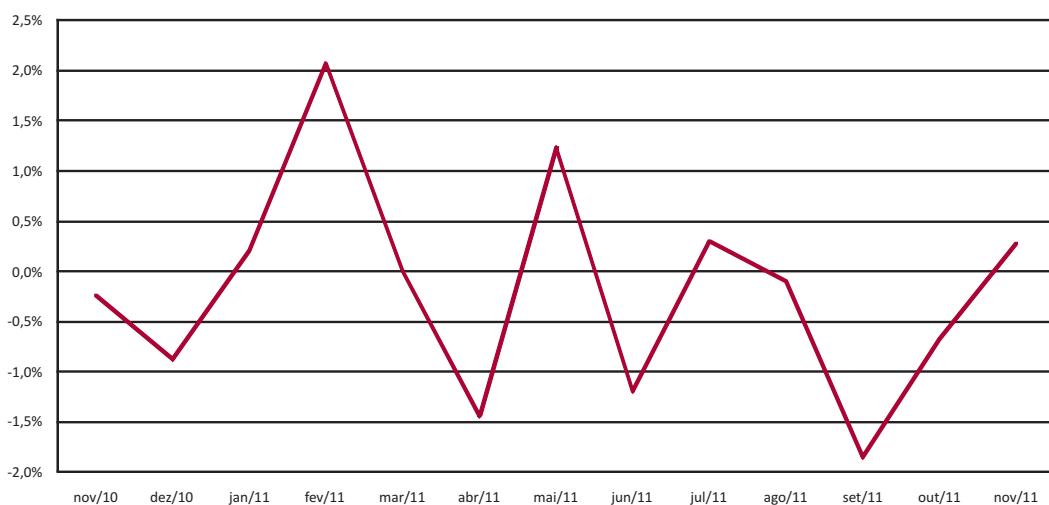


Gráfico 6 – Brasil: Produção Física Industrial, Mês/Mês Immediatamente – Anterior. Novembro de 2010 a Novembro de 2011

Fonte: IBGE, 2012a. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.



Grafico 7 – Brasil: Produção da Indústria Têxtil. Mês\Mesmo Mês do Ano – Anterior. Novembro de 2010 a Novembro de 2011

Fonte: IBGE, 2012f. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

No caso da indústria têxtil, a forte concorrência de produtos importados, sobretudo da China, se constitui o principal responsável pelo fraco desempenho da produção doméstica. Esse cenário adverso tem exigido das empresas estratégias de diferenciação de produtos visando driblar a concorrência, assim como o deslocamento de unidades de produção para o exterior (Gráfico 7).

Ademais, o setor vem exigindo do governo a adoção de medidas de proteção à indústria nacional. Nesse sentido, a Associação Brasileira da Indústria Têxtil (Abit) pretende protocolar um pedido de “medidas compensatórias” (multas e indenizações) contra a China, em resposta aos generosos subsídios concedidos aos exportadores daquele país.

A decisão da Abit ocorreu logo após o anúncio do Ministério da Fazenda de que mudará o regime de tributação para as compras internacionais de produtos têxteis. O governo pretende alterar o sistema atual de cobrança *ad valorem*, no qual incide um percentual sobre o valor do produto trazido

do exterior, para um sistema *ad rem*, que prevê um valor absoluto a ser pago sobre a quantidade de mercadoria adquirida fora do país. O objetivo é dificultar o subfaturamento dos importados, combatendo a concorrência desleal enfrentada pelo setor (BRASIL, 2012b).

Na avaliação da Associação Brasileira do Varejo Têxtil (ABVTEX), a medida penalizará os produtos mais baratos, direcionados para as classes de menor poder aquisitivo, que passam a sofrer incidência de impostos proporcionalmente maior que os artigos de luxo (LEO, 2012).

Por categoria de uso, o pior desempenho coube ao segmento de bens de consumo duráveis, com retração de 11,5%, bem acima da média nacional, seguido por bens de capital (-2,9%), bens intermediários (-1,4%) e bens de consumo semiduráveis e não duráveis (-0,8%).

No acumulado do ano, a produção industrial teve alta de apenas 0,4%, em função do aumento de 2,1% da indústria extrativa e de apenas 0,3% da indústria de transfor-

mação. Das 27 atividades investigadas 17 apresentaram resultados negativos. As maiores retrações vieram de veículos automotores (-4,2%), material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações (-15,2%), máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-14,2%), têxtil (-13%) e calçados e artigos de couro (-13,7%).

Dentre as categorias de uso, os segmentos de bens de capital (3,6%) e bens intermediários (0,4%) assinalaram acréscimo. Os ramos de bens de consumo duráveis (-1,7%) e semiduráveis e não duráveis (-0,2) registraram quedas.

O fraco desempenho da produção industrial em 2011 afetou o Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci). De acordo com as informações da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o Nuci da indústria de transformação alcançou 84,1% em dezembro de 2011, com recuo de 1,2 ponto percentual em relação a dezembro de 2010 (85,3%). Por categoria de uso, observa-se que todos os segmentos

apresentaram aumento no grau de ociosidade, com ênfase para material de construção e bens intermediários (Gráfico 8).

Em compensação, constata-se um déficit substancial da balança comercial da indústria de transformação, atingindo US\$ 35,3 bilhões no acumulado janeiro-setembro de 2011, bem acima dos US\$ 25,8 bilhões negativos observados no mesmo período de 2010. Na avaliação do Instituto de Estudos de Desenvolvimento Industrial (Iedi), "o ingresso de importados e o baixo dinamismo das economias avançadas, reduzindo o leque de mercados importadores, tendem a colocar uma pressão maior sobre os mercados domésticos" (IEDI, 2012a).

Uma das implicações da desaceleração da produção industrial é o retrocesso da participação da indústria no emprego. Em novembro de 2011, o setor assinalou o pior desempenho nos últimos nove anos em termos de participação no total de pessoas empregadas nas seis principais regiões me-

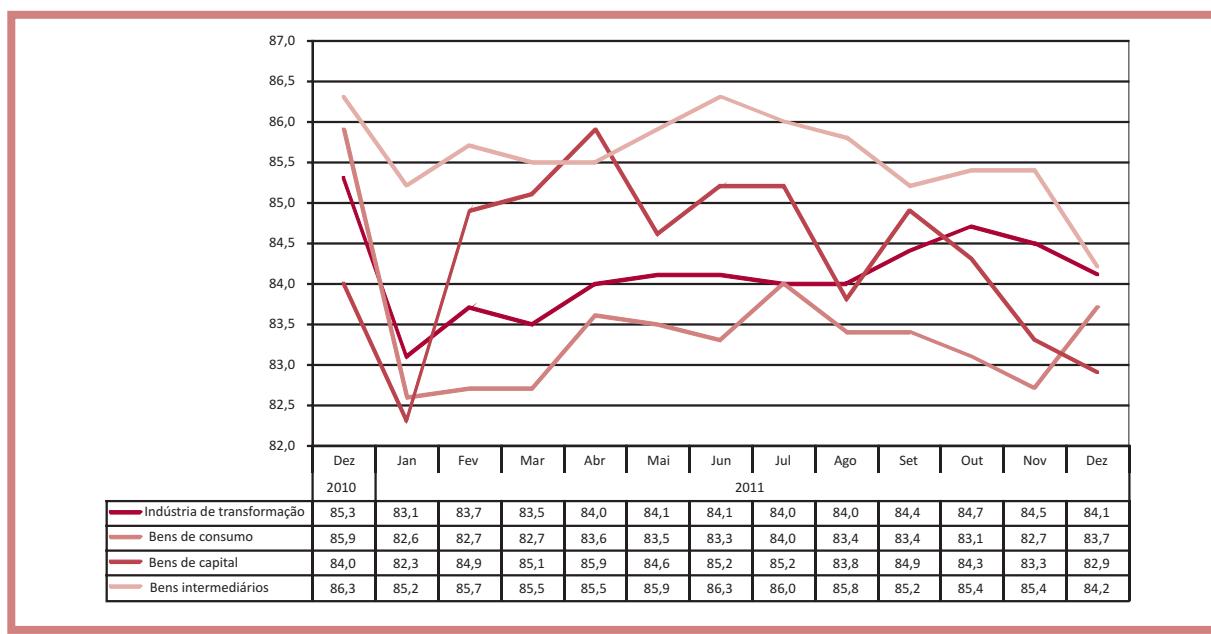


Gráfico 8 – Brasil. Nível de Utilização da Capacidade Instalada com Ajuste Sazonal por Categoria de Uso. Dezembro de 2010 a Dezembro de 2011

Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2012b. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

tropolitanas investigadas pelo IBGE. Comparativamente ao mesmo período de 2010, houve uma redução de 53 mil pessoas no efetivo industrial (IEDI, 2012b).

Diante desse cenário, as recentes medidas de estímulo ao consumo e de proteção a determinados segmentos sensíveis à concorrência dos importados visam à agregação de valor em território nacional. Ou seja, a expectativa é que a expansão da demanda interna favoreça a oferta local em detrimento das importações.

Em suma, o baixo desempenho da produção industrial em 2011 intensificou o processo de substituição da produção local por

importações. O agravamento da crise internacional no segundo semestre e as medidas de contenção da demanda interna foram decisivas para esse cenário.

Para 2012, a recuperação da atividade industrial esbarra na deterioração da demanda global por produtos manufaturados em decorrência da crise econômica mundial. Em contrapartida, a trajetória recente de queda da Selic, a expansão dos investimentos públicos e a reversão de algumas medidas de contenção do crédito, assim como a implementação de medidas protecionistas a alguns segmentos sensíveis à concorrência externa, podem estimular a ampliação do valor adicionado no plano doméstico.

3.3.1 - Produção Industrial do Nordeste

As informações da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física Regional, a cargo do IBGE, revelam que a atividade industrial nordestina registrou decréscimo de 2,9% em novembro de 2011 em relação a outubro, após dois meses seguidos de crescimento, acumulando alta de 0,8%.

No indicador mensal, o recuo foi de 2,6%, sendo o décimo terceiro mês consecutivo de variação negativa nesse tipo de comparação. Em novembro, oito dos onze segmentos pesquisados apresentaram quedas, as mais expressivas nos ramos de produtos têxteis (-24,6%), refino de petróleo e produção de álcool (-21%), calçados e artigos de couro (-10,5%) e celulose e papel (-5,8%) (Gráfico 9).

No acumulado do ano, a diminuição de 4,8% da atividade industrial refletiu o desempenho insatisfatório de sete dos onze setores investigados. As maiores retraições foram observadas na indústria têxtil (-24,2%), calçados e artigos de couro (-13,5%), refino

de petróleo e produção de álcool (-7%) e produtos químicos (-6,4%) (Gráfico 10).

No caso da indústria química, o cenário de desaceleração segue a tendência nacional. De acordo com a Associação Brasileira da Indústria Química (ABIQUIM, 2012), o índice de produção médio recuou 3,99% no acumulado janeiro-outubro, enquanto as vendas internas decresceram 3,49% no mesmo período.

Em contrapartida, as importações da indústria química totalizaram US\$ 34,9 bilhões entre janeiro e outubro de 2011, aumento de 26,7% comparativamente a idêntico período de 2010. Já as exportações somaram US\$ 13,1 bilhões, alta de apenas 7,3%. Esse resultado engendrou um déficit de US\$ 21,7



Gráfico 9 – Produção Industrial Nordestina. Janeiro de 2010 a Novembro de 2011. Indicador Mês Mesmo Mês do Ano Anterior

Fonte: IBGE, 2011. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

bilhões, 28,3% maior do que aquele verificado no mesmo intervalo de 2010.

Na avaliação da Abiquim, o crescimento expressivo das importações reflete a perda de competitividade da indústria química nacional, os incentivos estaduais para importa-

ção e a sobrevalorização da moeda nacional. Ademais, o agravamento da crise internacional e o aumento dos excedentes mundiais de produtos químicos poderão acelerar mais ainda as importações. Segundo conclui a associação, como a indústria química geralmente opera em regime de processo contí-

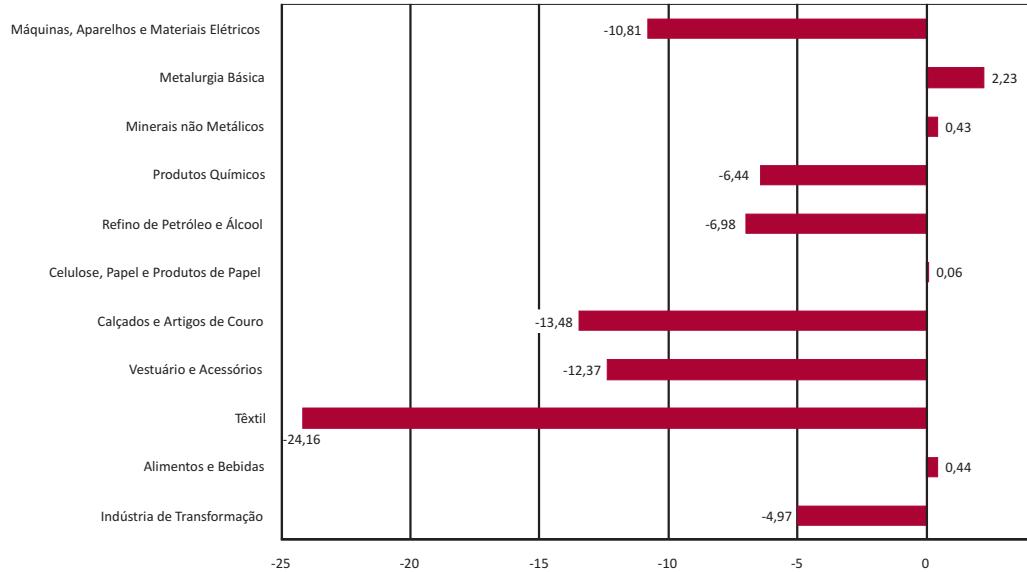


Gráfico 10 – Nordeste. Classe e Gêneros da Indústria de Transformação. Indicador Acumulado do Ano

Fonte: IBGE, 2012b. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

nuo, não é possível reduzir a produção na mesma velocidade com que ocorrem as quedas de consumo. Por essa razão, deve haver um fluxo maior para o mercado brasileiro.

Esse mesmo cenário se observa nos segmentos intensivos em mão de obra (têxteis e calçados, por exemplo), com presença expressiva no Nordeste. De fato, a crise econômica mundial e o aumento dos excedentes mundiais, associados à sobrevalorização do câmbio, estimulam a entrada de produtos importados em mercados dinâmicos, como o nordestino. Em decorrência disso, esses setores são obrigados a reduzir seus níveis de produção. Adicionalmente, a retração dos mercados externos e a apreciação cambial dificultam as vendas internacionais desses produtos.

No caso da indústria têxtil, além da concorrência chinesa, outros países se beneficiam do mercado brasileiro e nordestino. De acordo com a Abit, várias grifes brasileiras estão produzindo roupa de algodão no Peru e exportando para o Brasil, utilizando maquinário moderno, matéria-prima de qualidade

e mão de obra barata. As empresas brasileiras se beneficiam de um acordo assinado entre o Peru e o Mercosul que permite a importação desse país para os integrantes do bloco sem taxa de importação. Com a crise nos principais mercados avançados, grande parte da produção peruana foi direcionada para o Brasil (GLOBAL 21, 2012).

O estado do Ceará, por exemplo, ilustra bem esse cenário. Com uma base industrial pouco diversificada, a indústria cearense apresentou resultados negativos em todas as bases de comparação no mês de novembro. Nas comparações interanuais, verificou-se decréscimo de 6,8% no indicador mensal, o 14º resultado negativo seguido; e de 12,1% no acumulado janeiro/novembro. Entre janeiro e novembro, nove dos dez setores investigados experimentaram retrocesso, com maior evidência para os ramos de produtos têxteis (-22,7%) e calçados e artigos de couro (-22,2%) (Gráfico 11).

A retração na produção do segmento têxtil fez-se acompanhar de um significativo cresci-

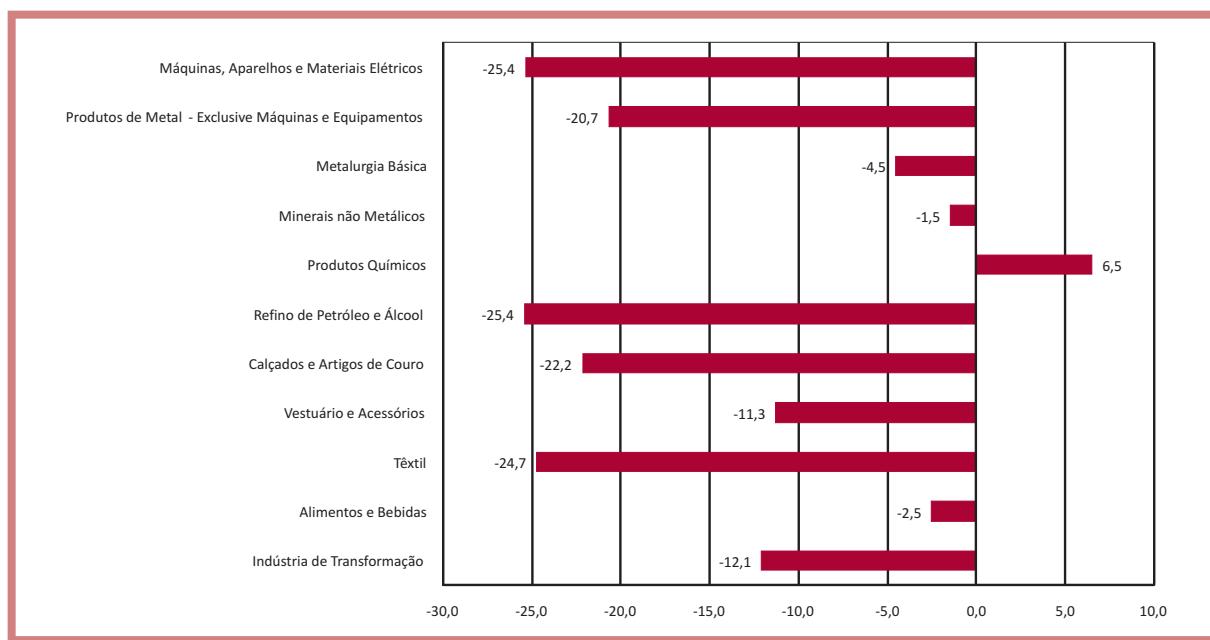


Gráfico 11 – Ceará. Classe e Gêneros da Indústria de Transformação. Indicador – Acumulado do Ano

Fonte: IBGE, 2012b. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

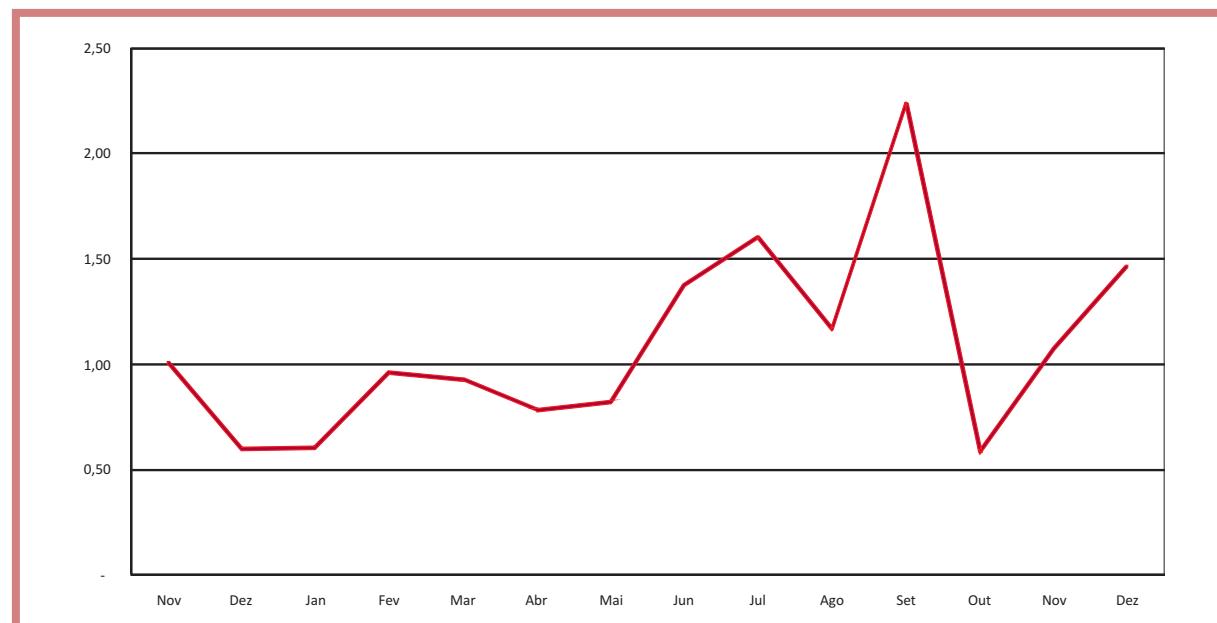


Gráfico 12 – Ceará. Importação de Produtos Têxteis. Novembro de 2010 a – Dezembro de 2011 – US\$ Milhões

Fonte: IBGE, 2012e. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

mento das suas importações. Já as exportações foram afetadas não somente pela crise econômica mundial, mas também pelas medidas protecionistas impostas por tradicionais parceiros, como é o caso da Argentina. (Gráfico 12).

Em Pernambuco, a atividade industrial assinalou um incremento de 1,9% em novembro no confronto com o mesmo mês do ano

anterior, sendo o sexto resultado positivo nesse indicador. Por outro lado, apresentou uma retração de 0,4% no acumulado do ano, com cinco das onze atividades investigadas registrando resultados negativos. Os maiores recuos couberam a máquinas, aparelhos e material elétricos (-13,1%), metalurgia básica (-7,1%) e alimentos e bebidas (-3,4%) (Gráfico 13).

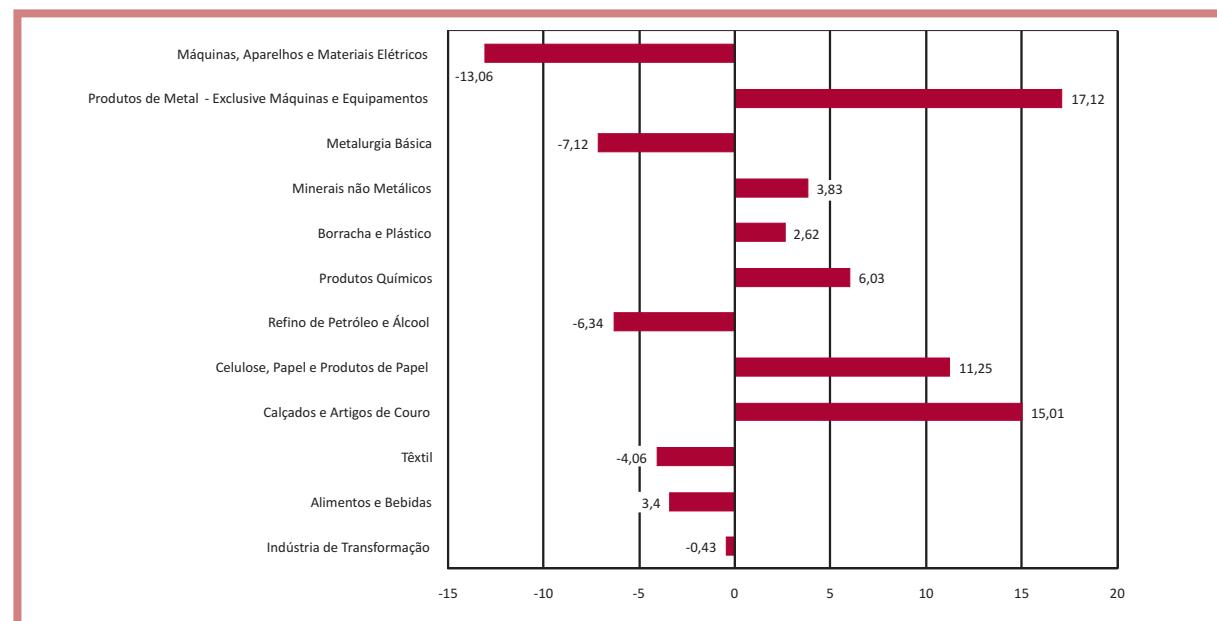


Gráfico 13 – Pernambuco. Classe e Gêneros da Indústria de Transformação – Indicador Acumulado do Ano

Fonte: IBGE, 2012e. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

Na Bahia, constatou-se uma diminuição de 4,2% da produção industrial em novembro na comparação com novembro de 2010. Essa retração refletiu o baixo desempenho do segmento de refino de petróleo e produção de álcool (-28,1%), em decorrência, sobretudo, da paralisação técnica parcial em unidade produtiva do setor. Os ramos de metalurgia básica (-12,4%), celulose e papel (-8,5%) e veículos automotores (-36,3%) também exerceram pressões negativas importantes.

No acumulado do ano, a queda de 4,3% da atividade industrial foi influenciada pela redução de seis das nove atividades investigadas. As principais contribuições negativas ocorreram nos ramos de metalurgia básica (-11,7%), refino de petróleo e produção de álcool (-8,2%) e produtos químicos (-8%) (Gráfico 14).

Além dos problemas conjunturais (aumento dos excedentes mundiais, câmbio apreciado, incentivos estaduais para importação), o

desempenho do segmento de produtos químicos ainda é negativamente influenciado pela interrupção do fornecimento de energia elétrica que atingiu o Nordeste em fevereiro de 2011, com substancial impacto sobre o polo petroquímico de Camaçari.

Apesar da conjuntura adversa, na Bahia, os investimentos da indústria petroquímica continuam. Uma parceria entre a Braskem e a Basf possibilitará a construção de um complexo acrílico que irá gerar quase um mil empregos durante a fase de implantação. O início das operações está previsto para o final de 2014, com efetivo de 230 empregos diretos e 600 indiretos. De acordo com a direção da Basf para a América do Sul, esse investimento provocará impacto positivo na balança comercial, com aumento de US\$ 100 milhões nas exportações e recuo de US\$ 200 milhões nas importações.

Em síntese, a retração generalizada da indústria nordestina tem como causas prepon-

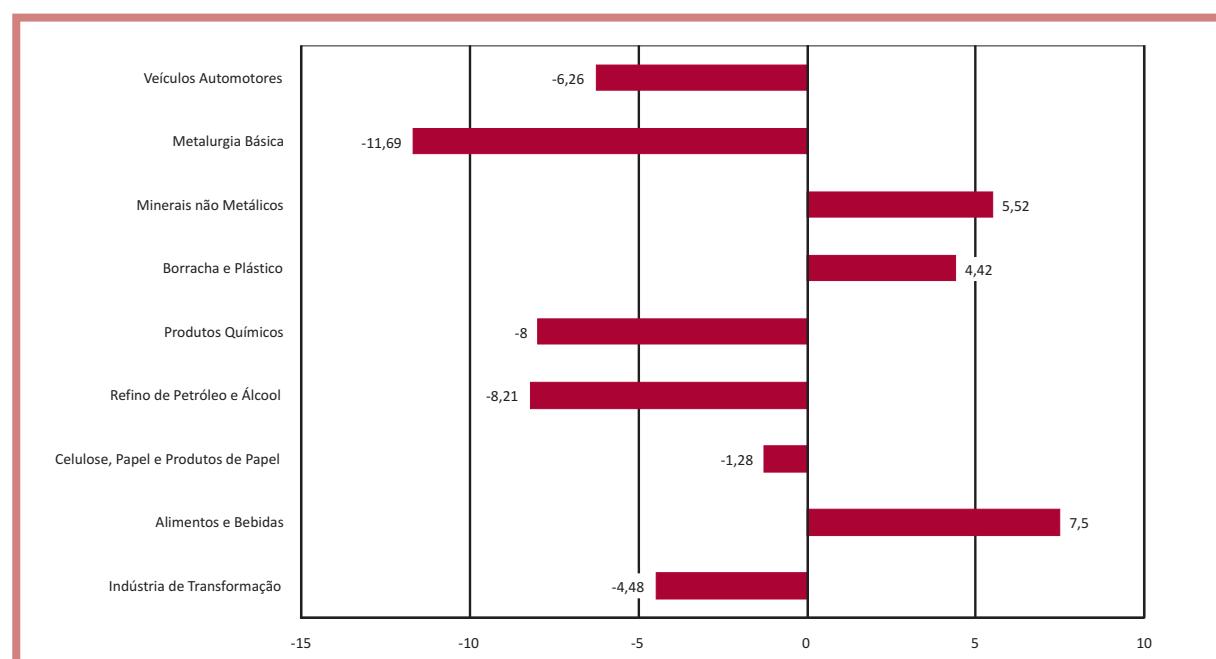


Gráfico 14 – Bahia. Classe e Gêneros da Indústria de Transformação. Indicador – Acumulado do Ano

Fonte: IBGE, 2012e. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

derantes a desaceleração da demanda externa, o expressivo aumento dos excedentes mundiais em segmentos representativos da indústria nordestina e a apreciação do câmbio. Em contrapartida, a demanda interna continua elevada na região, apesar das me-

didas restritivas adotadas no final de 2010. De fato, seis das nove capitais contempladas pela Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE assinalaram expansão do comércio varejista superior à média nacional no acumulado janeiro-novembro.

3.4 - Produção Agropecuária

3.4.1 - Agricultura

ACompanhia Nacional de Abastecimento (CONAB, 2012) acaba de divulgar o quarto levantamento da safra 2011/2012, com informações sobre o plantio da safra 2011/2012 na região Centro-Sul e o encerramento da safra de 2010/2011 no Norte e Nordeste. De acordo com o documento, a produção estimada para a safra nacional de grãos é de 158.445 mil toneladas, queda de 2,8% sobre a de 2010/2011, devido a condições climáticas impróprias ao bom desenvolvimento das culturas nos principais centros produtores. Os estados do Sul são afetados pela gravidade climática, prejudicial às lavouras de milho e soja em sua fase de floração e frutificação. Como consequência, a produtividade média estimada teve redução de 4,2% em relação à safra de 2010/2011.

Em termos de área cultivada, a previsão é de acréscimo da ordem de 1,5%, alcançando 50,6 milhões de hectares em todo o Brasil. Os destaques são as regiões Nordeste e Centro-Oeste com variações de 3,2% e 2,7%, respectivamente. As culturas de milho e algodão registraram os maiores avanços em produção e área cultivada.

A variação ocorrida no Nordeste, que responde por 17,8% de toda a área cultivada no país, foi a maior entre as demais regiões, agregando 283,7 mil hectares ao total nacional. Destaques para Maranhão (9,2%), Piauí (5,3%) e Bahia (2,5%), sobretudo pela ampliação das áreas com algodão. Contudo, estima-se recuo de 3,1% na produção e de 6,1% na produtividade com relação à safra de 2010/2011. Quanto às semeaduras das lavouras de milho, feijão e soja, que se iniciam em

janeiro de 2012, ainda não existe definição quanto ao total da área utilizada (Tabela 2).

Algodão

Segundo a Conab, para a safra 2011/2012 projeta-se uma área de 1.405,3 mil hectares cultivada com algodão, o que representa acréscimo de 0,4% sobre a safra 2010/2011 ou cerca de 4,8 mil hectares. O incremento na área cultivada é resultado dos bons números obtidos na safra de 2010/2011, que repercutem na evolução da safra 2011/2012. A estimativa é de uma produção em torno de 5,3 milhões de toneladas de algodão em caroço, acréscimo de 89,1 mil toneladas, correspondente a um aumento de 1,7% em relação à safra anterior.

No Nordeste, a expectativa segue o panorama nacional: incremento de 3,3% na

Tabela 2 – Brasil. Comparativo de Área, Produtividade e Produção de Grãos. Produtos Selecionados^(*). Safras 2010/2011 e 2011/2012

Região/UF	Área (mil ha)			Produtividade (kg/ha)			Produção (mil t)		
	Safra 2010/11 (a)	Safra 2011/12 (b)	Var. % (b/a)	Safra 2010/11 (c)	Safra 2011/12 (d)	Var. % (d/c)	Safra 2010/11 (e)	Safra 2011/12 (f)	Var. % (f/e)
NORTE	1.717,6	1.691,9	-1,5	2.705	2.601	-3,8	4.645,3	4.401,4	-5,3
NORDESTE	8.750,9	9.034,6	3,2	1.828	1.716	-6,1	15.997,9	15.502,8	-3,1
Maranhão	1.583,5	1.729,7	9,2	2.089	1.957	-6,3	3.308,5	3.384,3	2,3
Piauí	1.146,2	1.206,8	5,3	1.974	1.876	-5,0	2.262,3	2.263,9	0,1
Ceará	1.434,1	1.434,2	0,0	936	754	-19,5	1.342,7	1.081,0	-19,5
Rio Grande do Norte	157,1	157,1	0,0	687	610	-11,3	108,0	95,9	-11,2
Paraíba	329,9	330,3	0,1	439	502	14,4	144,8	165,7	14,4
Pernambuco	634,2	634,2	0,0	587	553	-5,8	372,3	350,4	-5,9
Alagoas	122,6	122,6	0,0	822	726	-11,7	100,8	89,0	-11,7
Sergipe	268,4	268,4	0,0	3.792	3.535	-6,8	1.017,7	948,7	-6,8
Bahia	3.074,9	3.151,3	2,5	2.387	2.261	-5,3	7.340,8	7.123,9	-3,0
CENTRO-OESTE	16.930,7	17.391,6	2,7	3.359	3.327	-0,9	56.866,3	57.861,0	1,7
SUDESTE	4.796,4	4.882,2	1,8	3.692	3.729	1,0	17.708,0	18.204,4	2,8
SUL	17.723,0	17.661,0	-0,3	3.822	3.538	-7,4	67.740,1	62.476,0	-7,8
NORTE/NORDESTE	10.468,5	10.726,5	2,5	1.972	1.856	-5,9	20.643,2	19.904,2	-3,6
CENTRO-SUL	39.450,5	39.934,8	1,2	3.607	3.469	-3,8	142.314,9	138.542,3	-2,7
BRASIL	49.919,0	50.661,3	1,5	3.264	3.128	-4,2	162.958,1	158.446,5	-2,8

Fonte: CONAB, 2012c. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

(*) Produtos Selecionados: caroço de algodão, amendoim (1^a e 2^a safras), arroz, aveia, centeio, cevada, feijão (1^a, 2^a e 3^a safras), girassol, mamona, milho (1^a, 2^a safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

área cultivada, com destaques para os estados do Piauí (+24,2%) e Bahia (+2,5%). Na safra 2011/2012, a produção regional de algodão em caroço deverá registrar cerca de 1,8 milhão de toneladas. Os produtores localizados nas áreas de cerrado do Piauí e Bahia deverão experimentar os maiores incrementos na produção: 13,2% e 0,6%, respectivamente (Tabela 3).

No mercado internacional, os valores dos contratos futuros da Bolsa de Nova Iorque fecharam em baixa em novembro de 2011, consequência tanto da crise da dívida dos países da zona do euro quanto da difícil recuperação da economia norte-americana. As estimativas de produção mundial para 2011/2012, divulgadas pelo Comitê Consultivo Internacional do Algodão (ICAC), são de crescimento de 8%. A safra deve atingir 26,9

milhões de toneladas como resultado, principalmente, da expansão de área plantada.

Segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Escola Superior de Agricultura Luiz Queiroz (Esalq) (CEPEA/ESALQ, 2011d), mesmo com o consumo estabilizado em 24,6 milhões de toneladas, a relação estoque/consumo tenderá a aumentar, pois se estima um aumento de estoques para 11,3 milhões ante 9,1 milhões de toneladas na safra de 2010/2011. Dessa forma, baseando-se no mercado futuro da Bolsa de Nova Iorque, no acumulado do mês, as cotações com o primeiro vencimento em dezembro recuaram 11,7% enquanto nos contratos para março/2012 a queda cravou 9,8%. Para os vencimentos em maio e julho de 2012, as variações negativas foram de 9,67% e 9,59%, respectivamente, conforme o Cepea.

Tabela 3 – Algodão em Caroço. Comparativo de Área, Produtividade e Produção. Safras 2010/2011 e 2011/2012

Região/UF	Área (mil ha)			Produtividade (kg/ha)			Produção (mil t)		
	Safra 2010/11 (a)	Safra 2011/12 (b)	Var% (b/a)	Safra 2010/11 (a)	Safra 2011/12 (b)	Var% (b/a)	Safra 2010/11(a)	Safra 2011/12 (b)	Var% (b/a)
NORTE	5,5	7,0	27,3	3.480	3.500	0,6	19,1	24,5	28,3
NORDESTE	450,5	465,3	3,3	3.899	3.808	-2,3	1.756,5	1.772,1	0,9
Maranhão	18,1	18,5	2,2	3.930	3.780	-3,8	71,1	69,9	-1,7
Piauí	17,8	22,1	24,2	3.780	3.450	-8,7	67,3	76,2	13,2
Ceará	3,1	3,1	0,0	1.010	740	-26,7	3,1	2,3	-25,8
Rio Grande do Norte	3,8	3,8	0,0	567	520	-8,3	2,2	2,0	-9,1
Paraíba	1,0	1,0	0,0	869	760	-12,5	0,9	0,8	-11,1
Pernambuco	0,8	0,8	0,0	720	700	-2,8	0,6	0,6	0,0
Alagoas	0,6	0,6	0,0	320	320	0,0	0,2	0,2	0,0
Bahia	405,3	415,4	2,5	3.975	3.900	-1,9	1.611,1	1.620,1	0,6
CENTRO-OESTE	893,5	880,1	-1,5	3.604	3.729	3,5	3.220,6	3.282,0	1,9
SUDESTE	49,7	51,7	4,0	3.803	3.615	-4,9	189,1	196,0	3,6
SUL	1,1	1,2	9,1	2.836	2.425	-14,5	3,1	2,9	-6,5
NORTE/NORDESTE	456,0	472,3	3,6	3.894	3.804	-2,3	1.775,6	1.796,6	1,2
CENTRO-SUL	944,3	933,0	-1,2	3.614	3.731	3,2	3.412,8	3.480,9	2,0
BRASIL	1.400,3	1.405,1	0,3	3.705	3.755	1,3	5.188,4	5.277,5	1,7

Fonte: CONAB, 2012c. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

O cenário internacional contribuiu para que as exportações brasileiras fossem recordes em 2011, tanto em volume quanto em receita. Segundo o Cepea/Esalq, mesmo com as embarcações para o mês de

novembro registrando volume 21,9% inferior ao observado em outubro de 2011, a movimentação de novembro superou em 113,1% a do mesmo período de 2010. O acumulado do ano atingiu recordes em vo-

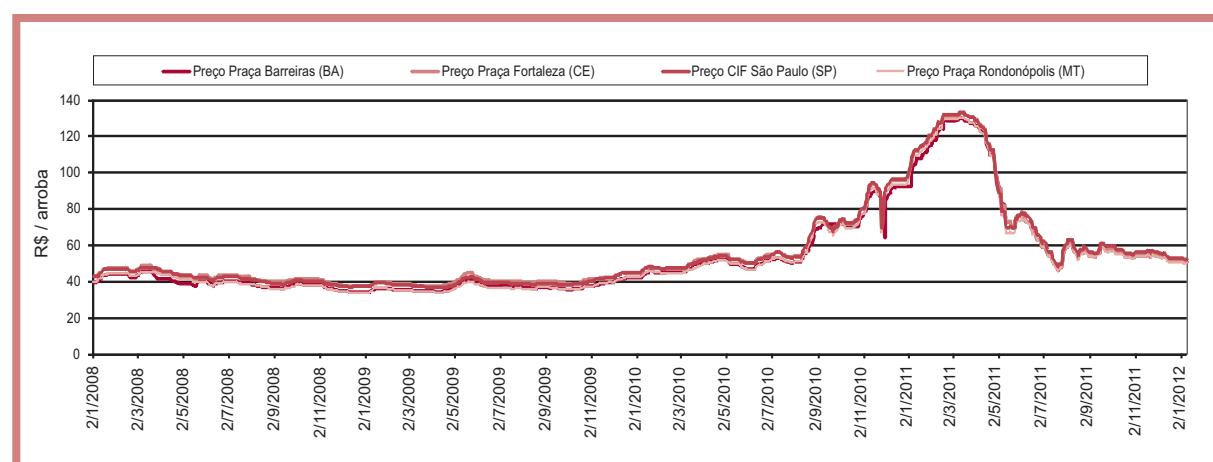


Gráfico 15 – Evolução dos Preços da Arroba da Pluma de Algodão em Barreiras (BA), Fortaleza (CE), CIF São Paulo e Rondonópolis (MT), de Janeiro/2008 a Janeiro/2012⁽¹⁾

Fonte: CMA, 2012. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

(*) Valores referentes a 9/1/2012.

lume, totalizando 646,7 mil toneladas, e em receitas, gerando divisas de US\$ 1,4 bilhão. Desde maio/2011, o preço médio cotado para novembro, de US\$ 0,94 por libra peso, foi considerado o menor.

Segundo o Cepea, em novembro de 2011, o mercado do algodão em pluma atuou em baixo ritmo. A alta dos preços no Brasil e as grandes importações de fio de algodão e produtos acabados geraram instabilidade no mercado interno. No início de janeiro de 2012, a arroba da pluma foi cotada a R\$ 52,25¹ em São Paulo, queda de 9,71% em relação ao mês de outubro/2011 (R\$ 57,87). Em Barreiras (BA), o algodão foi comercializado a R\$ 50,71 a arroba, com decréscimo de 9,25% ante outubro/2011 (R\$ 55,88). Em Fortaleza, a arroba alcançou R\$ 50,70, com queda de 9,25% sobre a cotação de outubro/11 (R\$ 55,87) (Gráfico 15).

Feijão

De acordo com o Quarto Levantamento da Safra 2011/2012, a área plantada com feijão (1^a, 2^a e 3^a safras) em todo o país foi estimada em 3,86 milhões de hectares, significando um decréscimo de 3,7% em relação à safra 2010/2011 (4,01 milhões de hectares). Essa redução se deve a fatores de natureza comercial relacionados ao feijão, como a baixa liquidez, a instabilidade de preços e a irregularidade dos estoques, além da instabilidade climática em algumas regiões, o que ocasionou a perda de área (1^a safra) para outras culturas, como milho e soja.

A estimativa inicial prevê uma produção total de 3,5 milhões de toneladas, queda de 7,6% em relação à safra 2010/2011. Além da redução da área plantada e da produção, a produtividade também deverá sofrer

decréscimo de 4%, prevendo-se, na safra 2011/2012, um rendimento de 907 kg/ha.

Para o Nordeste, estima-se a destinação de 2.159,5 mil hectares ao cultivo de feijão, ou seja, 0,6% menor que a área cultivada na safra 2010/2011 (2.173,5 mil hectares). A produção total de feijão na região poderá assinalar queda de 3%, haja vista a estimativa de uma produtividade de 432 kg/ha, 2,3% menor que a da safra anterior. Na comparação interestadual, a Bahia deverá registrar o maior incremento: 24,7% em relação à produção da safra 2010/2011. Enquanto isso, Sergipe, apesar da estimativa de queda de 29,2% em sua produtividade, deverá registrar o melhor índice da região, entre 577 e 600 kg/ha, variação de % a 38,9% superior à média nordestina (Tabela 4).

Segundo o Centro de Inteligência do Feijão (CIF), o mercado interno apresentou um comportamento mais firme, haja vista que, diante da restrição da oferta devido a adversidades climáticas, os preços praticados em 2011 atingiram um patamar bastante elevado. Para a safra 2011/2012, estima-se que o mercado do feijão será afetado pela falta de chuvas nos estados do Sul e pelo excesso no Sudeste. Em Barreiras (BA), a saca do feijão tipo carioca de 60 kg foi comercializada a R\$ 120,00² em janeiro de 2012, assinalando aumento nominal de 14,3% sobre os R\$ 105,00 praticados no início de outubro e de 48,1% em relação a outubro de 2010. Em Irecê (BA), a saca foi cotada a R\$ 150,00, registrando valorização de 30,4% sobre a cotação do início de outubro de 2011 e o expressivo aumento de 114,3% em relação a outubro de 2010. No mercado de São Paulo, tanto o feijão carioca tipo 1 (saca de 60 kg cotada a R\$172,50) quanto o feijão preto (saca de 60 Kg cotada a R\$ 110,00) registraram altas sig-

1 Valores referentes a 9/1/2012.

2 Valores referentes a 9/1/2012.

Tabela 4 – Feijão Total. Comparativo de Área, Produtividade e Produção

Região/UF	Área (mil ha)			Produtividade (kg/ ha)			Produção (mil t)		
	Safra 10/11 (a)	Safra 11/12 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 10/11 (c)	Safra 11/12 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 10/11 (e)	Safra 11/12 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	164,3	164,2	-0,1	1.074,0	944,0	-12,1	176,4	155,0	-12,1
NORDESTE	2.173,5	2.159,5	-0,6	442,0	432,0	-2,3	961,1	931,8	-3,0
Maranhão	99,9	82,9	-17,0	512,0	452,0	-11,7	51,1	37,5	-26,6
Piauí	238,4	236,3	-0,9	356,0	295,0	-17,1	85,0	69,8	-17,9
Ceará	612,9	612,9	0,0	424,0	373,0	-12,0	259,6	228,9	-11,8
Rio Grande do Norte	70,2	70,2	0,0	480,0	400,0	-16,7	33,7	28,1	-16,6
Paraíba	168,1	168,1	0,0	266,0	300,0	12,8	44,7	50,4	12,8
Pernambuco	322,4	322,4	0,0	501,0	423,0	-15,6	161,5	136,3	-15,6
Alagoas	61,8	61,8	0,0	510,0	500,0	-2,0	31,5	30,9	-1,9
Sergipe	36,7	36,7	0,0	847,0	600,0	-29,2	31,1	22,0	-29,3
Bahia	563,1	568,2	0,9	467,0	577,0	23,6	262,9	327,9	24,7
CENTRO-OESTE	356,9	346,5	-2,9	1.613,0	1.686,0	4,5	575,8	584,1	1,4
SUDESTE	595,3	591,0	-0,7	1.626,0	1.545,0	-5,0	968,1	913,1	-5,7
SUL	719,2	600,1	-16,6	1.537,0	1.527,0	-0,7	1.105,6	916,4	-17,1
NORTE/NORDESTE	2.337,8	2.323,7	-0,6	487,0	468,0	-3,9	1.137,5	1.086,8	-4,5
CENTRO-SUL	1.671,4	1.537,6	-8,0	1.585,0	1.570,0	-0,9	2.649,5	2.413,6	-8,9
BRASIL	4.009,2	3.861,3	-3,7	945,0	907,0	-4,0	3.787,0	3.500,4	-7,6

Fonte: CONAB, 2012c. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

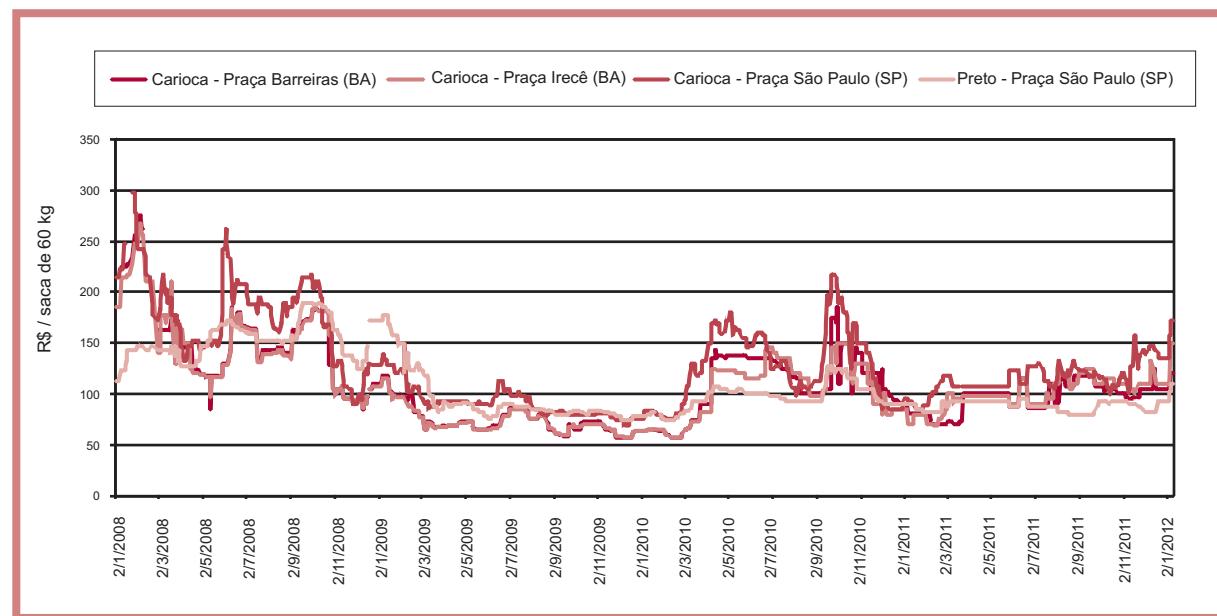


Gráfico 16 – Evolução dos Preços da Saca de 60 kg de Feijão Carioca tipo 1 em Barreiras (BA), Irecê (BA) e São Paulo (SP) e Feijão Preto em São Paulo (SP), de Janeiro/2008 a Janeiro/2012

Fonte: CMA, 2012. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

Nota: Valores de jan./2012 refere-se à cotação em 9/01/2012.

nificativas (62,7% e 18,9%, respectivamente) em relação aos preços praticados no início de outubro de 2011, como também (86,5% e 22,2%, respectivamente) em comparação com as cotações de outubro de 2010 (Gráfico 16).

Milho

Para a safra 2010/2011, devido à boa desenvoltura da lavoura, registra-se uma produção nacional de 59,2 milhões de toneladas, sendo 37,9 milhões para a primeira safra e 21,3 milhões para a segunda. O Quarto Levantamento da Safra 2011/2012 aponta para uma variação negativa de 2,9% na produção, com relação à safra 2010/2011 (57,5 milhões de toneladas), com destaque para as regiões Centro-Oeste (+5,9%) e Sudeste (+5,3%). Juntas, as duas regiões respondem por 30 milhões de toneladas, volume equivalente a mais da metade (50,6%) da produção nacional.

Estima-se que a área total a ser destinada à safra 2011/2012 de milho em todo o país

corresponda a 14,5 milhões de hectares. Segundo a Conab, os dados preliminares apontam para um acréscimo de 718,1 mil hectares, equivalente a um incremento de 5,2% em comparação com a área da safra anterior. Esse significativo aumento deve-se, principalmente, ao crescimento da participação da macrorregião Centro-Sul (5,9%), com destaque para os acréscimos de área de Goiás (14,5%), Paraná (6,9%) e Minas Gerais (6,7%), onde haverá recuperação das áreas após a semeadura da primeira safra. A área semeada com o milho de primeira safra registrou aumento significativo (acréscimo de 9,1%, ou seja, 718,1 mil hectares), estimulado pela elevação dos preços praticados no mercado.

Em relação ao Nordeste, ainda não há definição da área destinada ao cultivo do milho na safra 2011/2012, cuja semeadura ocorre a partir de janeiro. Porém, o Maranhão já registra um avanço de 24% na área cultivada com milho, estimada em 592,2 mil hectares.

Tabela 5 – Milho Total (1^a e 2^a Safras). Comparativo de Área, Produtividade e Produção

Região/UF	Área (mil ha)			Produtividade (kg/ha)			Produção (mil t)		
	Safra 10/11(a)	Safra 11/12(b)	Var% (b/a)	Safra 10/11(c)	Safra 11/12(d)	Var% (d/c)	Safra 10/11 (e)	Safra 11/12 (f)	Var% (f/e)
NORTE	521,7	518,5	-0,6	2.713	2.649	-2,4	1.415,5	1.373,6	-3,0
NORDESTE	3.147,7	3.270,0	3,9	1.947	1.783	-8,4	6.128,0	5.830,0	-4,9
Maranhão	477,6	592,2	24,0	1.842	1.650	-10,4	879,7	977,1	11,1
Piauí	349,6	357,3	2,2	2.017	1.760	-12,7	705,1	628,8	-10,8
Ceará	723,0	723,0	0,0	1.313	1.000	-23,8	949,3	723,0	-23,8
Rio Grande do Norte	73,5	73,5	0,0	672	650	-3,3	49,4	47,8	-3,2
Paraíba	157,2	157,2	0,0	617	710	15,1	97,0	111,6	15,1
Pernambuco	298,3	298,3	0,0	640	650	1,6	190,9	193,9	1,6
Alagoas	57,2	57,2	0,0	893	720	-19,4	51,1	41,2	-19,4
Sergipe	221,4	221,4	0,0	4.192	3.950	-5,8	928,1	874,5	-5,8
Bahia	789,9	789,9	0,0	2.883	2.826	-2,0	2.277,4	2.232,1	-2,0
CENTRO-OESTE	3.890,1	4.117,2	5,8	4.479	4.483	0,1	17.422,8	18.456,2	5,9
SUDESTE	2.146,0	2.268,3	5,7	5.104	5.083	-0,4	10.952,3	11.529,0	5,3
SUL	4.133,2	4.382,8	6,0	5.225	5.025	-3,8	21.595,5	22.021,5	2,0
NORTE/NORDESTE	3.669,4	3.788,5	3,2	2.056	1.901	-7,5	7.543,5	7.203,6	-4,5
CENTRO-SUL	10.169,3	10.768,3	5,9	4.914	4.830	-1,7	49.970,6	52.006,7	4,1
BRASIL	13.838,7	14.556,8	5,2	4.156	4.068	-2,1	57.514,1	59.210,3	2,9

Fonte: CONAB, 2012c. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

No Piauí, prevê-se a destinação de 357,3 mil hectares para a cultura, significando acréscimo de 2,2%. Mesmo o cultivo do grão sendo incipiente para previsões, pois a semeadura na região se dá a partir de janeiro, estima-se o rendimento de 1.783 kg/ha, menor que o índice alcançado na safra anterior (1.947 kg/ha). A produção regional foi estimada em 5,8 milhões de toneladas, com decréscimo de 4,9% em relação à safra anterior. O Maranhão se destaca como o maior produtor de milho da região, com previsão de colheita de 977,1 mil toneladas na safra 2011/2012, superior à da safra anterior em 11,1% (Tabela 5).

No mercado internacional, as cotações registraram queda no último trimestre de 2011, em consequência das crescentes preocupações com a crise europeia, da queda dos preços de ações e da valorização do dólar frente às cestas de outras moedas, além da redução da demanda mundial e das expectativas de exportações menores por parte dos EUA, em relação à safra passada. Segundo o Cepea, os preços futuros na Bolsa de Chicago sofreram forte retração desde o início de outubro. Com

efeito, os contratos entre 31 de outubro e 30 de novembro registraram queda de 7,1%, passando a operar a US\$ 6,0125/bushel (US\$ 236,70/t) no dia 30 de novembro. Outro fator apontado como causador da queda nas cotações do milho foi o aumento do excedente de países exportadores como Argentina e Ucrânia. Qualquer variação na oferta dos países que suprem a demanda global, combinada com a baixa demanda mundial, pode interferir nas cotações e sustentar os preços negativamente (CEPEA/ESALQ, 2011f).

No Brasil, o mercado continua aquecido no segundo semestre, com as cotações do cereal registrando leve alta, sustentada pela demanda interna. Entretanto, o avanço observado na colheita deverá ocasionar um recuo da cotação do milho. Em Cascavel (PR), no início de janeiro de 2012, a saca de milho de 60 kg foi cotada a R\$ 28,00, valorização de 21,7% sobre a cotação do início de outubro de 2011, sendo 16,7% superior à de idêntico período da safra anterior. Em Barreiras (BA), a saca atingiu R\$ 23,50 em janeiro de 2012, queda de 4,1% comparativamente ao preço

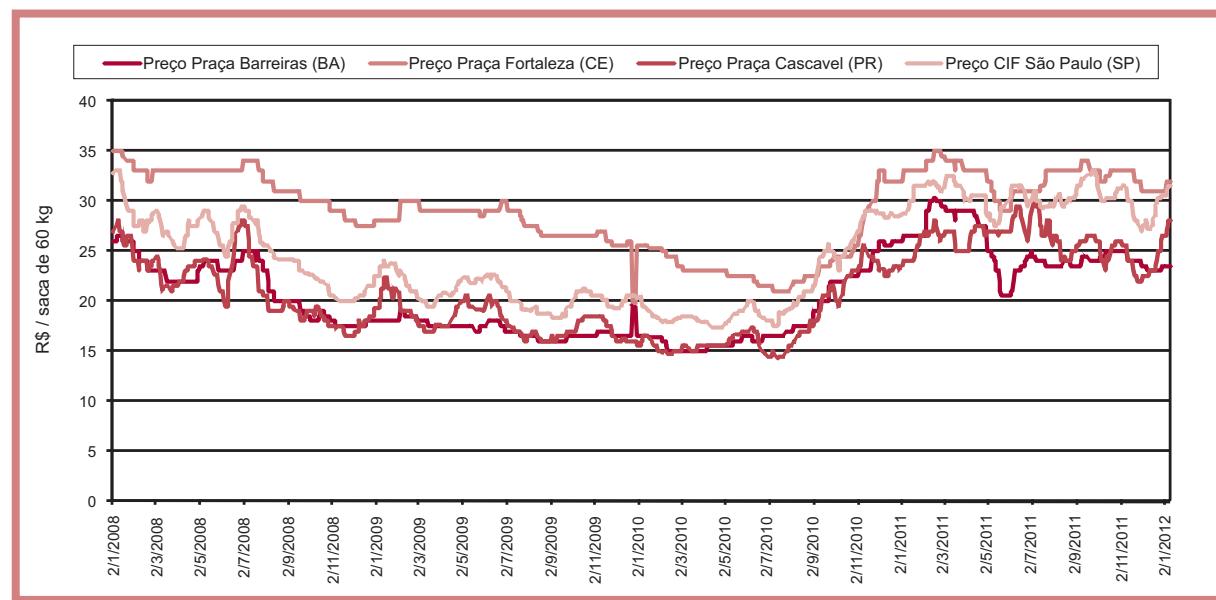


Gráfico 17 – Evolução dos Preços da Saca de 60 kg de Milho em Barreiras (BA), Fortaleza (CE), Cascavel (PR) e Preço CIF São Paulo, de Janeiro/2008 a Janeiro/2012

Fonte: CMA, 2012. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

Nota: Valores de jan./2012 refere-se à cotação em 9/01/2012.

praticado em outubro de 2011, e de 11,3% em relação à cotação verificada em idêntico período da safra 2010/2011. Em Fortaleza, o produto foi cotado a R\$ 32,00 em janeiro de 2012, preço idêntico ao de outubro de 2011, significando uma desvalorização de 3% com relação a janeiro de 2011. Enquanto isso, em São Paulo, a saca de 60 kg foi comercializada a R\$ 31,50³ (Preço CIF), assinalando acréscimo de 5% ao valor praticado em outubro de 2011 e valorização de 8,6% em relação ao mesmo período de 2010 (Gráfico 17)⁴.

Soja

Com base no quarto levantamento de intenção de plantio da soja, estima-se em 24,6 milhões de hectares a área a ser utilizada, crescimento de 1,9% comparativamente à área da safra 2010/2011. Na região Centro-Oeste, responsável por 45,5% da área cultivada em todo o país, o Mato Grosso se destaca com 6.769,9 mil hectares, 5,8% maior que a área plantada na safra anterior.

A produção de soja chegou a 71,7 milhões de toneladas em 2011/12, com queda de 4,7% (3,6 milhões de toneladas) em relação à safra 2010/2011, que totalizou 75,3 milhões de toneladas. A região Centro-Sul, que responde por 88,6% da produção nacional, desde novembro de 2011 vem enfrentando diversas dificuldades no desenvolvimento das culturas. No Centro-Oeste, apesar do bom desenvolvimento da cultura no cenário geral, algumas zonas produtoras têm vivenciado problemas de seca, comprometendo os replantios e resultando em perdas. Na região Sul a situação é mais complicada, já que as condições climáticas desfavoráveis prejudicaram o montante da produção, acarretando perda de 13,7%. Estima-se uma quebra na produção de 14,4% no Paraná e de 13,3% no Rio Grande do Sul.

3 Valores referentes a 9/1/2012.

4 Valores referentes a 9/1/2012.

Segundo estimativa para a safra 2011/2012, o Nordeste é a região com maior incremento em área plantada com soja no país, aumentando 8,7% em relação à safra 2010/2011. A área plantada foi estimada em 2,1 milhões de hectares. A produção regional sofrerá recuo de 0,6%, chegando a 6,3 milhões de toneladas. Beneficiada pelas boas condições climáticas, a produção do Piauí e a do Maranhão deve registrar acréscimos de 11,2% e 5,2%, respectivamente. Na Bahia, a previsão é de queda de 5% na produção, cujo rendimento médio situa-se em torno de 3.000 kg/ha, 10,7% inferior ao da safra 2010/2011, que finalizou em 3.360 kg/ha (Tabela 6).

No mercado externo, os indicadores da Bolsa de Chicago indicaram oscilações declinantes nas cotações de soja. Os contratos futuros fecharam novembro em queda, enquanto os que se venceriam em janeiro/2012 fecharam em US\$ 11,31/bushel (US\$ 24,94/saca de 60 kg) no dia 30 de novembro. No acumulado do mês, apurou-se decréscimo de 6,3% para o grão. Para o farelo (cotado a US\$ 320,11/t), registrou-se queda de 8,1%, e para o óleo também houve queda de 3,7%, finalizando a US\$ 1.086,21/t. Os resultados são atribuídos ao recorde das exportações mundiais (CEPEA/ESALQ, 2011g).

As exportações brasileiras registraram no acumulado do ano (janeiro a novembro) um total de 31,5 milhões de toneladas do grão, aumento de 9,5% em relação ao observado em idêntico período do ano anterior. As receitas de soja geraram um montante de US\$ 15,63 bilhões, um recorde com acréscimo de 48,1% em relação a igual intervalo da safra passada.

Dados do Cepea/Esalq indicam que a saca da soja foi comercializada em São Paulo a

Tabela 6 – Soja – Comparativo de Área, Produtividade e Produção – Safras 2010/2011 e 2011/2012

Região/UF	Área (mil ha)			Produtividade (kg/ha)			Produção (mil t)		
	Safra 10/11 (a)	Safra 11/12 (b)	Var% (b/a)	Safra 10/11 (c)	Safra 11/12 (d)	Var% (d/c)	Safra 10/11 (e)	Safra 11/12 (f)	Var% (f/e)
NORTE	645,5	640,4	-0,8	3.063	2.942	-4,0	1.977,2	1.883,8	-4,7
NORDESTE	1.945,7	2.115,9	8,7	3.213	2.971	-7,5	6.251,5	6.286,8	0,6
Maranhão	518,2	566,4	9,3	3.087	2.970	-3,8	1.599,7	1.682,2	5,2
Piauí	383,6	438,8	14,4	2.983	2.900	-2,8	1.144,3	1.272,5	11,2
Bahia	1.043,9	1.110,7	6,4	3.360	3.000	-10,7	3.507,5	3.332,1	-5,0
CENTRO-OESTE	10.819,4	11.219,3	3,7	3.137	3.061	-2,4	33.938,9	34.344,8	1,2
SUDESTE	1.636,9	1.615,1	-1,3	2.824	2.862	1,4	4.622,1	4.622,2	0,0
SUL	9.133,5	9.044,0	-1,0	3.124	2.722	-12,9	28.534,6	24.613,7	-13,7
NORTE/NORDESTE	2.591,2	2.756,3	6,4	3.176	2.964	-6,7	8.228,7	8.170,6	-0,7
CENTRO-SUL	21.589,8	21.878,4	1,3	3.108	2.906	-6,5	67.095,6	63.580,7	-5,2
BRASIL	24.181,0	24.634,7	1,9	3.115	2.913	-6,5	75.324,3	71.751,3	-4,7

Fonte: CONAB, 2012c. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

R\$ 50,75⁵, alta de 7,5% em comparação com igual período da safra anterior. Em Sorriso (MT), houve uma desvalorização de 8,4% para o mesmo período do ano anterior, sendo a saca cotada a R\$ 38,00. No Nordeste, observou-se que os preços se mantiveram firmes. Em Balsas (MA), a saca de 60 kg foi cotada a

R\$ 42,20 (5,5% superior à cotação de outubro de 2011). Em Barreiras (BA), a cotação chegou a R\$ 42,00, o que representa valorização de 3,7% em relação a outubro de 2011, mas uma queda de 10,6% em relação a idêntico período da safra anterior (Gráfico 18)⁶.

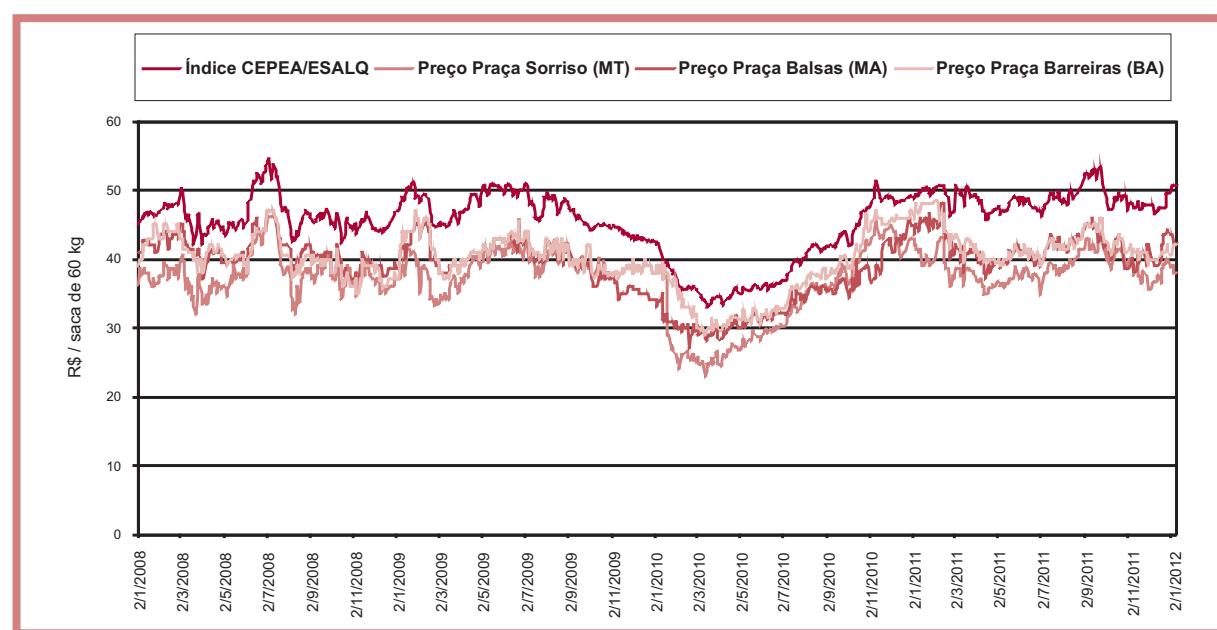


Gráfico 18 – Evolução dos Preços da Saca de 60 kg da Soja em Balsas (MA), Barreiras (BA), Sorriso (MT) e Índice CEPEA/ESALQ, de Janeiro/2008 a Janeiro/2012

Fonte: CMA, 2012. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

5 Valores referentes a 9/1/2012.

6 Valores referentes a 9/1/2012.

Café

A Conab indica em sua primeira estimativa (CONAB, 2012c) de safra 2012 que a área destinada a plantio de café será 1% maior que a da safra anterior, totalizando 2.072,1 mil hectares. De acordo com levantamento da Conab, a alta bienalidade (que intercala um ciclo alto e outro baixo) e as boas condições climáticas, verificadas no segundo semestre de 2011, favoreceram lavouras de Minas Gerais, São Paulo, Bahia e Rondônia, enquanto no Paraná o potencial de produção foi negativamente afetado, principalmente, pelas adversidades climáticas. Pelas estimativas para a safra 2012, o volume de produção situa-se bem acima da colheita de 2011, prevendo a Conab uma safra entre 49 milhões e 52,3 milhões de sacas de 60 kg de café beneficiado, variação de 12,6% e 20,2%. Esse resultado de crescimento total do café beneficiado tem grande peso devido ao aumento da produção do tipo arábica de 32,2 milhões de sacas, em 2011, para um volume entre 36,4 e 39 milhões de sacas de 60 kg. Na safra 2012, o café tipo arábica deverá representar 74,6% do total de café beneficiado no país. Caso os resultados se confirmem, a safra 2012 será a maior da história no país.

Para a Bahia, o principal produtor de café do Nordeste, estima-se um acréscimo da produção total entre 13,8% e 20,9%, a qual deverá passar de 2.290,1 mil sacas de café beneficiado para 2.606,9 mil e 2.767,8 mil. Essa variação positiva teve maior peso devido ao aumento da produção de café arábica, de até 29,9%. Já a produção do café tipo conilon assinala um incremento de 7,9%, especificamente na região do Atlântico, onde a produção local registra um avanço de 39,1% na produção total de café. Devido às boas condições climáticas, favoráveis ao desenvolvimento da cultura e das novas lavouras de robusta (influenciada pelo bom preço praticado na região), a Bahia terá bons resultados na safra 2012 (Tabela 7).

De acordo com Cepea, a cotação do café registra elevação em âmbito internacional, devido à redução dos estoques desde o segundo semestre de 2010 e ao decréscimo da safra mundial. A produção e exportação de café do Vietnã e da Indonésia podem ser limitadas, devido ao excesso de chuvas, pressionando as cotações mundiais. Com isso, o preço do café vem experimentando expressivo crescimento. Em relação à safra mundial de 2011/2012, a expectativa é de aumento de 4% sobre a de 2010/2011. De acordo com informações da Organização Internacional do Café (OIC), a produção mundial deverá registrar 127,4 milhões de sacas na safra 2011/2012. Segundo os indicadores da Bolsa de Nova Iorque (ICE Futures), os contratos de arábica com vencimento em dezembro fecharam em 30 de novembro a US\$ 233,80 por libra-peso, com aumento de 4,5% em relação ao dia 1º de novembro (CEPEA/ESALQ, 2011e).

Somados à queda de produção dos maiores produtores mundiais de café, estoques relativamente baixos e uma demanda firme tornam mais robusto o cenário de bons preços para os próximos meses no mercado internacional. No cenário interno, a restrição de grãos de qualidade também constitui fator significativo para sustentação das valorizações. Os preços do café tipo arábica seguem firmes. Em 9 de janeiro de 2012, a cotação na capital paulista valorizou-se em 14,9% em relação a igual período da safra anterior, valor este sustentado pela menor oferta de grãos de qualidade. A cotação do tipo conilon (robusta) registrou crescimento nominal de 46,7% pelo índice Cepea/Esalq, valendo salientar que a demanda por esse tipo vem crescendo, impulsionada pela valorização do tipo arábica. Em Vitória da Conquista (BA), a saca de 60 kg do café Bica Rio T6/7 foi comercializada a R\$ 335,00, assinalando aumento de 48,9% em relação à cotação de janeiro de 2011. Enquanto isso, o Bica Dura T6/7 foi cotado a R\$ 475,00, registrando alta de 33,8%.

Tabela 7 – Café Beneficiado. Comparativo de Área e Produção. Safras 2010 e 2011

UF/ Região	Área (ha)			Produção (em mil sacas beneficiadas)												
				Safra 2011			Safra 2012			Var. total %		Total(b)			(b/a)	
	Safra 2011	Safra 2012	Var %	Arábica	Robusta	Total	Infer.	Super.	Infer.	Super.	Infer.	Super.	Infer.	Super.	Infer.	Super.
Minas Gerais	1.000.869	1.019.169	1,8	21.882,0	299,0	22.181	25.253,0	26.819,0	290,0	308,0	25.543,0	27.127,0	15,2	22,3		
Sul e Centro-Oeste	505.201	508.749	0,7	10.442,0	-	10.442,0	12.646,0	13.431,0	-	-	12.646,0	13.431,0	21,1	28,6		
Cerrado - Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	161.105	170.468	5,8	4.001,0	-	4.001,0	5.436,0	5.774,0	-	-	5.436,0	5.774,0	35,9	44,3		
Zona da Mata - Jequitinhonha, Mucuri, Rio Doce, Central e Norte	334.563	339.952	1,6	7.439,0	299,0	7.738,0	7.171,0	7.614,0	290,0	308,0	7.461,0	7.922,0	-3,6	2,4		
Espírito Santo	452.527	452.383	0,0	3.079,0	8.494,0	11.573,0	2.669,5	2.950,5	8.972,5	9.527,5	11.642,0	12.478,0	0,6	7,8		
São Paulo	169.538	169.538	0,0	3.111,5	-	3.111,5	4.377,1	4.828,2	-	-	4.377,1	4.828,2	40,7	55,2		
Paraná	74.752	72.989	-2,4	1.842,0	-	1.842,0	1.800,0	2.000,0	-	-	1.800,0	2.000,0	-2,3	8,6		
Bahia	138.834	137.900	-0,7	1.548,9	741,1	2.290,0	1.852,8	1.967,1	754,1	800,7	2.606,9	2.767,8	13,8	20,9		
- Cerrado	11.557	12.605	9,1	429,0	-	429,0	526,2	558,8	-	-	526,2	558,8	22,7	30,3		
- Planalto	102.338	100.861	-1,4	1.071,0	-	1.071,0	1.326,6	1.408,3	-	-	1.326,6	1.408,3	23,9	31,5		
- Atlântico	24.939	24.434	-2,0	-	575,5	575,5	-	-	754,1	807,7	754,1	807,7	31,0	40,3		
Rondônia	153.391	153.391	0,0	-	1.428,3	1.428,3	-	-	1.811,6	1.885,6	1.811,6	1.885,6	26,8	32,0		
Mato Grosso	19.899	19.899	0,0	11,0	126,8	137,8	16,3	16,3	186,8	186,8	203,1	203,1	47,4	47,4		
Pará	10.448	10.469	0,2	-	184,0	184,0	-	-	228,6	228,6	228,6	228,6	24,2	24,2		
Rio de Janeiro	12.864	12.864	0,0	247,0	13,0	260,0	237,6	237,6	12,5	12,5	250,1	250,1	-3,8	-3,8		
Outros	23.300	23.568	1,2	467,1	9,5	476,6	201,3	201,3	302,0	302,0	503,3	503,3	5,6	5,6		
BRASIL	2.056.422	2.072.170	0,8	32.188,5	11.295,7	43.484,2	36.407,6	39.020,0	12.558,1	13.251,7	48.965,7	52.271,7	12,6	20,2		

Fonte: CONAB, 2012c.

O café despolpado foi cotado a R\$ 495,00 no mercado de Vitória da Conquista, significando aumento de 19,3% (Gráfico 19)⁷.

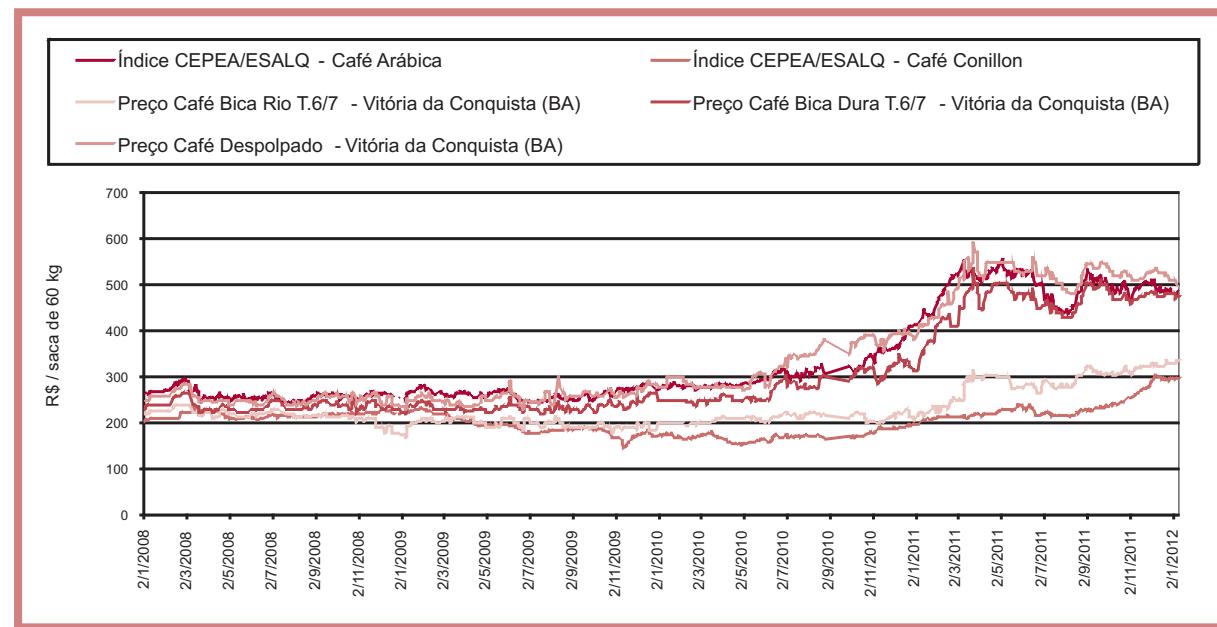


Gráfico 19 – Evolução dos Preços da Saca de 60 kg em Vitória da Conquista (BA) dos Cafés Bica Dura T.6/7, Bica Rio T. 6/7 e Despolpado e Índice CEPEA/ESALQ para os Cafés Arábica e Conilon, de Janeiro/2008 a Janeiro/2012

Fonte: CMA, 2012. CEPEA/ESALQ, 2012f. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

7 Valores referentes a 9/1/2012.

Cana-de-açúcar

De acordo com o Terceiro Levantamento da Safra 2011/2012 de Cana-de-açúcar, as estimativas confirmam a situação de crescimento da lavoura em quase todos os estados produtores. Em âmbito nacional, projeta-se uma área cultivada da ordem de 8.368,4 mil hectares, 3,9% superior à da safra 2010/2011. Da expansão prevista para todo o país, de 312,4 mil hectares, a região Centro-Sul responderá por 290,4 mil hectares, assinalando aumento de 4,2% em relação à área destinada ao cultivo da safra 2010/2011.

Entretanto, em boa parte dos estados produtores, os dados da produção de cana-de-açúcar apontam para perdas de moagem. Em termos nacionais, projeta-se uma produção de 571,4 milhões de toneladas de cana moída, significando um decréscimo de 8,4% em relação aos 623,9 milhões de toneladas da safra 2010/2011. A estiagem e as geadas ocorridas em algumas regiões em 2010 comprometeram a produção no Centro-Oeste, e em especial no Sudeste, tradicionalmente o maior produtor de cana brasileira, (63,7% da produção nacional). Estima-se que em São Paulo deverão ser produzidos 308 milhões de toneladas de cana, ou seja, 14,8% menos em relação à safra passada. Em consequência, estima-se a produtividade média nacional em 68.289 kg/ha, significando queda de 11,8% sobre a obtida na safra 2010/2011, calculada em 77.446 kg/ha.

Estima-se para a safra 2011/2012 a destinação de 49,7% da produção de cana para a fabricação de açúcar, o que deverá gerar 36,9 milhões de toneladas do produto, resultando numa redução de 1,28 milhão de toneladas do produto, 3,4% menos comparada à safra anterior. Os 50,3% restantes serão empregados na produção de 22.857.589,3 mil litros de etanol, significando uma redução

de 4.737.894 mil litros do biocombustível, ou 17,2% na sua produção total, em relação à safra anterior (CONAB, 2011c).

A previsão para o Nordeste é de otimismo. O clima favorece tanto a maturação, como a colheita e o desenvolvimento dos canaviais. E as boas condições climáticas deverão se manter favoráveis para a safra 2011/2012. Registra-se um crescimento na produção nordestina de cana, que assinalou 67,5 milhões de toneladas, significando 8,8% a mais em relação aos 62 milhões de toneladas da safra 2010/2011. O destaque na produção interestadual fica com Pernambuco (incremento de 1,6 milhão de toneladas) e Paraíba (acríscimo de 1,3 milhão de toneladas). Tradicionalmente o maior produtor nordestino, Alagoas responderá por 44,2% da produção total da região, com um volume correspondente a 29,8 milhões de toneladas. O crescimento da área plantada se dá principalmente em Alagoas, com variação de 12,5 mil hectares. Na produtividade, destacam-se o Piauí (70.600 kg/ha), o Ceará (70.100 kg/ha) e a Bahia (68.300 kg/ha), com valores acima da média nacional (68.289 kg/ha) (Tabela 8).

No último trimestre de 2011, a expectativa de recorde mundial para o início da safra 2011/2012 pode ter sido um dos principais motivos para que as cotações do açúcar sigam em baixa, segundo os relatórios do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). De acordo com as previsões da Organização Internacional do Açúcar (OIA), a *commodity* deve registrar o recorde de 172,2 milhões de toneladas para o início de safra 2011/2012, superior em 4,2% aos 165,2 milhões de toneladas produzidas na safra 2010/2011. Os contratos negociados na Bolsa de Nova Iorque, em novembro, fecharam com queda acumulada de 8,1%, correspondente a cerca de US\$ 23,69/libra-peso no dia 30.

Tabela 8 – Cana-de-açúcar. Comparativo de Área, Produtividade e Produção. Safras 2010/2011 e 2011/2012

Região/UF	Área (mil ha)			Produtividade (kg/ha)			Produção (mil t)		
	Safra 10/11	Safra 11/12	Var %	Safra 10/11	Safra 11/12	Var %	Safra 10/11	Safra 11/12	Var %
NORTE	19,6	34,8	77,6	65.124	73.889	13,46	1.278,4	2.570,6	101,1
NORDESTE	1.113,2	1.120,1	0,6	55.764	60.279	8,10	62.079,4	67.520,0	8,8
Maranhão	42,100	39,570	-6,01	55.285	59.383	7,4	2.327,5	2.349,8	1,0
Piauí	13,290	13,910	4,7	62.973	70.660	12,2	836,9	982,9	17,4
Ceará	2,760	3,420	23,9	65.380	70.100	7,2	180,5	239,7	32,8
Rio Grande do Norte	65,720	62,260	-5,3	41.530	51.534	24,1	2.729,4	3.208,5	17,6
Paraíba	111,800	122,590	9,7	46.926	53.071	13,1	5.246,3	6.506,0	24,0
Pernambuco	346,820	326,110	-6,0	48.500	56.515	16,5	16.820,8	18.430,1	9,6
Alagoas	451,199	463,650	2,8	64.540	64.350	-0,3	29.120,4	29.835,9	2,5
Sergipe	36,990	37,260	0,7	54.760	66.000	20,5	2.025,6	2.459,2	21,4
Bahia	42,570	51,360	20,6	65.590	68.300	4,1	2.792,2	3.507,9	25,6
CENTRO-OESTE	1.202,5	1.379,4	14,7	77.624	69.282	-10,7	93.334,7	95.566,1	2,4
SUDESTE	5.136,5	5.221,0	1,6	82.507	69.760	-15,4	423.799,5	364.212,5	-14,1
SUL	584,0	613,1	5,0	74.318	67.850	-8,7	43.403,1	41.601,8	-4,2
NORTE/NORDESTE	1.132,9	1.154,9	1,9	55.926	60.689	8,5	63.357,8	70.090,6	10,6
CENTRO-SUL	6.923,1	7.213,5	4,2	80.968	69.506	-14,2	560.537,3	501.380,4	-10,6
BRASIL	8.056,0	8.368,4	3,9	77.446	68.289	-11,8	623.895,1	571.471,0	-8,4

Fonte: CONAB, 2012c. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

Quanto às exportações brasileiras do açúcar bruto, registram-se 2.118 mil toneladas em novembro de 2011, volume 3,3% maior em relação ao de outubro (2.050,6 mil toneladas) e 17,4% superior ao de novembro de 2010 (2.211,3 mil toneladas), segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Já para o açúcar branco, o cenário é de queda, já que o volume exportado em novembro de 2011 (365,8 mil toneladas) foi 20,8% menor que o de outubro (461,9 mil toneladas), e 32,9% inferior ao de novembro de 2010 (544,9 mil toneladas). Ainda segundo dados da Secex, as exportações totais do açúcar geraram receitas de US\$ 1.529 milhões em novembro de 2011, valor 3,4% maior que a receita de outubro (US\$ 1.479,1 milhões) e 1,9% superior à de novembro de 2010 (US\$ 1.500,4 milhões).

No mercado nacional, o açúcar foi cotado a R\$ 63,57 em dezembro de 2011, registrando uma pequena variação negativa de 2,5% em relação cotação de setembro e de 15,8% em relação a dezembro de 2010. Como consequência do ritmo acelerado da produção de açúcar em São Paulo na safra 2010/2011, que fechou com 174,3 milhões de toneladas (61% da produção nacional), aumentou a oferta interna do açúcar cristal. Quanto ao Nordeste, de acordo com o Indicador Mensal do Açúcar Cristal Cepea/Esalq, em dezembro de 2011 a saca de 50 kg foi comercializada por R\$ 62,22 em Alagoas e R\$ 60,25 em Pernambuco, com queda de 10,85% e 9,34%, respectivamente, em relação a setembro de 2011, e de 15,06% e 18,32 %, respectivamente, correspondente a dezembro de 2010 (Gráfico 20)⁸.

8 Valores referentes a 9/1/2012.

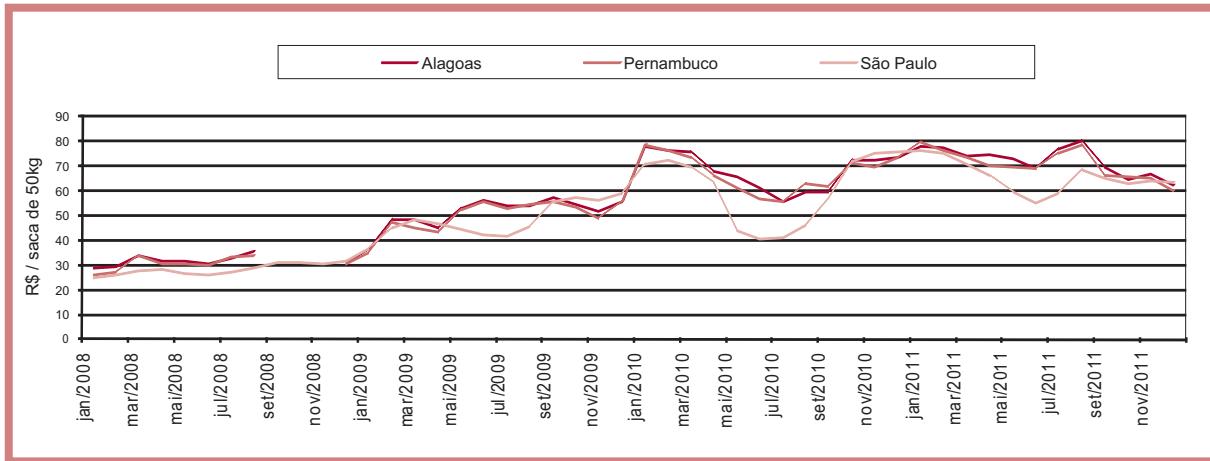


Gráfico 20 – Evolução dos Preços da Saca de 50kg do Açúcar Cristal em Alagoas, Pernambuco e São Paulo pelo Índice CEPEA/ESALQ, de Janeiro/2008 a Janeiro/2012

Fonte: CEPEA/ESALQ, 2012a. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

Quanto às exportações brasileiras do etanol, dados da Secex indicam que em novembro o país vendeu 252,3 milhões de litros de álcool anidro e hidratado, gerando receita de US\$ 207,2 milhões. A quantidade exportada aumentou 2,15% em relação ao movimento de outubro e de 110,6% em relação à comercialização de novembro de 2010.

Para o segundo semestre de 2011, os preços do etanol seguem firmes em novembro, quando o equilíbrio entre a oferta e a demanda foi sustentado com a chegada de etanol

importado, já que o volume da produção interna foi 16,6% menor que o da safra anterior. No mercado paulista, visando à reposição de estoques, as distribuidoras aqueceram o mercado do etanol, cuja cotação alcançou R\$ 1,25 em novembro de 2011, assinalando acréscimo de 3,78% sobre o valor de setembro. Já o anidro, no mercado paulista, registrou uma pequena queda de 1,8%, sendo cotado a R\$ 1,35. No Nordeste, os preços do etanol nos principais mercados assinalaram pequenas variações negativas em dezembro

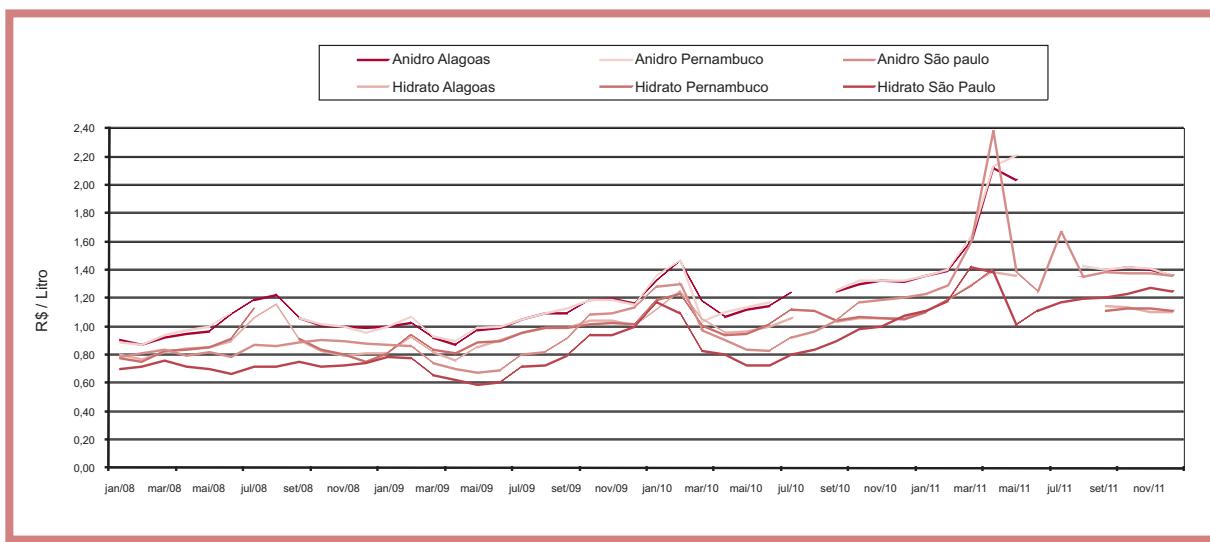


Gráfico 21 – Evolução dos Preços do Litro do Álcool Anidro e Hidratado em Alagoas, Pernambuco e São Paulo pelo Índice CEPEA/ESALQ, de Janeiro/2008 a Janeiro/2012

Fonte: CEPEA/ESALQ, 2012b. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Econômica. Conjuntura

de 2011, as quais foram sustentadas e explicadas, em parte, pelo aumento da produção na safra 2011/2012 de cana-de-açúcar, em relação à safra 2010/2011. Segundo os indicadores mensais Cepea/Esalq, em dezembro o preço do álcool anidro recuou, em relação a setembro, 2,74% em Alagoas (R\$1,37) e

2,88% em Pernambuco (R\$1,35). Já o etanol hidratado foi cotado em Pernambuco a R\$ 1,11, ficando o preço estabilizado, enquanto a cotação do hidratado na praça de Alagoas sofreu decréscimo de 4,07% em relação ao preço de setembro (Gráfico 21)⁹.

3.4.2 - Pecuária

O mercado do boi gordo registrou alternâncias no quarto trimestre de 2011: a restrição da oferta de animais prontos para o abate, na primeira quinzena, e as escalas menores nos principais frigoríficos provocaram alta de 2,1% no indicador Esalq/BM&FBovespa em outubro, fechando em R\$ 101,34/@ (CEPEA/BM&F, 2011). Também em novembro, e pelo mesmo motivo, registrou-se alta de 3,2% no indicador, que fechou em R\$ 101,64/@, levando os frigoríficos a pagar mais pela matéria-prima. Esse movimento elevou o indicador a R\$ 109,60/@ no dia 21/11, sendo o valor nominal mais alto desde novembro de 2010 (CEPEA/BM&F, 2011a).

Em dezembro, as chuvas possibilitaram melhores pastagens em alguns estados produtores, de maneira que a oferta de boi gordo aumentou um pouco. Com isso, o indicador caiu 2,9% no acumulado do mês, fechando em R\$ 101,55/@ (CEPEA/BM&F, 2011b).

Segundo dados de mercado coletados por agências do Banco do Nordeste do Brasil no Maranhão, o boi gordo naquele estado registra preço médio de R\$ 94,50/@, enquanto o leite bovino foi adquirido do produtor, no mesmo período, ao preço de R\$ 0,63/l. Na Bahia, conforme informações das unidades do BNB, o boi gordo foi negociado a R\$ 99,50/@, enquanto o leite alcançou e R\$ 0,63/l.

Em outubro, o preço do leite no âmbito nacional ficou praticamente estabilizado em R\$ 0,8888/l, recuando 0,3% em relação a setembro, embora o índice de captação venha

se reduzindo nas principais regiões produtoras. Na Bahia, o leite registrou o preço médio de R\$ 0,7482/l, com baixa de 2% em relação ao mês anterior (CEPEA/BM&F, 2011c). Em novembro, devido ao aumento da captação, os preços sofreram nova baixa, de 3,9%, tendo a média nacional experimentado queda, para R\$ 0,8542/l. Na Bahia, a redução foi menor, de apenas 0,7% (CEPEA/BM&F, 2011d), ficando o preço médio em R\$ 0,7431/l. Em dezembro, houve novo recuo na média nacional de preço (-1%), em decorrência das chuvas no Sudeste e no Centro-Oeste, ficando o preço em R\$ 0,8458/l. Mas, comparando-se o período janeiro-dezembro de 2011 com idêntico intervalo de 2010, observa-se uma alta de 10% na média nacional, devido, principalmente, ao aumento dos preços do farelo da soja e do milho (CEPEA/BM&F, 2011e).

9 Valores referentes a 9/1/2012.

3.4.3 - Agronegócio

3.4.3.1 - Desempenho do Faturamento

A diferença no desempenho produtivo da agricultura e da pecuária brasileiras, em 2011, será responsável por um Valor Bruto da Produção (VBP) da agropecuária estimado em R\$ 284 bilhões, assinalando aumento de 6,5% e acréscimo de R\$ 17 bilhões sobre o VBP de 2010 calculado em R\$ 267 bilhões (Tabela 9). É indispensável esclarecer que, por questões operacionais, o BNB não mais dispõe dos preços regionais dos produtos agropecuários¹⁰, de modo que, para as estimativas constantes das tabelas 9 e 10 foram utilizados os preços médios obtidos na pesquisa Produção Agrícola Municipal, do IBGE, atualizados para dezembro de 2011. Com esse procedimento, o VBP só se altera em função de variações nas quantidades.

Tabela 9 – Brasil – Estimativa do Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP) – 2010 e 2011
R\$ Milhões de dezembro/11

Produtos	2010	2011	Var. %	Var. Abs.
Agrícolas	170.804	178.605	4,6	7.801
- lavouras temporárias (1)	134.395	142.261	5,9	7.866
- lavouras permanentes (2)	36.409	36.344	-0,2	-65
grãos (3)	74.897	80.670	7,7	5.773
outras lavouras	95.907	97.935	2,1	2.028
Pecuários	95.822	105.412	10,0	9.590
- carnes (4)	73.463	80.338	9,4	6.875
- derivados (5)	22.359	25.074	12,1	2.714
Total	266.626	284.017	6,5	17.391

Fonte: IBGE, 2011a e c. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

(1) abacaxi, algodão herbáceo, alho, amendoim, aveia, arroz, batata-doce, batata-inglesa, cana-de-açúcar, cebola, centeio, cevada, ervilha, fava, feijão, fumo, girassol, juta, linho, malva, mamona, mandioca, melancia, melão, milho, rami, soja, sorgo, tomate, trigo e triticale.

(2) abacate, algodão arbóreo, azeitona, banana, borracha, cacau, café, caqui, castanha-de-caju, chá-da-índia, coco-da-baía, dendê, erva-mate, figo, goiaba, guaraná, laranja, limão, maçã, mamão, manga, maracujá, marmelo, noz, palmito, pera, pêssego, pimenta-do-reino, sisal, tangerina, tungue, urucum e uva.

(3) amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, ervilha, fava, feijão, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e triticale.

(4) bovina, suína e de frango.

(5) leite e ovos.

10 Esses preços compunham o Sistema de Gerenciamento dos Mercados Agropecuários do Nordeste (Sigman), temporariamente desativado.

A produção pecuária contribuiu em maior proporção para esse resultado, haja vista que suas receitas elevaram-se de R\$ 95,8 milhões em 2010 para R\$ 105,4 milhões em 2011 (+10%). A produção agrícola contribuiu para que o VBP aumentasse em R\$ 7,8 bilhões, passando de R\$ 170,8 bilhões para R\$ 178,6 bilhões, influenciada pelo comportamento das lavouras temporárias, cujo VBP aumentou 5,9% em relação a 2010.

A produção agropecuária do Nordeste em 2011 foi beneficiada pela normalidade das precipitações pluviométricas. Por conta disso, o VBP agrícola regional, que em 2010 alcançou R\$ 25 bilhões, deverá subir para R\$ 27,9 bilhões, em 2011, significando um crescimento de 11,9% no período (Tabela 10).

Tabela 10 – Nordeste – Estimativa do Valor Bruto da Produção (VBP) – 2010 e 2011

Produtos	Unidade	Quant.		Preço (kg)		VBP (mil reais)	
		2010	2011	2010	2011	2010	2011
Lavoura temporária (a)							
Brasil						134.395.069	142.261.056
Nordeste						17.001.095	19.694.701
Abacaxi	Mil frutos	595.717	619.534	0,89	0,89	531.411	552.657
Algodão herbáceo (em caroço)	Tonelada	1.065.322	1.707.450	1,10	1,10	1.169.912	1.875.082
Alho	Tonelada	5.549	9.033	4,05	4,05	22.461	36.563
Amendoim (em casca)	Tonelada	11.365	15.019	1,19	1,19	13.474	17.806
Arroz (em casca)	Tonelada	890.489	1.168.650	0,64	0,64	572.743	751.650
Batata - doce	Tonelada	179.276	179.276	0,61	0,61	109.729	109.729
Batata - inglesa	Tonelada	303.615	344.039	0,82	0,82	248.922	282.064
Cana-de-açúcar	Tonelada	69.255.428	72.833.221	0,07	0,07	4.521.536	4.755.123
Cebola	Tonelada	496.831	372.103	0,88	0,88	438.901	328.716
Fava (em grão)	Tonelada	6.667	6.667	2,61	2,61	17.429	17.429
Feijão (em grão)	Tonelada	597.434	868.685	2,07	2,07	1.236.906	1.798.494
Fumo (em folha)	Tonelada	29.719	21.542	3,44	3,44	102.295	74.149
Girassol	Tonelada	1.275	1.568	0,88	0,88	1.119	1.376
Mamona (baga)	Tonelada	83.238	109.332	1,05	1,05	87.290	114.654
Mandioca	Tonelada	8.126.768	8.321.608	0,21	0,21	1.688.636	1.729.121
Melancia	Tonelada	701.213	701.213	0,39	0,39	272.611	272.611
Melão	Tonelada	456.686	456.686	0,75	0,75	341.227	341.227
Milho (em grão)	Tonelada	4.145.246	5.105.663	0,40	0,40	1.668.210	2.054.720
Soja (em grão)	Tonelada	5.307.202	6.233.581	0,63	0,63	3.362.602	3.949.549
Sorgo granífero (em grão)	Tonelada	103.570	202.200	0,36	0,36	36.892	72.025
Tomate	Tonelada	603.749	607.184	0,92	0,92	556.789	559.957
Lavoura permanente (b)							
Brasil						36.408.767	36.343.830
Nordeste						7.963.683	8.236.512
Abacate	Tonelada	9.480	9.480	0,57	0,57	5.433	5.433
Algodão arbóreo (em caroço)	Tonelada	168	168	1,00	1,00	168	168
Banana	Tonelada	2.646.002	2.702.683	0,55	0,55	1.467.252	1.498.683
Borracha (látex coagulado)	Tonelada	34.175	34.175	2,00	2,00	68.395	68.395
Cacau (em amêndoas)	Tonelada	149.303	154.634	5,86	5,86	874.708	905.940
Café (beneficiado)	Tonelada	190.546	165.156	4,06	4,06	774.012	670.876

(continua)

Tabela 10 – Nordeste – Estimativa do Valor Bruto da Produção (VBP) – 2010 e 2011

(continua)

Produtos	Unidade	Quant.		Preço (kg)		VBP (mil reais)	
		2010	2011	2010	2011	2010	2011
Caqui	Tonelada	119	119	1,67	1,67	199	199
Castanha-de-caju	Tonelada	102.586	229.903	1,21	1,21	124.306	278.579
Côco-da-baía	Mil frutos	1.297.550	1.379.037	0,46	0,46	595.805	633.222
Dendê (côco)	Tonelada	231.272	231.272	0,18	0,18	42.630	42.630
Figo	Tonelada	0	0	0,00	0,00	0	0
Goiaba	Tonelada	130.474	130.474	0,72	0,72	93.621	93.621
Guaraná (semente)	Tonelada	2.688	2.907	6,06	6,06	16.280	17.606
Laranja	Tonelada	1.878.158	1.927.486	0,32	0,32	607.907	623.873
Limão	Tonelada	83.859	83.859	0,49	0,49	41.474	41.474
Maçã	Tonelada	415	415	1,08	1,08	450	450
Mamão	Tonelada	1.170.569	1.170.569	0,91	0,91	1.061.115	1.061.115
Manga	Tonelada	846.530	846.530	0,55	0,55	467.614	467.614
Maracujá	Tonelada	699.242	699.242	0,91	0,91	635.771	635.771
Marmelo	Tonelada	250	250	1,78	1,78	445	445
Palmito	Tonelada	20.320	20.320	0,39	0,39	8.006	8.006
Pimenta-do-reino	Tonelada	5.065	4.763	4,15	4,15	21.028	19.774
Sisal ou agave (fibra)	Tonelada	235.759	287.120	1,00	1,00	235.152	286.381
Tangerina	Tonelada	41.267	41.267	0,46	0,46	19.139	19.139
Urucum (semente)	Tonelada	2.447	2.447	1,94	1,94	4.758	4.758
Uva	Tonelada	264.631	282.652	3,02	3,02	798.018	852.362
Agricultura						170.803.835	178.604.886
Brasil						24.964.778	27.931.213
Nordeste							
Pecuária							
Brasil						95.822.422	105.412.011
Nordeste						14.222.420	14.653.431
Carne bovina	Tonelada	1.060.919	1.083.234	6,21	6,08	6.586.674	6.586.933
Frango	Tonelada	1.136.148	1.156.560	2,33	2,37	2.646.346	2.746.824
Leite	Milhões de litros	2.937	3.021	0,78	0,81	2.290.339	2.443.408
Ovos	Mil cx. De 30 dúzias	12.740	12.873	2,09	2,05	886.179	878.552
Suínos	Tonelada	651.548	663.761	2,78	3,01	1.812.882	1.997.714
Agropecuária							
Brasil						266.626.257	284.016.897
Nordeste						39.187.198	42.584.644
Relações Nordeste/Brasil							
Lavoura temporária (a)						12,7	13,8
Lavoura permanente (b)						21,9	22,7
Agricultura (c)						14,6	15,6
Pecuária (d)						14,8	13,9
Agropecuária (c + d)						14,7	15,0

Fontes: IBGE, 2012a, 2012b, AgraFNP, 2010. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

As lavouras temporárias, por serem mais influenciadas por aspectos conjunturais, apresentaram em 2011 um crescimento do VBP bem maior em relação a 2010 (15,8%), se comparadas com as lavouras permanentes, cujo VBP cresceu 3,4% em 2011. Estima-se um aumento de R\$ 2,7 bilhões no faturamento das lavouras temporárias e de R\$ 273 milhões no VBP das lavouras permanentes. O faturamento dos produtos pecuários subiu de R\$ 14,2 bilhões para R\$ 14,6 bilhões, assinalando crescimento de 3%, conforme previsto na revista *BNB Conjuntura Econômica* nº 30.

As informações completas sobre o ano 2011 apenas confirmam que, no tocante à participação estadual no VBP da região, o quadro continua inalterado, com apenas

quatro estados (Bahia, Ceará, Maranhão e Pernambuco) respondendo por ¾ do total (R\$ 31,6 bilhões), enquanto os outros cinco (Alagoas, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe) contribuem com a quarta parte restante (R\$ 11 bilhões) como mostra a Tabela 11.

De acordo com a Tabela 11, nas lavouras temporárias, a Bahia, com 39,2% (R\$ 7,7 bilhões) e o Maranhão, com 12,5% (R\$ 2,5 bilhões) foram os dois estados a apresentarem os maiores VBPs da região em 2011. Também foram, de igual modo, os líderes no VBP da pecuária. Por outro lado, Pernambuco (com R\$ 1,2 bilhão) e Ceará (com R\$ 854 milhões) exerceram esse mesmo papel no VBP das lavouras permanentes.

Tabela 11 – Nordeste – Estimativa da Participação dos Estados no Valor Bruto da Produção Agropecuária 2011

Estados	Lavouras Temporárias	%	Lavouras Permanentes	%	Agricultura	%	Pecuária	%	Agropecuária	R\$ milhões dez/2011 %
Maranhão	2.455	12,5	76	0,9	2.531	9,1	2.332	15,9	4.863	11,4
Piauí	1.624	8,2	93	1,1	1.718	6,1	1.223	8,3	2.941	6,9
Ceará	1.584	8,0	854	10,4	2.438	8,7	1.876	12,8	4.314	10,1
Rio Grande do Norte	805	4,1	276	3,4	1.082	3,9	608	4,1	1.690	4,0
Paraíba	888	4,5	217	2,6	1.104	4,0	744	5,1	1.848	4,3
Pernambuco	1.883	9,6	1.187	14,4	3.071	11,0	1.965	13,4	5.036	11,8
Alagoas	2.123	10,8	81	1,0	2.203	7,9	613	4,2	2.817	6,6
Sergipe	608	3,1	485	5,9	1.094	3,9	621	4,2	1.715	4,0
Bahia	7.724	39,2	4.966	60,3	12.691	45,4	4.671	31,9	17.362	40,8
Bahia+Pernambuco+Ceará+Maranhão	13.647	69,3	7.084	86,0	20.731	74,2	10.844	74,0	31.575	74,1
Demais	6.048	30,7	1.152	14,0	7.201	25,8	3.809	26,0	11.010	25,9
Soma	19.695	100,0	8.237	100,0	27.931	100,0	14.653	100,0	42.585	100,0

Fontes: IBGE, 2012a, 2012b, AgraFNP, 2010. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

3.4.3.2 - Balança Comercial do Agronegócio

Em janeiro de 2012, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento fez o fechamento dos dados do comércio exterior do agronegócio de 2011. As exportações brasileiras do segmento alcançaram US\$ 94,6 bilhões, representando um crescimento de 23,7% em relação às vendas externas de 2010 (Tabela 12). Esse montante ratificou a importância do agronegócio para o país, já que o segmento respondeu por 36,9% das suas exportações totais.

As importações do agronegócio (US\$ 17,1 bilhões), no entanto, representaram apenas 7,6% das compras externas brasileiras, apesar de terem aumentado 27,6% sobre a posição registrada no final de 2010. Ainda que o crescimento das importações haja superado o das exportações, a balança comercial do agronegócio brasileiro contabilizou superávit de US\$ 77,5 bilhões, assinalando crescimento de 23% em relação ao saldo de 2010. Esse valor corresponde a 2,6 vezes o saldo da balança comercial total do Brasil, significando que, não fora o agronegócio, o país teria amargado um déficit de US\$ 47,7 bilhões em sua balança comercial.

Em termos relativos as exportações do agronegócio nordestino cresceram mais (24,7%) do que as do agregado brasileiro, no mesmo período, alcançando US\$ 8,9 bilhões e representando 47,4% das exportações totais do Nordeste. As importações do agronegócio nordestino em 2011 (US\$ 2,9 bilhões), por sua vez, foram 55,8% superiores ao valor registrado em 2010, acompanhando o comportamento observado em âmbito nacional. Ainda assim, o saldo comercial do agronegócio da região elevou-se de US\$ 5,3 bilhões, em 2010, para US\$ 6 bilhões em 2011, crescendo 13,8%. Cabe destacar, no entanto, que o resultado da balança comercial total do Nordeste é muito mais dependente do desempenho do agronegócio do que o observado nacionalmente, porquanto, sem a

contribuição dos produtos do agronegócio, a região apresentaria, em vez de superávit, um déficit de R\$ 11,3 bilhões (e não de US\$ 5,3 bilhões, como verificado).

As exportações do agronegócio nordestino são muito concentradas em termos geográficos, pois apenas quatro estados (Alagoas, Bahia, Ceará e Pernambuco) responderam por 86% das exportações da região, em 2011, repetindo-se a situação de 2010. Quanto ao desempenho exportador em relação a 2010, Sergipe foi o estado que apresentou o maior crescimento proporcional (79,5%) enquanto o Maranhão ocupou a segunda posição (48,1%). Os desempenhos negativos foram registrados pelo Rio Grande do Norte (-7,8%) e pela Paraíba (-5,4%), os únicos que em 2011 exportaram menos que em 2010.

Bahia, Ceará, Paraíba e Pernambuco foram os principais destinos das importações de produtos do agronegócio no Nordeste, em 2011, repetindo-se o que ocorreu em 2010. As importações apresentaram uma concentração semelhante à das exportações: os quatro maiores estados importadores (Bahia, Ceará, Maranhão e Pernambuco) respondem por 86,5% do valor importado. Somente o Piauí diminuiu suas importações em relação a 2010; nos demais estados as importações cresceram em 2011, especialmente na Paraíba (207,1%), Alagoas (120,2%) e Ceará (94,4%).

Tabela 12 – Nordeste – Balança Comercial do Agronegócio, por Estado – 2010 e 2011
 US\$ Milhões
 Dados de janeiro a dezembro de cada ano

Região/Estado	2010			2011		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
Brasil - Total (a)	201.915,3	181.768,4	20.146,9	256.039,6	226.243,4	29.796,2
Brasil - Agronegócio (b)	76.438,8	13.386,7	63.052,2	94.591,0	17.083,1	77.507,9
Nordeste - Total (c)	15.867,7	17.585,5	-1.717,9	18.830,3	24.155,7	-5.325,4
Nordeste - Agronegócio (d)	7.153,8	1.861,1	5.292,7	8.924,2	2.899,3	6.024,9
Alagoas	928,3	63,7	864,6	1.355,6	140,3	1.215,3
Bahia	3.738,5	590,6	3.147,9	4.687,7	682,3	4.005,4
Ceará	828,7	334,6	494,1	875,8	650,7	225,1
Maranhão	441,2	92,7	348,6	653,3	121,7	531,5
Paraíba	120,9	105,5	15,4	114,3	324,0	-209,7
Pernambuco	688,5	585,5	103,0	766,6	850,6	-84,0
Piauí	122,5	2,8	119,7	158,8	1,4	157,4
Rio Grande do Norte	228,8	49,2	179,6	211,0	65,9	145,1
Sergipe	56,4	36,5	19,8	101,1	62,4	38,7
Variação % 2010/2011						
Brasil - Total (a)				26,8	24,5	47,9
Brasil - Agronegócio (b)				23,7	27,6	22,9
Nordeste - Total (c)				18,7	37,4	210,0
Nordeste - Agronegócio (d)				24,7	55,8	13,8
Alagoas				46,0	120,2	40,6
Bahia				25,4	15,5	27,2
Ceará				5,7	94,4	-54,4
Maranhão				48,1	31,4	52,5
Paraíba				-5,4	207,1	-1.461,5
Pernambuco				11,3	45,3	-181,5
Piauí				29,7	-50,2	31,5
Rio Grande do Norte				-7,8	33,9	-19,2
Sergipe				79,5	70,8	95,4
Relações (%)						
b/a	37,9	7,4	313,0	36,9	7,6	260,1
d/c	45,1	10,6	-308,1	47,4	12,0	-113,1
d/b	9,4	13,9	8,4	9,4	17,0	7,8

Fonte: BRASIL, 2012b. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

Como resultado desses comportamentos, os saldos comerciais de cinco estados aumentaram em 2011, comparativamente a 2010, com destaque para Sergipe (95,4%) e Maranhão (52,5%). No mesmo período, o saldo comercial reduziu-se em quatro estados (Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do

Norte). Dentre os estados que contribuíram para o superávit comercial do agronegócio da região em 2011, destacam-se Alagoas, Bahia, Ceará e Maranhão.

Cinco segmentos: complexo sucroalcooleiro, complexo soja, produtos florestais, fi-

bras e produtos têxteis e frutas (inclui nozes e castanhas) formam o ranking dos principais itens exportados pelo agronegócio regional, em 2011. Juntos, representaram 83,4% (US\$ 7,4 bilhões) do total (Tabela 13). Dos 16 componentes da pauta exportadora do agronegócio nordestino em 2011, dois sofreram redução em relação a 2010: cacau e seus produtos (-3,9%) e pescados (-9,1%). Coube ao grupo produtos oleaginosos (exclui soja) o maior crescimento proporcional (128,5%), embora sua participação nas exportações não seja significativa (0,4%). Dentre os cinco segmentos com os maiores volumes de ex-

portação do agronegócio na região, em 2011, três obtiveram aumentos expressivos, acima da média regional (24,7%): fibras e produtos têxteis (68,1%), complexo soja (41,1%) e complexo sucroalcooleiro (35,1%).

As importações de produtos do agronegócio, em 2011, foram um pouco menos concentradas do que as exportações, já que os cinco produtos mais relevantes responderam, juntos, por 78,9% (US\$ 2,3 bilhões) do total (Tabela 14). As maiores variações em relação a 2010 foram registradas pelos segmentos complexo sucroalcooleiro

Tabela 13 – Principais Produtos Exportados do Agronegócio, Janeiro a Dezembro/2010 e 2011

Produtos Valor		2010			2011			Variação		US\$ Milhões
		Valor	Part. %	% Acumulado	Valor	Part. %	% Acumulado	Absoluta	%	
1	Complexo sucroalcooleiro	1.500,8	21,0	21,0	2.027,0	22,7	22,7	526,2	35,1	
2	Complexo soja	1.396,6	19,5	40,5	1.970,2	22,1	44,8	573,6	41,1	
3	Produtos florestais	1.680,2	23,5	64,0	1.809,3	20,3	65,1	129,1	7,7	
4	Fibras e produtos têxteis	545,6	7,6	71,6	917,3	10,3	75,3	371,6	68,1	
5	Frutas (inclui nozes e castanhas)	684,1	9,6	81,2	715,4	8,0	83,4	31,3	4,6	
6	Couros, produtos de couro e peleteria	460,4	6,4	87,6	466,2	5,2	88,6	5,8	1,3	
7	Cacau e seus produtos	296,2	4,1	91,8	284,7	3,2	91,8	-11,6	-3,9	
8	Café	118,6	1,7	93,4	160,9	1,8	93,6	42,3	35,7	
9	Sucos de frutas	94,2	1,3	94,7	141,8	1,6	95,2	47,5	50,4	
10	Demais produtos de origem vegetal	122,2	1,7	96,4	140,0	1,6	96,7	17,8	14,5	
11	Pescados	108,4	1,5	98,0	98,6	1,1	97,8	-9,8	-9,1	
12	Fumo e seus produtos	30,9	0,4	98,4	38,9	0,4	98,3	8,0	25,9	
13	Produtos alimentícios diversos	27,5	0,4	98,8	35,5	0,4	98,7	8,0	29,1	
14	Produtos oleaginosos (exclui soja)	13,9	0,2	99,0	31,7	0,4	99,0	17,8	128,5	
15	Produtos apícolas	21,8	0,3	99,3	30,4	0,3	99,4	8,7	39,7	
16	Outros	52,3	0,7	100,0	56,4	0,6	100,0	4,1	7,8	
Total		7.153,8	100,0		8.924,2	100,0		1.770,4	24,7	

Fonte: IBGE, 2012b. **Elaboração:** Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

(1.278,8%), frutas (399,4%) e fibras e produtos têxteis (192,1%). Em termos absolutos, foram mais significativas as importações de fibras e produtos têxteis (US\$ 288,4 milhões), complexo sucroalcooleiro (US\$ 237,8 milhões) e cereais, farinhas e preparações (US\$ 232,3 milhões). Chama a atenção a presença do complexo sucroalcooleiro nessa lista, já que o Nordeste é um grande produtor de cana-de-açúcar. Ocorre que em 2011 a região importou 291,5 mil toneladas de álcool etílico (correspondentes a todo o valor ali registrado), destinadas principalmente aos estados de Pernambuco (52%), Paraíba (24%) e Alagoas (20%). Dos grupos de produtos destacados na mencionada tabela, somente

houve redução de importações nos segmentos cacau e seus produtos, couros, produtos de couro e peleteria e outros.

Dentre os grupos que figuram tanto na lista dos principais produtos exportados quanto na dos principais importados (Tabela 15), apenas dois sofreram redução de saldo: frutas (-6,9%) e pescados (-180,4%). Vale destacar que o segmento pescados saiu de uma situação de superávit em 2010 para um déficit em 2011. É importante ressaltar que, apesar da simultaneidade de exportações/importações, os nove grupos de produtos ali elencados participam com 85,2% do saldo comercial do agronegócio da região.

Tabela 14 – Nordeste – Principais Produtos Importados do Agronegócio, Janeiro a Dezembro/2010 e 2011

Produtos Valor	2010			2011			Variação	
	Valor	Part. %	% Acumulado	Valor	Part. %	% Acumulado	Absoluta	%
1 Cereais, farinhas e preparações	853,9	45,9	45,9	1.086,3	37,5	37,5	232,3	27,2
2 Fibras e produtos têxteis	150,1	8,1	53,9	438,5	15,1	52,6	288,4	192,1
3 Produtos florestais	197,3	10,6	64,5	278,0	9,6	62,2	80,7	40,9
4 Complexo sucroalcooleiro	18,6	1,0	65,5	256,4	8,8	71,0	237,8	1.278,8
5 Produtos oleaginosos (exclui soja)	141,4	7,6	73,1	228,3	7,9	78,9	86,9	61,5
6 Cacau e seus produtos	176,2	9,5	82,6	132,6	4,6	83,5	-43,6	-24,7
7 Pescados	86,6	4,7	87,3	116,1	4,0	87,5	29,5	34,1
8 Bebidas	81,7	4,4	91,7	99,9	3,4	90,9	18,2	22,3
9 Frutas (inclui nozes e castanhas)	19,4	1,0	92,7	96,8	3,3	94,3	77,4	399,4
10 Carnes	28,3	1,5	94,2	47,4	1,6	95,9	19,1	67,4
11 Produtos hortícolas, leguminosas, raízes e Tubérculos	29,2	1,6	95,8	40,4	1,4	97,3	11,3	38,6
12 Produtos alimentícios diversos	13,0	0,7	96,5	17,4	0,6	97,9	4,4	33,9
13 Lácteos	8,1	0,4	96,9	13,8	0,5	98,4	5,8	71,9
14 Couros, produtos de couro e peleteria	19,3	1,0	98,0	11,8	0,4	98,8	-7,5	-38,9
15 Demais produtos de origem vegetal	7,1	0,4	98,3	11,3	0,4	99,2	4,2	59,8
16 Outros	31,1	1,7	100,0	24,4	0,8	100,0	-6,7	-21,6
Total	1.861,1	100,0		2.899,3	100,0		1.038,2	55,8

Fonte: BRASIL, 2012a. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

Tabela 15 – Nordeste – Saldo Comercial dos Principais Produtos Exportados e Importados, Simultaneamente, do Agronegócio, Janeiro a Dezembro/2010 e 2011

Produtos Valor	2010			2011			Variação	
	Valor	Part. %	% Acumulado	Valor	Part. %	% Acumulado	Absoluta	%
1 Complexo sucroalcooleiro	1.482,2	31,3	31,3	1.770,6	34,5	34,5	288,4	19,5
2 Produtos florestais	1.482,9	31,3	62,6	1.531,3	29,8	64,3	48,4	3,3
3 Frutas (inclui nozes e castanhas)	664,8	14,0	76,6	618,7	12,0	76,3	-46,1	-6,9
4 Fibras e produtos têxteis	395,5	8,3	85,0	478,8	9,3	85,7	83,3	21,1
5 Couros, produtos de couro e peleteria	441,1	9,3	94,3	454,5	8,8	94,5	13,3	3,0
6 Cacau e seus produtos	120,0	2,5	96,8	152,0	3,0	97,5	32,0	26,7
7 Demais produtos de origem vegetal	115,1	2,4	99,2	128,7	2,5	100,0	13,5	11,8
8 Produtos alimentícios diversos	14,5	0,3	99,5	18,1	0,4	100,3	3,6	24,9
9 Pescados	21,8	0,5	100,0	-17,5	-0,3	100,0	-39,3	-180,4
Total	4.738,1	100,0		5.135,2	100,0		397,1	8,4

Fonte: BRASIL, 2012c. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

Fazendo-se uma simples extração linear do comportamento das exportações e importações do agronegócio nordestino nos últimos cinco anos, em 2012 as exportações

devem atingir US\$ 8.448 milhões e as importações US\$ 2.482 milhões, resultando em um superávit de US\$ 5.996 milhões.

REFERÊNCIAS

ABIQUIM. Relatório de acompanhamento conjuntural: nov. 2011. Disponível em: <<http://www.abiquim.com.br>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

AGRAFNP. Anualpec: anuário da pecuária brasileira. São Paulo: AgraFNP, 2010.

ALVES, Thabata. Pernambuco terá a maior usina termelétrica do mundo. **Leia Já**, 14 set. 2011. Disponível em: <<http://www.leiaja.com/noticias/2011/pernambuco-tera-maior-usina-termelétrica-do-mundo>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

BANCO CENTRAL DO BRASIL Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 17 jan. 2012a.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. *Indicadores econômicos consolidados*. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: jan. 2012b.

BAQUIT, Ingrid. Ceará vai apresentar 60 projetos. **Jornal O Povo**, 06 out. 2011. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/economia/2011/10/06/noticiaeconomia>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

BNB/FEDERAÇÕES DO COMÉRCIO. Confiança e intenção de compra do consumidor das capitais do Nordeste – janeiro 2012. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/etene/etene/gerados/resultados_confianca.asp>. Acesso em: 14 jan. 2012a.

_____. **Perfil de endividamento do consumidor das capitais do nordeste – janeiro 2012.** Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/etene/etene/gerados/resultados_endividamento.asp>. Acesso em: 14 jan. 2012b.

BRASIL. Ministério da Agricultura. **Agrostat.** Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/agrostat>>. Acesso em: 11 jan. 2012a.

_____. Ministério da Fazenda. **Brasil pode ter o quinto maior PIB do mundo antes de 2015, defende Mantega.** Disponível em: <<http://www.fazenda.gov.br>>. Acesso em: 12 jan. 2012b.

_____. Ministério da Fazenda. **Ministro estima que economia crescerá 5% em 2012.** Disponível em: <<http://www.fazenda.gov.br>>. Acesso em: 5 jan. 2012c.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=1078&ref=1076>>. Acesso em: 11 jan. 2012d.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Alice Web.** Disponível em: <<http://www.aliceweb2.mdic.gov.br>>. Acesso em: jan. 2012e.

CEPEA/ESALQ/BM&FBOVESPA. **Agromensal:** informações de mercado, out. 2011. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/agromensal/2011/10_outubro/Pecuaria.htm>. Acesso em: 5 jan. 2012a.

_____. **Agromensal:** informações de mercado, nov. 2011. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/agromensal/2011/11_novembro/Pecuaria.htm>. Acesso em: 5 jan. 2012b.

_____. **Agromensal:** informações de mercado, dez. 2011. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/agromensal/2011/12_dezembro/Pecuaria.htm>. Acesso em: 5 jan. 2012c.

<<http://www.cepea.esalq.usp.br/imprensa/?page=340&id=4334>>. Acesso em: 5 jan. 2012c.

_____. **Agromensal:** informações de mercado, out. 2011. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/comunicacao/Cepa_Leite_Outubro_11.doc>. Acesso em: 5 jan. 2012d.

_____. **Agromensal:** informações de mercado, nov. 2011. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/comunicacao/Cepa_Leite_Novembro_11.doc>. Acesso em: 5 jan. 2012e.

_____. **Agromensal:** informações de mercado, dez. 2011. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/comunicacao/Cepa_Leite_Dezembro_11.doc>. Acesso em: 5 jan. 2012f.

CEPEA/ESALQ. **Agromensal:** informações de mercado. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/agromensal/2011/11_novembro/AcucarAlcool.htm>. Acesso em: 11 out. 2011a.

_____. **Agromensal:** informações de mercado. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/agromensal/2011/11_novembro/Algodoao.htm>. Acesso em: 11 out. 2011b.

_____. **Agromensal:** informações de mercado. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/agromensal/2011/11_novembro/Cafe.htm>. Acesso em: 11 out. 2011c.

_____. **Agromensal:** informações de mercado. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/agromensal/2011/11_novembro/Milho.htm>. Acesso em: 11 out. 2011d.

_____. **Agromensal:** informações de mercado. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/agromensal/2011/11_novembro/Soja.htm>. Acesso em: 11 out. 2011e.

_____. **Indicadores de preços:** açúcar. Disponível em: <<http://www.cepea.esalq.usp.br/acucar/>>. Acesso em: 6 jan. 2012a.

_____. **Indicadores de preços:** etanol. Disponível em: <<http://www.cepea.esalq.usp.br/etanol/>>. Acesso em: 6 jan. 2012b.

CENTRO DE INTELIGÊNCIA DO FEIJÃO – CIA. Culturas do feijão. **Informativo Conjuntural**, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.cifeijao.com.br/arquivos/Analise%20CiFeij%2001-06-2012.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2012.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO - CONAB. **Acompanhamento de safra brasileira:** café, safra 2012, primeira estimativa, janeiro 2012. Brasília: CONAB, 2012a.

_____. **Acompanhamento de safra brasileira:** cana de açúcar, safra 2011/2012, terceiro levantamento, dezembro 2011. Brasília: CONAB, 2012b.

_____. **Acompanhamento de safra brasileira:** grãos, safra 2011/ 2012, quarto levantamento, 2011. Brasília: CONAB, 2012c.

CONSULTORIA, MÉTODOS, ASSESSORIA E MERCANTIL S/A. **Trading Analysis Information.** São Paulo: CMA, 2012

DIEESE. **Em três capitais, alta da cesta supera 11%, em 2011.** Nota à Imprensa. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br>>. Acesso em: 8 jan. 2012a.

_____. **Política de valorização do salário mínimo.** Nota técnica, n. 106. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br>>. Acesso em: 8 jan. 2012b.

FECOMÉRCIO SÃO PAULO. **Desempenho do varejo em 2011, perspectivas em 2012.** Disponível em: <<http://www.fecomercio.com.br/arquivos/arquivo/>> Acesso em: 14 jan. 2012.

GLOBAL 21. **Grifes levam confecção para o Peru.** Disponível em: <<http://www.global21.com.br>>. Acesso em: 16 jan. 2012.

IBGE. **Contas nacionais trimestrais: julho/septembro 2011.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 17 jan. 2012a.

_____. **Pesquisa industrial mensal produção física:** Brasil – nov. 2011. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/industria/pimpfbr/default.shtml>>. Acesso em: 23 jan. 2012b.

_____. **Pesquisa mensal de comércio:** novembro 2011. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 14 jan. 2012c.

_____. **Pesquisa mensal de emprego.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 5 jan. 2012d.

IBGE/SIDRA. **Levantamento sistemático da produção agrícola municipal 2011.** Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/default.asp?t=5&z=t&o=1&u1=1&u2=1&u3=1&u4=1&u5=1&u6=1&u7=1&u8=1&u9=1&u10=1&u11=3&u12=1&u13=26674&u14=1&u15=1>>. Acesso em: 10 jan. 2012a.

_____. **Produção agrícola municipal 2010.** Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/pam/default.asp>>. Acesso em: 10 jan. 2012b.

IEDI. Crescimento e comércio exterior da indústria, segundo a intensidade tecnológica. **Carta IEDI**, n. 494. Disponível em: <<http://www.iedi.org.br>>. Acesso em: 14 jan. 2012a.

_____. **Fatia da indústria no emprego é a menor em nove anos.** Disponível em: <<http://www.iedi.org.br>>. Acesso em: 14. jan. 2012b.

LCA Setorial. **Sinopse setorial:** indústria de bens de consumo, comércio e serviços – janeiro de 2012.

LEO, Sérgio. . Indústria têxtil vai pedir medidas compensatórias contra a China. **Valor Econômico**, 29 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.valor.com.br>>. Acesso em: 8 jan. 2012.

MACHADO, Tainara; VILLAPERDE, João. Infraestrutura sustenta os investimentos da indústria. **Valor Econômico**, São Paulo, 04 jan. 2012. Disponível em: <<http://www.valor.org.br>>. Acesso em: jan. 2012.

PETROBRÁS anuncia descoberta de petróleo leve em águas ultraprofundas de Sergipe. **Jornal O Povo**. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

SARAIVA, Jacílio. Ritmo avançado. **Valor Econômico**, São Paulo, 19 dez. 2011. Suplemento Especial Nordeste. Disponível em: <<http://www.valor.org.br>>. Acesso em: jan. 2012.

4 - EMPREGO E RENDIMENTO

Segundo a Pesquisa Mensal de Emprego (PME) de dezembro, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), considerado o agregado das regiões metropolitanas pesquisadas (Belo Horizonte, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Porto Alegre), a taxa de desocupação¹ foi estimada em 4,7%, queda de meio ponto percentual (p.p) em relação a novembro de 2011, e 0,6 ponto inferior à registrada em dezembro de 2010 (5,3%). Vale destacar que essa taxa de desocupação para as seis regiões pesquisadas é a menor da série, desde seu início em 2002.

Os resultados revelaram que, em dezembro, Recife apresentou taxa de desemprego (4,7%) semelhante à média obtida nas regiões metropolitanas. Por sua vez, Salvador registrou um patamar (7,7%) acima da média nacional (Gráfico 1). Ambas as regiões também experimentaram o menor índice de desemprego desde que a PME foi iniciada. Na comparação com dezembro de 2010, Re-

cife assinalou recuo de 2,2 pontos percentuais contra 0,7 p.p de Salvador.

Pelas estimativas da PME, em dezembro último, a população ocupada nas seis regiões metropolitanas (RMs) somou 22,7 milhões de pessoas, acréscimo de 1,3% ou 283 mil postos de trabalho no intervalo de 12 meses.

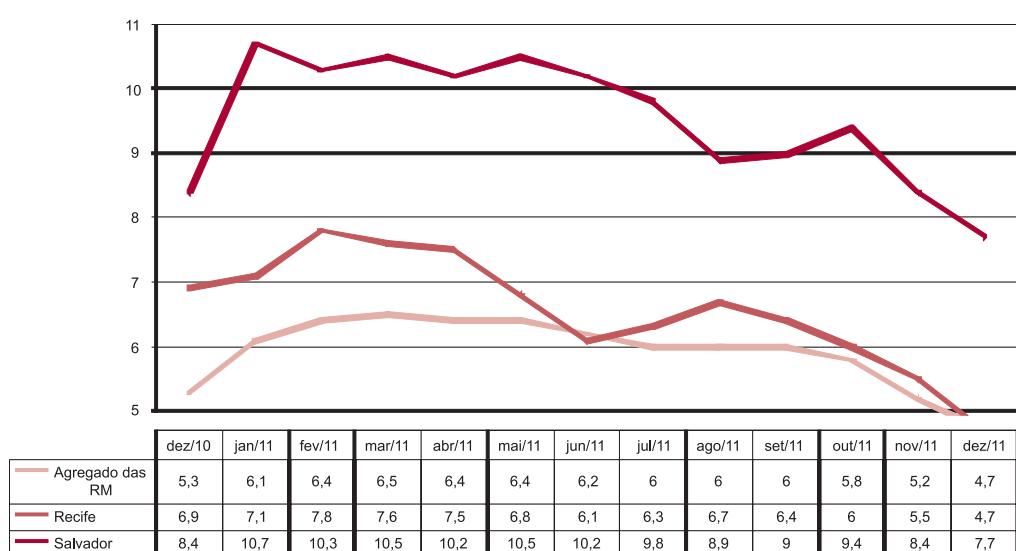


Gráfico 1 – Taxa de Desocupação por Região Metropolitana

Fonte: IBGE, 2012. Elaboração: Equipe BNB/ETENE – Conjuntura Econômica.

1 Percentual de pessoas desocupadas em relação à população economicamente ativa.

Na RM do Recife, o contingente ocupado teria alcançado 1.570 mil pessoas (47,5% da população em idade ativa). Segundo a pesquisa, 54,9% da população ocupada pertencem ao sexo masculino; 63,9% têm entre 25 e 49 anos de idade; 59,1% possuem 11 anos de estudo ou mais; e 58,2% trabalham em empreendimentos com, no mínimo, 11 empregados.

Na RM de Salvador, a população ocupada em dezembro de 2011 foi estimada em 1.742 mil pessoas (50,6% do contingente em idade ativa). O sexo masculino predomina entre os ocupados (53,7%); 66,9% encontram-se na faixa entre 25 e 49 anos de idade; 67% freqüentaram a escola durante pelo menos 11 anos e 61,6% trabalhavam em empreendimentos com mais de 10 empregados (Tabela 1).

Com relação à distribuição setorial da população ocupada nas RMs pesquisadas, em

quase todas as atividades os saldos apurados em dezembro último foram inferiores aos de dezembro de 2010. Apenas construção e serviços prestados às empresas apresentaram resultado superior nessa base de comparação.

Vale ressaltar que as atividades de comércio, reparação de veículos automotores e de objetos pessoais e domésticos e comércio varejista de combustíveis destacaram-se entre os demais setores. Em dezembro de 2011, esse agrupamento absorveu 18,7% da população ocupada nas seis regiões metropolitanas pesquisadas, sendo, também, o mais representativo nas RMs de Recife (23,2% do total ocupado) e na RM Salvador (20,6%) (Tabela 2).

O contingente de trabalhadores com carteira assinada no setor privado foi estimado em 11,2 milhões de postos de trabalho ou

Tabela 1 – População Ocupada nas Regiões Metropolitanas e nas Regiões do Recife e Salvador (%). Dezembro/2011

População ocupada (%)	Total das 6 RM's	Recife	Salvador
Sexo			
Masculino	54,5	54,9	53,7
Feminino	45,5	45,1	46,3
Faixa Etária (anos)			
10 a 14 anos	0,2	0,2	0,1
15 a 17 anos	1,5	1,2	1,2
18 a 24 anos	13,9	14,0	12,3
25 a 49 anos	62,7	63,9	66,9
50 anos ou mais	21,7	20,7	19,5
Anos de Estudo			
Sem instrução e menos de 1 ano	1,4	1,8	1,0
1 a 3 anos	3,4	3,9	2,9
4 a 7 anos	17,1	20,0	15,2
8 a 10 anos	16,4	15,2	13,8
11 anos ou mais	61,7	59,1	67
Tamanho do Empreendimento por nº de empregados			
1 a 5 pessoas	31,4	37,3	31,6
6 a 10 pessoas	5,6	4,5	6,8
11 ou mais pessoas	63,0	58,2	61,6

Fonte: IBGE, 2012. Elaboração: Equipe BNB/ETENE – Conjuntura Econômica.

Tabela 2 – População Ocupada nas Seis Regiões Metropolitanas, em Recife e Salvador. Distribuição por Grupamento de Atividades. Dezembro 2010/2011

Grupamentos de Atividade	Todas 6 RM		Recife		Salvador	
	% População Ocupada		% População Ocupada		% População Ocupada	
	dez/10	dez/11	dez/10	dez/11	dez/10	dez/11
Indústria	16,6	16,1	11,3	10,8	10,4	9,3
Construção	7,3	7,7	7,0	8,2	9,2	10,1
Comércio	19,3	18,7	23,9	23,2	21,7	20,6
Serviços prestados às empresas	15,1	16,5	13,9	16,4	13,5	16,2
Educação, saúde e adm. pública	16,0	15,9	19,0	18,2	17,9	19,1
Serviços domésticos	7,2	6,8	7,3	6,9	8,5	6,5
Outros serviços	17,8	17,7	16,9	15,8	18,8	17,7

Fonte: IBGE, 2012. Elaboração: Equipe BNB-ETENE- Conjuntura Econômica.

49,2% de toda a população ocupada nas seis regiões metropolitanas pesquisadas, em dezembro de 2011 (Tabela 3). Em relação a idêntico mês de 2010, houve incremento de 6%, o que corresponde à inserção de 638 mil trabalhadores no mercado formal de trabalho. Nas RM's de Recife e Salvador, os trabalhadores com carteira assinada representaram, respectivamente, 44% e 47,8% da população ocupada.

Em Recife, no período dez.2010/dez.2011, o setor privado incorporou 51 mil

novas contratações com carteira assinada. A informalidade manteve-se praticamente estável, com o ingresso de apenas quatro mil trabalhadores sem carteira assinada no mercado de trabalho.

Na RM de Salvador, a informalidade decresceu 12,2% nesse mesmo período, devido à redução de 41 mil trabalhadores sem carteira assinada. Por outro lado, o contingente dos empregados com carteira assinada assinalou aumento de 5,1%, ao incorporar 44 mil novos trabalhadores.

Tabela 3 – Empregados com Carteira Assinada no Setor Privado nas Seis Regiões Metropolitanas Pesquisadas (%) – Dezembro 2003/2011*

Mês/Ano	Todas 6 RM	RM Recife	RM Salvador
dez/03	39,1	29,8	37,1
dez/04	39,4	32,7	35,2
dez/05	40,8	33,8	34,7
dez/06	41,5	34,6	36,4
dez/07	43,1	37,4	36,5
dez/08	44,7	39,4	40,0
dez/09	44,7	39,8	40,0
dez/10	47,0	42,3	43,0
dez/11	49,2	44,0	47,8

Fonte: IBGE, 2012. Elaboração: Equipe BNB-ETENE- Conjuntura Econômica.

(*) Partipação (%) no total da P. E. A.

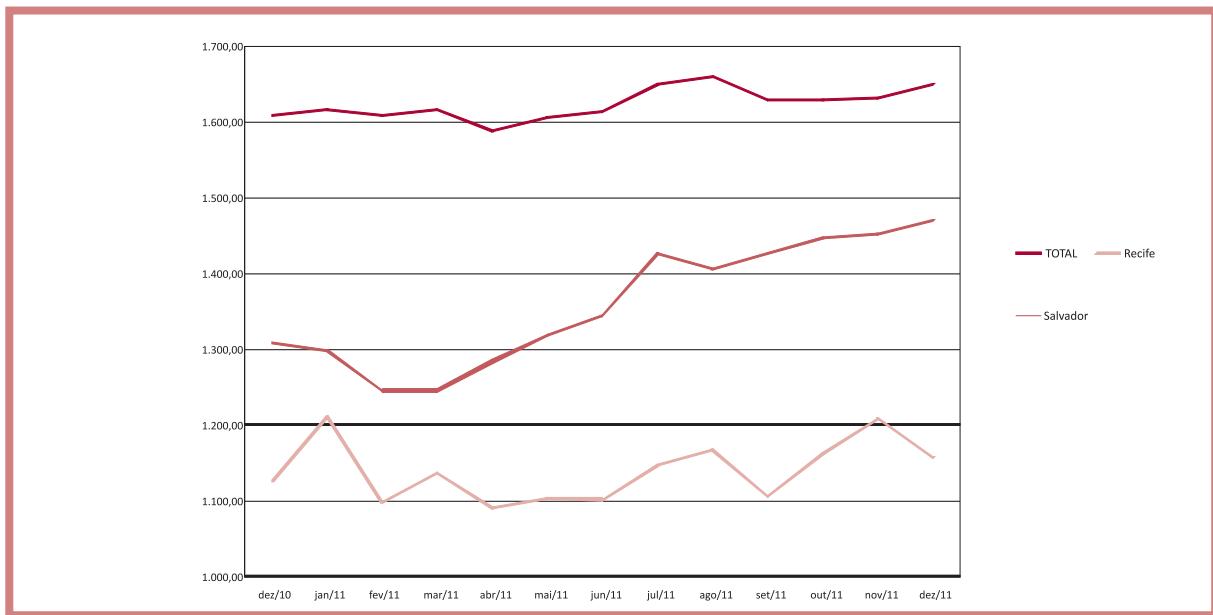


Gráfico 2 – Rendimento Real Habitual Médio (em R\$) – Dezembro de 2010 a Dezembro de 2011

Fonte: IBGE., 2012. Elaboração: Equipe BNB/ETENE – Conjuntura Econômica.

Com relação ao rendimento médio real habitual da população ocupada no país no mês de dezembro de 2011, houve leve crescimento (2,6%) em âmbito nacional, no período de 12 meses. Nas duas regiões do Nor-

deste, os resultados foram distintos. Na RM de Salvador, o valor alcançado, R\$ 1.470,50, significou avanço de 12,4% em 12 meses. Já em Recife, o rendimento médio chegou a R\$ 1.157,40, aumento de 2,7% (Gráfico 2).

4.2 - Considerações Adicionais Sobre Emprego Formal

O Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – Caged, do Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, apresentou resultado positivo, em 2011. Porém, conforme já era previsto, o desempenho manteve-se abaixo do obtido em 2010. Entre janeiro e dezembro de 2011 foram geradas 1.944.560 novas vagas, saldo 23,9% inferior ao de 2010. Para o mês de dezembro, a destruição de postos de trabalho foi semelhante na base de comparação entre os anos: menos 408.172 postos, em 2011, contra 407.510, em dez./2010. Essa grande perda em final de ano é um fenômeno cíclico natural, já que nesse período há um número significativo de dispensas na indústria, bem como pedidos de aposentadorias, de professores, por exemplo, que aguardam o encerramento do ano letivo. O Gráfico 3 mostra a evolução do saldo do Caged regionalmente para o intervalo 2004/2011. Por seu intermédio, percebe-se que o Nordeste ganhou participação relativa no total do Brasil ao longo dos anos, passando de 12,3%, em 2004, para 16,9%, em 2011. Esse último resultado coloca a região ligeiramente à frente do Sul na comparação entre regiões (Gráfico 3).

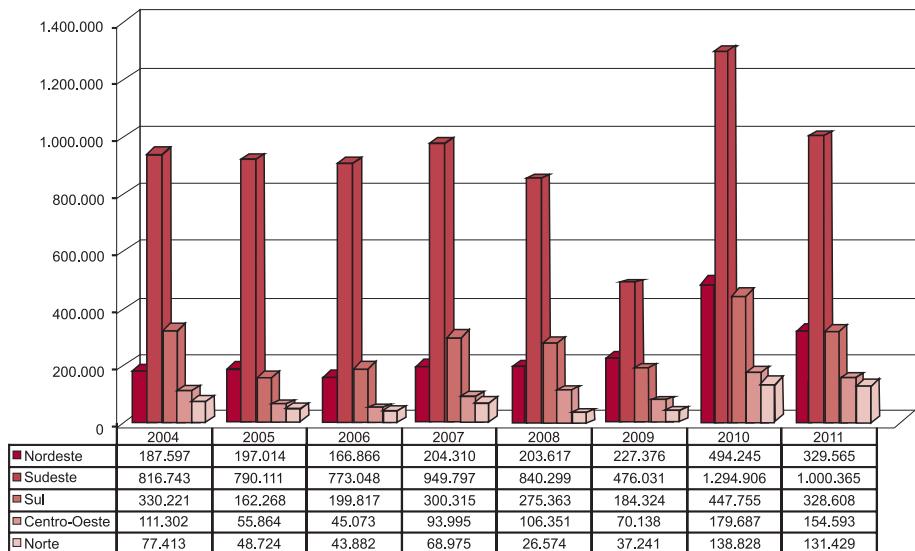


Gráfico 3 – Regiões. Evolução do Saldo de Empregos no Acumulado do Ano – Dezembro de 2004 à Dezembro de 2011

Fonte: BRASIL, 2012. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

A discriminação geográfica e setorial do saldo de empregos acumulado no ano (Tabela 4) indica que, em âmbito nacional, o setor serviços foi responsável por quase metade (47,6%) do total, seguido pelo comércio (23,2%) e construção civil (11,5%). Entre as regiões, o Sudeste participa com 51,4% do saldo nacional. O Nordeste, como dito anteriormente, apresentou franca evolução ao longo do ano. Na última edição de *BNB Conjuntura Econômica* a participação

regional alcançara 13,9% do total nacional. Agora, registrou o segundo melhor desempenho inter-regional, com 16,9%. Ainda sobre o Nordeste: em âmbito setorial a tendência nacional repetiu-se regionalmente quando serviços (45,2%), comércio (24,3%) e construção civil (16,3%) detiveram a maior participação, com destaque especial para a última atividade que apresentou expressivo dinamismo, obtendo 25% do saldo desse setor nacionalmente (Tabela 4).

Tabela 4 – Brasil e Regiões. Saldo Acumulado de Empregos Formais – Por Setores – Janeiro a Dezembro 2011

Região	Extrativa Mineral	Ind. de Transformação	S.I.U.P.*	Const. Civil	Comércio	Serviços	Adm. Pública	Agropecuária	Total
Brasil	19.510	215.472	9.495	222.897	452.077	925.537	17.066	82.506	1.944.560
Nordeste	3.020	23.929	4.163	53.824	80.183	149.051	1.594	13.801	329.565
Norte	3.834	22.983	428	20.631	27.843	50.073	1.254	4.383	131.429
Sudeste	10.035	90.256	1.952	96.718	221.229	522.072	9.791	48.312	1.000.365
Sul	932	58.588	2.804	31.064	87.519	142.425	3.640	1.636	328.608
Centro-Oeste	1.689	19.716	148	20.660	35.303	61.916	787	14.374	154.593

Fonte: BRASIL, 2012. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

(*) Serviços Industriais de Utilidade Pública.

O Gráfico 4 apresenta a tendência mensal da geração de empregos celetistas para o Nordeste. Historicamente, os efeitos sazonais são responsáveis pela queda do saldo no primeiro semestre do ano, retomando as contratações a partir de abril. O mês de setembro configura-se como o de melhor desempenho do ano, pois, a partir de outubro, a tendência é a eliminação de emprego, principalmente na indústria, situação retratada no gráfico.

Na análise dos últimos 12 meses, setembro de 2011 indica o ponto de inflexão, pois está abaixo do resultado obtido no mesmo mês de 2010. Como os meses finais não repercutem significativamente no saldo final do ano, a expectativa é que 2011 não ultrapasse 300 mil novos postos de trabalho na região. Como retrospecto, tem-se que a partir de novembro a geração de emprego diminui, chegando a ficar negativa em dezembro, devido ao término de contratos temporários na indústria, no comércio e no setor de serviços.

Essa sazonalidade é identificada na análise de anos anteriores.

Entre os estados nordestinos, todos mostram desempenho negativo no mês de dezembro, dado o ciclo sazonal do período. No agregado anual, entretanto, o saldo é positivo para todos os estados, com destaque para Pernambuco, que superou a Bahia, detendo 27,2% do saldo regional. Na comparação do acumulado dos anos 2010 e 2011, todos os estados ostentam patamares inferiores em 2011 (Tabela 5).

Todos os setores da economia regional apresentaram desempenho positivo no acumulado do ano, em 2011. No entanto, a análise por Estado mostra que em alguns segmentos os resultados foram aquém do esperado. É o caso da indústria de transformação no Rio Grande do Norte, onde foram abolidos 2.578 empregos em decorrência do panorama na indústria têxtil local. Sofrendo uma grave cri-

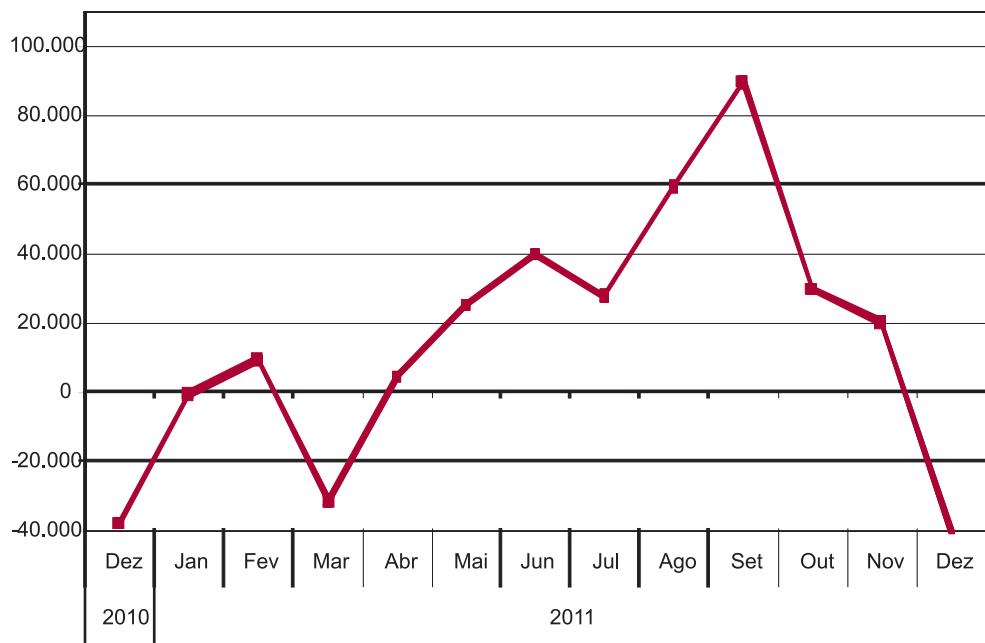


Gráfico 4 – Nordeste – Evolução do Emprego Formal (Mensal). Dezembro 2011 (Saldo)

Fonte: BRASIL, 2012. Elaboração: Equipe BNB-ETENE- Conjuntura Econômica.

Tabela 5 – Nordeste: Geração de Empregos Formais por Estado (Saldo) - 2010 e 2011

Estados	Resultado Mensal Dezembro		Acumulado no Ano (Janeiro - Dezembro)	
	2010	2011	2010	2011
Brasil	-407.510	-408.172	2.555.421	1.944.560
Nordeste	-37.741	-41.078	494.245	329.565
Alagoas	-250	-1.860	17.854	20.050
Bahia	-17.303	-15.069	123.947	76.041
Ceará	-356	-6.569	84.550	56.413
Maranhão	-6.407	-2.980	43.005	25.410
Paraíba	-1.555	-1.085	28.763	20.273
Pernambuco	-4.599	-5.033	117.013	89.607
Piauí	-1.922	-3.988	25.059	10.289
Rio Grande do Norte	-3.775	-3.098	30.266	12.269
Sergipe	-1.574	-1.396	23.788	19.213

Fonte: BRASIL, 2012. Elaboração: Equipe BNB/ETENE - Conjuntura Econômica.

se, a atividade extinguiu mais de quatro mil e quinhentos postos de trabalho ao longo do ano, em sua maioria concentrada em atividades do chão de fábrica.

Representantes do setor alegam que a forte concorrência de produtos importados é o principal fator de desaquecimento da indústria têxtil potiguar. Grandes empresas, como a Coteminas, foram obrigadas a conceder férias coletivas em determinados momentos do ano (CRISE....., 2011).

Entre os estados com resultados positivos, destacam-se Pernambuco, Bahia e Ceará, cujas participações no saldo nordestino alcançaram 27,2%, 23,1% e 17,1%, respec-

tivamente. Juntos, esses três estados foram responsáveis por 67,4% do saldo total do Nordeste.

Já o setor serviços, com 149.051 novos empregos celetistas, e o comércio, com 80.183, tiveram resultado positivo em todos os estados nordestinos. A construção civil, com 53.824 postos de trabalho, mantém-se como o terceiro maior empregador formal da região. Embora tenha apresentado saldo positivo em 2011, a indústria de transformação (23.929 novos postos) perdeu participação no total, reflexo de um desempenho abaixo do esperado ao longo do ano (Tabela 6).

Tabela 6 – Nordeste. Evolução do Emprego Celetista por Estado – Janeiro a Dezembro de 2011 (Saldo)

Estado	Extrativa Mineral	Ind. de Transformação	S.I.U.P*	Const. Civil	Comércio	Serviços	Adm. Pública	Agropecuária	Total
Alagoas	109	2.246	337	7.586	3.370	5.697	201	504	20.050
Bahia	1.226	5.685	1.565	8.587	16.610	36.447	852	5.069	76.041
Ceará	417	1.707	194	6.798	17.813	27.683	329	1.472	56.413
Maranhão	95	2.222	183	-487	8.073	10.672	359	4.293	25.410
Paraíba	73	2.437	-345	5.484	5.515	6.760	46	303	20.273
Pernambuco	272	8.133	1.600	21.211	16.276	43.635	-249	-1.271	89.607
Piauí	35	753	296	-670	3.288	5.021	-6	1.572	10.289
Rio Grande do Norte	630	-2.578	14	2.075	5.171	6.327	86	544	12.269
Sergipe	163	3.324	319	3.240	4.067	6.809	-24	1.315	19.213
Nordeste	3.020	23.929	4.163	53.824	80.183	149.051	1.594	13.801	329.565

Fonte: BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Caged. Disponível em: <<http://www.caged.gov.br>>.

(*) Serviços Industriais de Utilidade Pública.

REFERÊNCIA

IBGE. Pesquisa mensal de emprego (dez. 2011). Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 22 jan. 2012.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Caged. Disponível em: <www.caged.gov.br>. Acesso em: 25 jan. 2012.

CRISE reduz empregos nas fábricas. Tribuna do Norte, 25 ago./2011. Disponível em: <<http://tribunadonorte.com.br/noticia/crise-reduz-empregos-nas-fabricas/193516>>. Acesso em: 25 jan. 2011.

5 - SETOR EXTERNO

O cenário para a economia mundial em 2012 é de crescimento de 3,2%, consoante previsões do Fundo Monetário Internacional (INTERNACIONAL, 2012). Este número, inferior ao projetado em setembro de 2011 pelo mesmo órgão, reflete o desaquecimento observado na economia norte-americana, a crise e as incertezas na condução da política econômica europeia durante o quarto trimestre de 2011, particularmente na zona do euro. Para essa região, as projeções são particularmente pouco auspiciosas, tendo o FMI antecipado declínio de 0,5% do PIB em 2012.

Para o Japão, a atividade econômica será estimulada pela reconstrução pós-tsumani. Entretanto, tendo em vista a integração comercial da economia japonesa, o desaquecimento da demanda global prejudicará um maior avanço do PIB, projetando-se crescimento em torno de 1,7%.

Mais uma vez, a exemplo do ocorrido desde o início da crise econômica internacional, o nível da atividade econômica dos países emergentes determina a ampliação do PIB global. A expectativa é que os emergentes apresentem incremento em torno de 5,4%, com a China ainda alcançando 8,2% de aumento do produto.

O baixo crescimento mundial deve acarretar uma queda na taxa de variação do quantum das importações globais de bens e serviços. Em 2010, o aumento das importações das economias emergentes chegou a 15%. Em 2011, espera-se alta de 11%. Para 2012 e 2013, a expectativa é que fique em volta de 7%.

No que toca ao volume físico das exportações das economias emergentes, a sua expansão foi de 13,8%, em 2010, e de 9% em 2011. As previsões do FMI indicam taxas de

crescimento de 6,1% e 7% em 2012 e 2013, respectivamente.

Ressalte-se que o Brasil, em 2011, alcançou um valor recorde em suas exportações: US\$ 256.039,5 milhões, incremento de 26,8% sobre o ano anterior. Contudo, conforme a Funcex, a maior parte dessa subida deveu-se à elevação de preços (23,2%), tendo o aumento do quantum ficado em apenas 2,9%.

No caso do nível geral de preços das *commodities*, o FMI também prognostica redução, em virtude do enfraquecimento da demanda global. Como consequência direta, seus técnicos esperam abrandamento da inflação mundial em 2012.

Para o Brasil, menores pressões inflacionárias, em âmbito mundial, permitirão maior margem de manobra para uso da política monetária como indutora da demanda interna. E a possibilidade de redução da taxa de juros implica menor gasto do governo com o serviço da dívida interna, ensejando a utilização desses recursos para investimentos.

Saliente-se que, a despeito da previsão geral de declínio dos preços das *commodi-*

ties pelo FMI, os mesmos se encontram em níveis históricos elevados, e algumas das *commodities* serão mais afetadas que outras. Desta forma, os efeitos da queda não se distribuirão de maneira homogênea por todo o território nacional.

Vale destacar, ainda, que a desvalorização do real, a partir de agosto de 2011, acarretou maior competitividade dos produtos brasileiros, que vinha sendo afetada pelo processo de apreciação da moeda brasileira entre 2009 e julho de 2011.

5.1 - Balança Comercial Brasileira e Nordestina

O ano de 2011 assinalou valores recordes nas exportações do Brasil e do Nordeste. Em termos nacionais, a cifra alcançou US\$ 256.039,5 milhões, alta de 26,8% comparativamente a 2010. As importações, por sua vez, atingiram o patamar de US\$ 226.243,4 milhões, aumento de 24,5% sobre o saldo de 2010. Com isso, o superávit da balança comercial brasileira totalizou US\$ 29.796,1 milhões. Esse volume contrariou as expectativas do mercado financeiro que, em janeiro de 2011, prenunciava saldo de apenas US\$ 8 bilhões (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2011a).

O desempenho foi favorecido por fatores macroeconômicos como a desvalorização da moeda nacional (comparativamente a 2010) registrada a partir de agosto de 2011. A desvalorização chegou a compensar parte do declínio dos preços internacionais de *commodities* como café (-5,7%), soja (-14%), suco de laranja (-1,9%) e açúcar (-27,5%) que aconteceu no acumulado de 2011 (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2012c).

A balança comercial nordestina, por sua vez, registrou déficit de US\$ 5.325,4 milhões, decorrente de US\$ 18.830,3 milhões exportados e US\$ 24.155,8 milhões importados. Desde 2006, as compras nordestinas no exterior apresentam crescimento superior às vendas. Em 2010, as importações aumentaram 62,9% e as exportações 36,6%; em 2011, essas variações foram de 37,4% e 18,7%, respectivamente.

É importante salientar que o déficit registrado na balança comercial nordestina

em 2011 pode ser explicado pela atuação da política comercial da Petrobras na região. Para esclarecer melhor, basta analisar os dados sobre as maiores empresas exportadoras a partir de 2003, disponibilizados no sistema Aliceweb. Constatase, ali, que desde aquela data, a Petrobras apresenta déficits comerciais no Nordeste. Relativamente pequenos até 2005 (abaixo de US\$ 200 milhões), esses déficits cresceram a partir de 2006, quando as importações da empresa, no Nordeste, passam a exceder as exportações em pelo menos US\$ 1,1 bilhão. O exercício de 2011 representa um comportamento destoante na série – a Petrobras exportou US\$ 2,3 bilhões (principalmente em “fuel-oil”) e importou US\$ 8,2 bilhões (especialmente em gasóleo). Assim, verifica-se que o déficit da balança comercial nordestina seria bem menor se a empresa tivesse mantido o desempenho dos anos anteriores.

Ressalte-se, contudo, que a região se mostrou particularmente sensível à apreciação

cambial registrada entre 2009 e 2011, período em que a balança comercial nordestina, des-

contada a atuação da Petrobras, apresentou resultados declinantes.

5.2 - As Exportações Nordestinas

Em 2011, o Nordeste exportou US\$ 18.830,3 milhões, equivalentes a 7,3% das exportações brasileiras. Deste total, 46,4% (US\$ 8.741 milhões) foram resultados da ação de dez empresas: Petrobras, Braskem, Bahia Sul Celulose, Paranapanema, Vale, Bunge Alimentos, Copertrading, Ford, Veracel Celulose e Cargill Agrícola. Os principais produtos exportados pela região também foram aqueles exportados pelas citadas empresas (Gráfico 1).

Dentre os capítulos da NCM exportados pelo Nordeste, destacam-se por ordem decrescente de variação da receita de vendas: algodão, com expansão de 107,2%, comparativamente a 2010; produtos químicos inorgânicos (80%); ferro fundido, ferro e aço (72%); sementes e frutos oleaginosos, grãos, etc. (51,2%) e combustíveis óleos e ceras minerais (50,7%).

O capítulo algodão apresentou como principal item exportado o produto simplesmente debulhado, não cardado ou penteado.

A região exportou US\$ 691,3 milhões desse produto, o que corresponde a 44% do total exportado pelo país. As vendas externas de algodão foram favorecidas pelo aumento do preço da pluma no mercado mundial em virtude da demanda de países asiáticos, como a China, Coreia do Sul e Indonésia.

O capítulo produtos químicos inorgânicos, cujo artigo mais relevante é a alumina calcinada (US\$ 777,2 milhões) produzida no Maranhão, também teve alta de preços no mercado internacional. Os principais

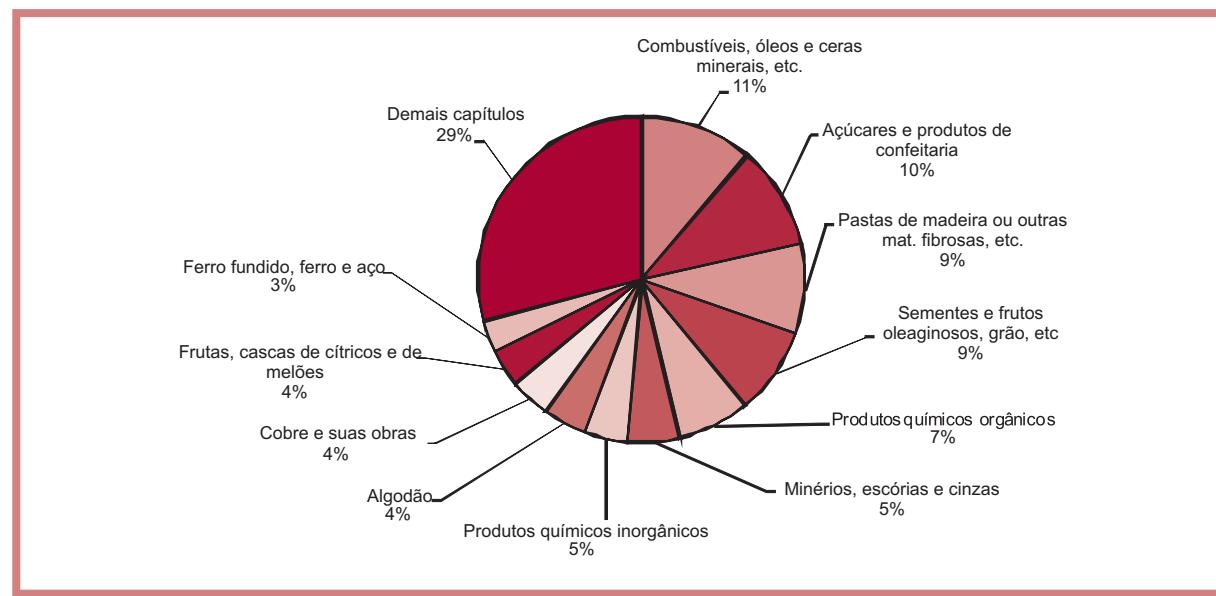


Gráfico 1 – Participação do Capítulo (NCM) em Relação ao Total das Exportações do Nordeste – Janeiro/Dezembro de 2011

Fonte: BRASL, 2011. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

destinos da alumina foram Canadá, Islândia e Argentina.

Dentro do capítulo ferro fundido, ferro e aço, o principal produto exportado foi o ferro fundido bruto não ligado com peso menor ou igual a 0,5% de fósforo, que totalizou US\$ 437,3 milhões. O crescimento das exportações de ferro do Nordeste acompanhou o cenário nacional em que as exportações de minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados representaram 12,4% da pauta brasileira. Há previsões de continuidade de aumento nas exportações de ferro em 2012 para a China (principal compradora do Brasil), cujo governo inicia este ano a construção de 35 milhões de casas populares. Além disso, aquele país vai apresentar um novo Plano Quinquenal, com investimentos contínuos nos próximos anos (PUXADAS...., 2011). Entretanto, antecipa-se redução da demanda dos compradores europeus.

O capítulo sementes e frutos oleaginosos, grãos, etc. tem como produto de maior valor exportado outros grãos de soja, mesmo triturados (US\$ 1.641,6 milhões). Do total exportado, 42% tiveram a China como destino. Outros grandes compradores foram a Espanha e a Alemanha.

No capítulo combustíveis, óleos e ceras minerais, o produto “fuel-oil” registrou exportações de US\$ 1.924,1 milhões e expansão de 54,3% relativamente a 2010 – foi o produto isolado com maior receita de exportações em 2011.

Uma análise de longo prazo, com o olhar voltado para os últimos dez anos de exportações, revela que a pauta nordestina tornou-se mais concentrada. Em 2001, os 12 principais produtos respondiam por 46% do valor das exportações; em 2011, totalizavam 58% das vendas nordestinas ao exterior. Revela, também, mudanças qualitativas na pauta.

Produtos antes tradicionais, caso do camarão congelado (oitava posição na pauta de 2001) e da castanha de caju (sexta colocada), perderam importância relativa. Ao mesmo tempo, surgiram novos produtos, como automóveis, a partir da instalação da fábrica da Ford, em Camaçari (BA).

No Nordeste, o “fuel oil” permanece como o principal produto exportado. Soja, pasta química de madeira, açúcar em bruto e minérios de ferro estiveram presentes tanto em 2001 quanto em 2011 como destaques da pauta de exportação.

Ressalte-se ainda o aumento das vendas de alumina calcinada e de catodos de cobre. No que toca a 2012, a perspectiva é de aumento no preço do cobre, cujas jazidas no Nordeste situam-se no Vale do Curaçá (Bahia). Consoante estimativa da CRU, uma empresa internacional de consultoria sobre minérios, a demanda por cobre no mundo deve ultrapassar a oferta em 2017, considerando-se a manutenção do ritmo de crescimento dos países emergentes (JÁ..., 2011)

No que se refere à produção e exportação de alumínio, o estado do Maranhão abriga o consórcio Alumar, responsável pelas exportações de alumina calcinada do Nordeste. Para 2012, prevê-se a manutenção dos preços elevados do minério. De fato, a *London Metal Exchange* negocia no mercado de futuros a tonelada do minério a US\$ 2.088,00 para daqui a 15 meses, contados a partir de dez./2011. No caso do complexo de soja, a previsão é de continuidade do mercado aquecido (BRASIL...., 2011).

Para a indústria de cana-de-açúcar uma boa notícia surgiu no contexto internacional. O Congresso dos Estados Unidos não renovou os subsídios para os produtores norte-americanos de etanol, bem como a tarifa de US\$ 0,54 incidente sobre a importação do

Tabela 1 – Principais Blocos Econômicos de Destino das Exportações do Nordeste em 2011

Blocos Econômicos	US\$ Milhões 2011	
	Valor Exportado	Participação (%)
União Europeia	5.024,9	26,7
Holanda	1.257,9	6,7
Alemanha	717,2	3,8
Espanha	655,6	3,5
Itália	651,8	3,5
Ásia (exclusive Oriente Médio)	3.883,0	20,6
China	1.969,6	10,5
Estados Unidos (inclusive Porto Rico)	2.684,8	14,3
Mercado Comum do Sul (Mercosul)	2.133,6	11,3
Argentina	1.931,4	10,3
ALADI (exclusive Mercosul)	1.161,9	6,2
Demais blocos	3.942,0	20,9

Fonte: BRASIL, 2011. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

etanol brasileiro. Desta forma, em 2012, o mercado consumidor de etanol dos Estados Unidos, protegido nas últimas décadas pela legislação referida, pode receber o etanol brasileiro com preços competitivos.

No que toca aos principais blocos econômicos de destino das exportações nordestinas, a União Europeia coloca-se como o principal comprador com pouco mais de um quarto do total (Tabela 1).

5.2.1 - Panorama das Vendas Externas por Estado

Em âmbito estadual, a análise das exportações do Nordeste revela que todos os estados, a exceção do Rio Grande do Norte (-1,2%), apresentaram crescimento em 2011: Sergipe (59,8%, com vendas de US\$ 122,4 milhões), Alagoas (41,2%, total de US\$ 1,4 bilhão), Piauí (27,2%, para um total de US\$ 164,3 milhões), Bahia (24%, US\$ 11 bilhões), Ceará (10,5%, US\$ 1,4 bilhão), Maranhão (4,3%, US\$ 3 bilhões), Pernambuco (7,8%, para US\$ 1,2 bilhão) e Paraíba (3,4%, para US\$ 225,2 milhões). Os principais capítulos da NCM exportados pelos estados nordestinos e o comportamento das vendas externas de cada unidade são relatados a seguir.

Alagoas

O estado de Alagoas exportou, em 2011, US\$ 1.371,5 milhões. Sua pauta concentrou-se em derivados da cana de açúcar. Com-

parativamente a 2010, houve expressivo crescimento das receitas dos dois principais capítulos da NCM exportados pelo Estado: açúcares e produtos de confeitaria (46%) e bebidas, líquidos e vinagres (55%).

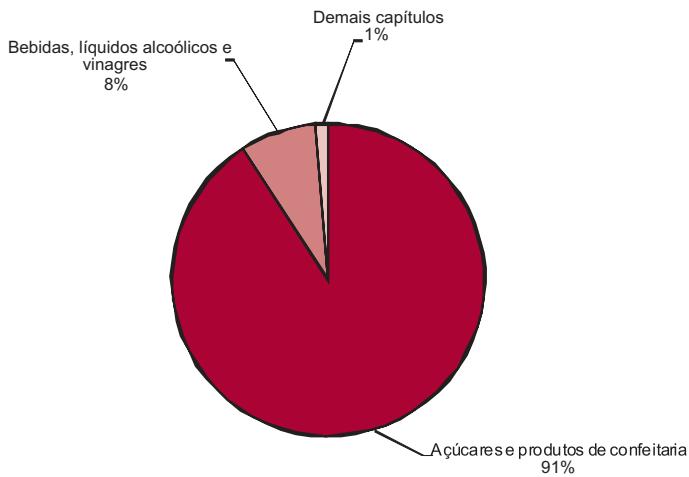


Gráfico 2 – Participação do Capítulo (NCM) em Relação ao Total das Exportações de Alagoas – Janeiro/Dezembro de 2011

Fonte: BRASIL, 2011. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

Bahia

A Bahia exportou US\$ 11.016,3 milhões, sendo que os capítulos algodão (127%), sementes e frutos oleaginosos, grãos etc. (52%), combustíveis, óleos e ceras minerais

etc. (45%) e cobre e suas obras (39%) foram os de melhor desempenho, com relação a 2010. Tendo em vista a grande participação do estado no total das exportações nortearistas (58%), os comentários acerca destes capítulos já foram realizados no tópico 5.2.

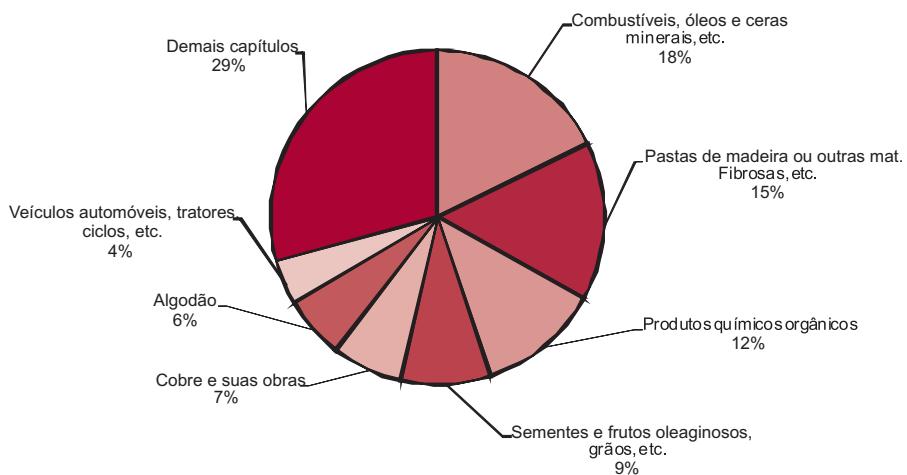


Gráfico 3 – Participação do Capítulo (NCM) em Relação ao Total das Exportações da Bahia – Janeiro/Junho de 2011

Fonte: BRASIL, 2011. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

Ceará

Em 2011, o estado do Ceará exportou US\$ 1.403,3 milhões. Os capítulos combustíveis, óleos e ceras minerais (780%), algodão (26%) e peles e couros (12%) apresentaram as maiores taxas de crescimento comparativamente a 2010.

Os dois principais capítulos da pauta cearense – calçados, polainas e suas partes; e frutas, cascas de cítricos e melões tiveram decrementos em relação a 2010, de 9,3% e 1%, respectivamente.

Conforme já registrado em outras edições de *Conjuntura*, o setor calçadista do Ceará e do Brasil enfrentou perda de competitividade em virtude da taxa de câmbio apreciada. Segundo notícias da Abicalçados, o setor aspira a uma taxa de câmbio de R\$ 2,15/US\$ para que a produção seja retomada (COUROMODA, 2012).

No que toca ao capítulo frutas, houve um declínio de 3% nas exportações de castanha de caju, que tinham como seu principal destino o mercado norte-americano.

Maranhão

O Maranhão foi o segundo maior exportador do Nordeste, com US\$ 3.047,1 milhões. Os capítulos produtos químicos inorgânicos (84%), ferro fundido, ferro e aço (83%) e sementes e frutos oleaginosos, grãos etc. (45%) foram os que mais cresceram em comparação a 2010.

O estado concentra sua pauta em *commodities* metálicas e agrícolas (soja). Essa concentração se revela nas principais empresas exportadoras. Em 2010, a Vale S.A. respondeu por 50% do total da pauta. Em 2011, a participação caiu para 27,3%, quase o dobro da segunda colocada, a Alcoa World Alumina Brasil Ltda., que respondeu por 14,5% do total exportado pelo Maranhão.

Paraíba

A Paraíba exportou US\$ 225,2 milhões em 2011, sendo os capítulos de minérios, escórias e cinzas (206%), bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres (131%) e açúcares e produtos de confeitoraria (93%) aqueles que

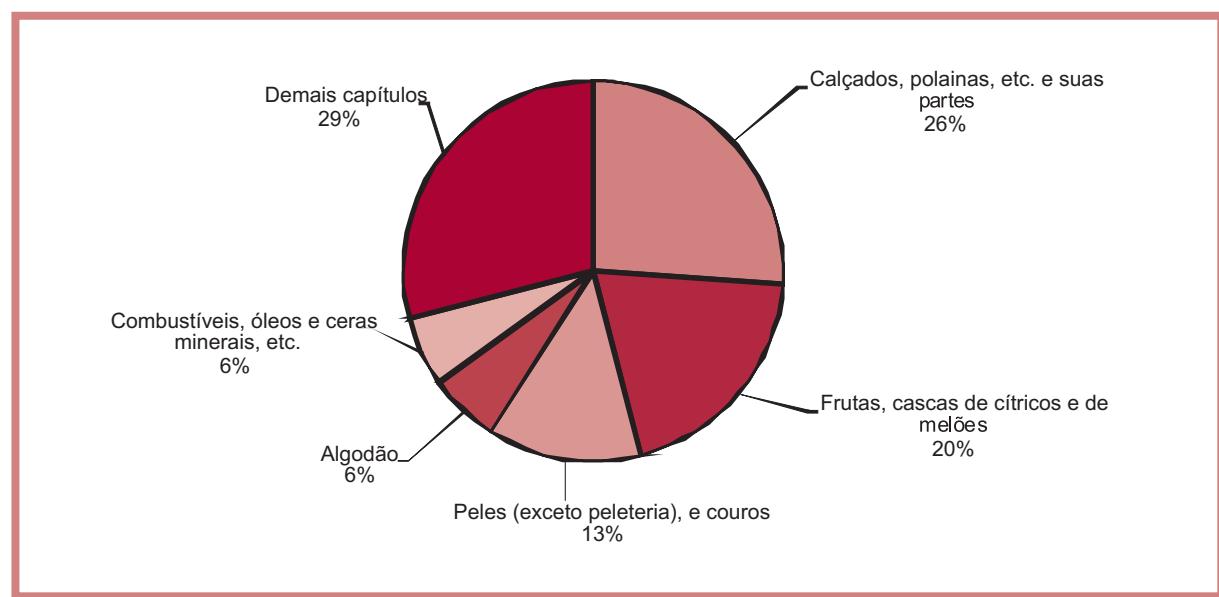


Gráfico 4 – Participação do Capítulo (NCM) em Relação ao Total das Exportações do Ceará – Janeiro/Dezembro de 2011

Fonte: BRASIL, 2011. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica. Acess

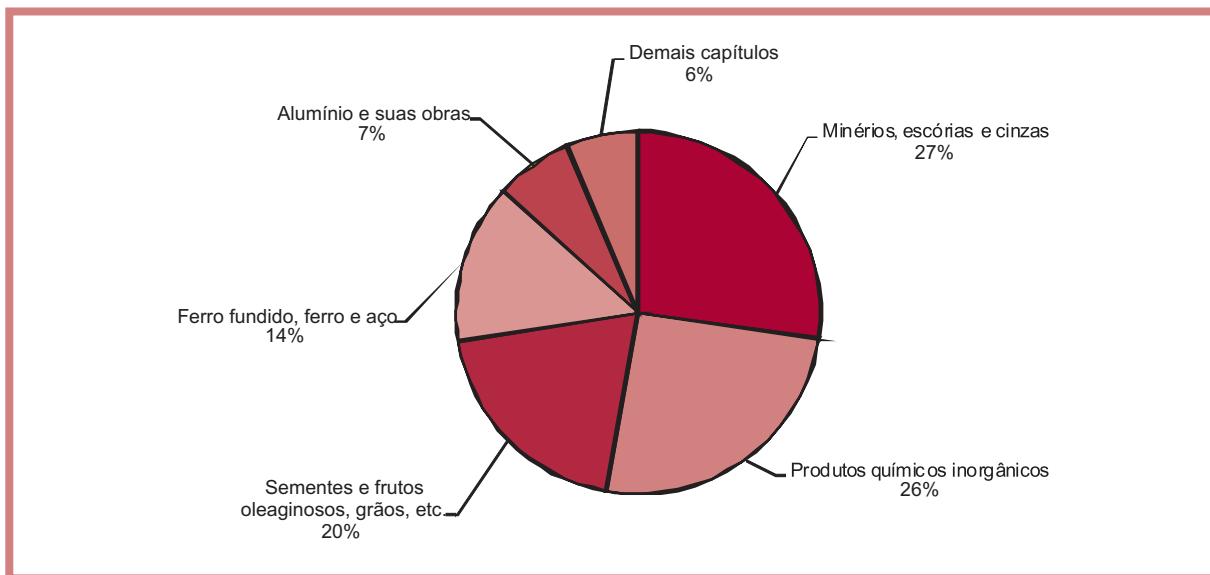


Gráfico 5 – Participação do Capítulo (NCM) em Relação ao Total das Exportações do Maranhão – Janeiro/Dezembro de 2011

Fonte: BRASIL, 2011. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

experimentaram os maiores incrementos de receitas relativamente a 2010.

O capítulo minérios, escórias e cinzas foi representado integralmente por minérios de titânio, ilmenita, destinados aos mercados chinês e francês.

Pernambuco

Em 2011, Pernambuco teve crescimento de 7,8% nos valores exportados (US\$ 1.198,9 milhões) em relação a 2010. Dentre os principais capítulos, o de combustíveis, óleos e ceras minerais apresentou a maior taxa de in-

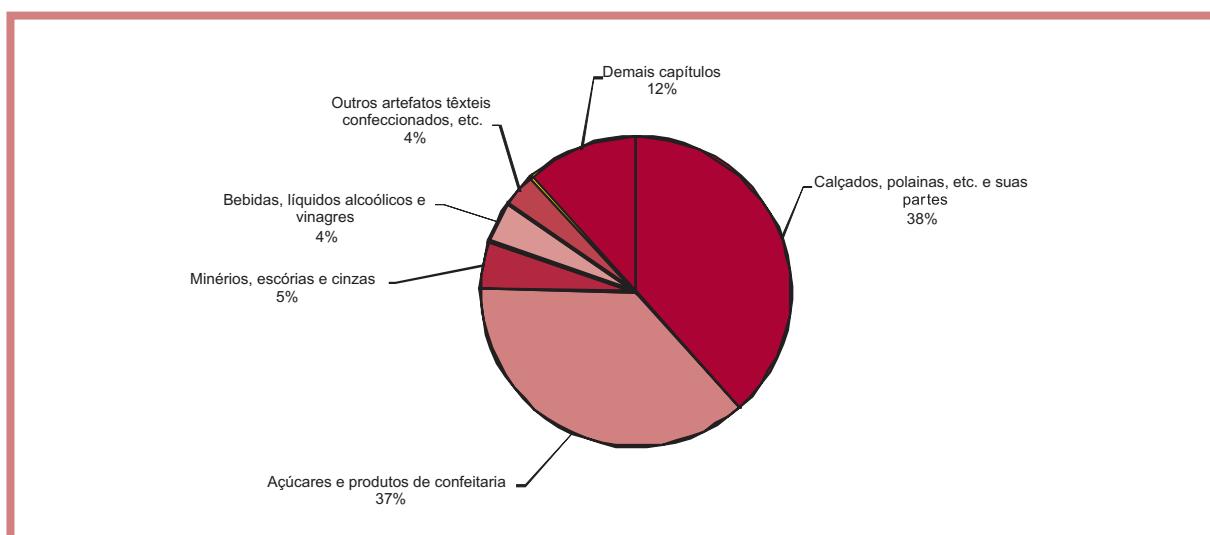


Gráfico 6 – Participação do Capítulo (NCM) em Relação ao Total das Exportações do Paraíba – Janeiro/Dezembro de 2011

Fonte: BRASIL, 2011. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

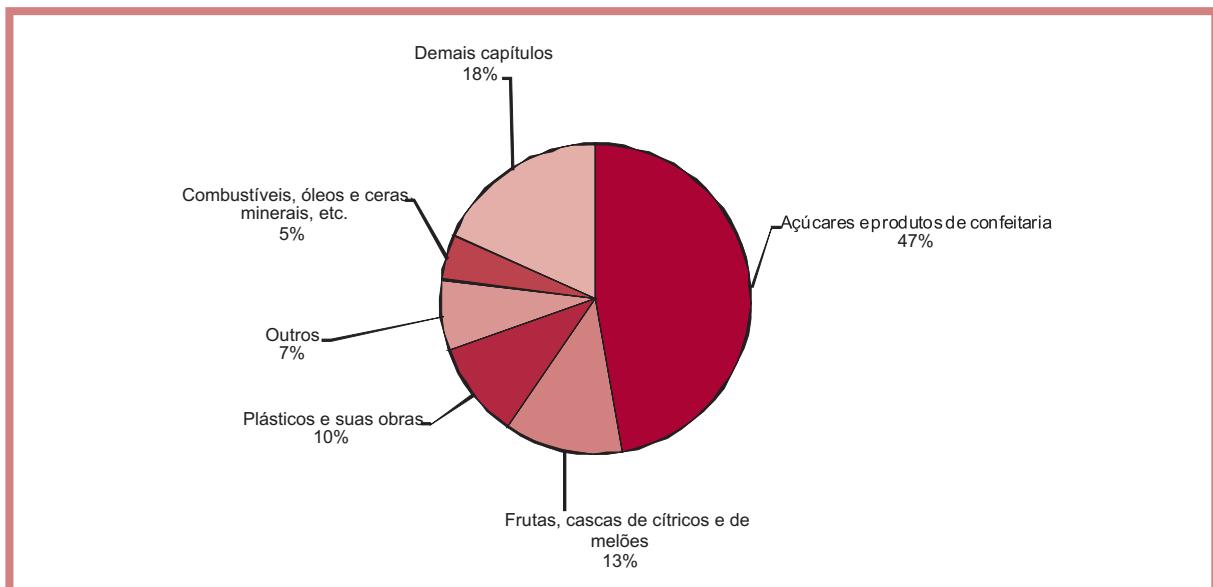


Gráfico 7 – Participação do Capítulo (NCM) em Relação ao Total das Exportações do Pernambuco – Janeiro/Dezembro de 2011

Fonte: BRASIL, 2011. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

cremento em 2011: 3.251%. De um total de apenas US\$ 1,7 milhão exportado em 2010, o capítulo gerou, em 2011, divisas da ordem de US\$ 56,3 milhões.

Piauí

As vendas do Piauí para o exterior do (US\$ 164,3 milhões) aumentaram 27,2%. A maior parcela das exportações do estado

refere-se ao complexo da soja, com vendas de US\$ 90,9 milhões. As receitas do setor avançaram 100% em virtude do comportamento crescente das quantidades e do preço do produto exportado.

O capítulo gorduras, óleos e ceras, animais e vegetais, cujo produto de maior destaque é a cera de carnaúba, somou exportações

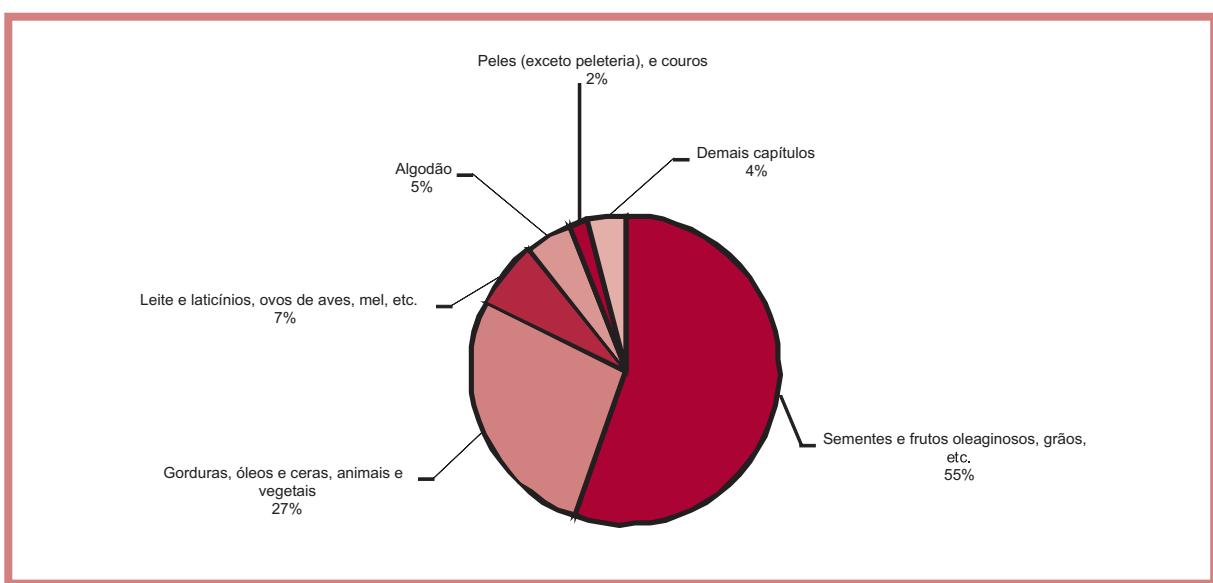


Gráfico 8 – Participação do Capítulo (NCM) em Relação ao Total das Exportações do Piauí Janeiro/Dezembro de 2011

Fonte: BRASIL, 2011. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

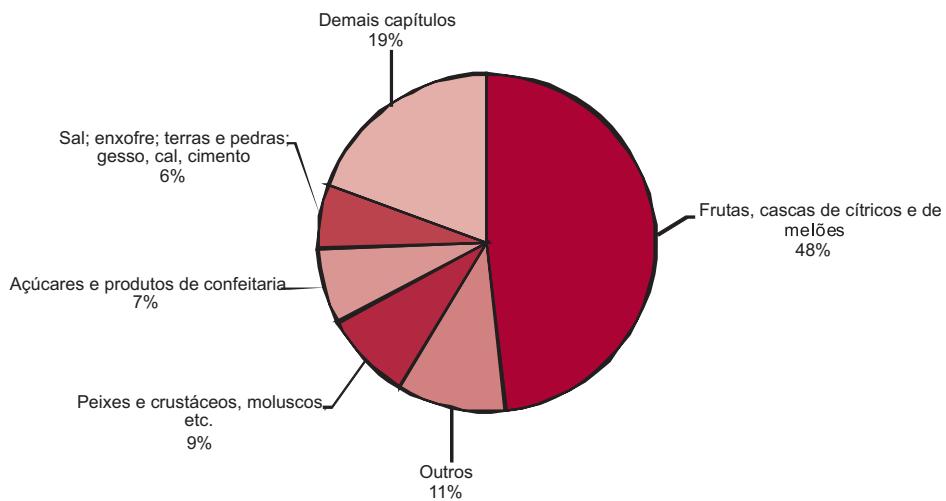


Gráfico 9 – Participação do Capítulo (NCM) em Relação ao Total das Exportações do Rio Grande do Norte – Janeiro/Dezembro de 2011

Fonte: BRASIL, 2011. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

de US\$ 44,1 milhões. Comparativamente a 2010, houve declínio de 66% na quantidade exportada de cera, acarretando diminuição de 23% nas receitas.

Rio Grande do Norte

O Rio Grande do Norte (US\$ 281,1 milhões) foi o único estado nordestino a apresentar decréscimo nos valores exportados:

-1,2%. Colaboraram para esse desempenho as quedas nas exportações de açúcares e produtos de confeitaria (-50%) e de sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento (-17%).

Capítulos expressivos como o de frutas, cascas de cítricos e de melões (8%) bem como peixes e crustáceos (11%) tiveram aumento dos valores exportados.

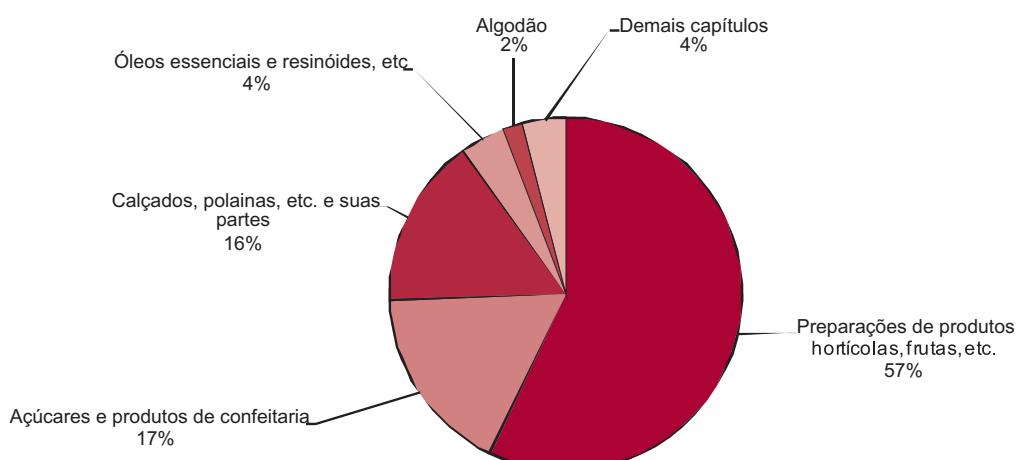


Gráfico 10 – Participação do Capítulo (NCM) em Relação ao Total das Exportações do Sergipe – Janeiro/Dezembro de 2011

Fonte: BRASIL, 2011. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica.

Sergipe

Em Sergipe, as vendas externas avançaram 59,8 % sobre o saldo de 2010, totalizando US\$ 122,4 milhões. O maior responsável por esse comportamento foi o capítulo pre-

parações de produtos hortícolas, frutas, etc. com vendas de US\$ 69,9 milhões, aumento de 80,6%. O destaque foi para a exportação de suco de laranja, congelado, não fermentado (US\$ 63,3 milhões) que cresceu 84% em termos de receitas.

5.3 - As Importações Nordestinas

Em 2011, comparativamente a 2010, as importações nordestinas (US\$ 24.155,8 milhões), cresceram 37,4%, tendo como alicerce o aumento nas aquisições de combustíveis e lubrificantes (63,2%), matérias-primas e produtos intermediários (29,6%), bens de consumo (28,1%) e bens de capital (16,1%).

No grupo de combustíveis e lubrificantes o acréscimo das compras ocorreu principalmente pelo incremento de 555% das importações de outras gasolinhas (US\$ 1.516,7 milhões). Ressalte-se ainda a expansão das compras de gasóleo (56%), somando US\$ 3.886,9 milhões.

Dentre os maiores mercados fornecedores, na comparação 2011/2010, ampliaram-se as compras originárias dos Estados Unidos (crescimento de 64,8%), Argentina (21,7%), China (15,9%), Índia (90,4%), Chile (4,1%), México (45,6%) Argélia (7,5%), Holanda (202,5%), Alemanha (38,9%) e Itália (15,4%). De fato,

dos 12 principais países de origem das importações regionais, apenas Coreia do Sul teve redução nos valores (-1,6%).

Há forte concentração da origem das importações nordestinas. Cerca de 20% são oriundas dos Estados Unidos, 10% da Argentina e 8% da China.

As principais empresas importadoras foram a Petrobras (US\$ 8.249,8 milhões), a Ford (US\$ 1.547,3 milhões) e a Paranapanema (US\$ 1.217,5 milhões). No conjunto, elas responderam por mais de 45% do valor importado pelo Nordeste, em 2011.

REFERÊNCIAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Focus - relatório de mercado - 20 de janeiro de 2012. Disponível em: www.bcb.gov.br. Acesso em 26 jan.2012a.

_____.Focus – relatório de mercado - 7 de janeiro de 2011. Disponível em: www.bcb.gov.br. Acesso em 25 jan.2012b.

_____.Indicadores Econômicos – ouro e principais commodities – cotações de fim de período. Disponível em: www.bcb.gov.br. Acesso em 26 jan.2012c.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Aliceweb. Disponível em: www.aliceweb.desenvolvimento.gov.br. Acesso em 31 dez.2011.

BRASIL deve retomar liderança nas exportações de soja. Disponível em: <http://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/soja/98951-brasil-deve-retomar-lideranca-nas-exportacoes-de-soja.html>. Acesso em 31 dez.2011.

COUROMODA 2012: Abicalçados avalia que medidas de defesa comercial, redução de impostos e câmbio a R\$ 2,15 permitem retomada na produção. Disponível em: http://www.abicalcados.com.br/noticias_couromoda-2012-abicalcados-avalia-que-medidas-de-defesa-comercial-reducao-de-impostos-e-cambio-a-rs215-permitem-retomada-na-producao.html. Acesso em 27 jan.2012.

ETANOL brasileiro terá livre acesso aos EUA em 2012 depois de mais de 30 anos de protecionismo, 23/12/2011. Disponível em: <http://unica.com.br/releases/show.asp?rlsCode={3A5655F1-71AB-4C50-A75D-DB45213DF553}>. Acesso em 31 dez.2011.

FUNDAÇÃO CENTRO DE ESTUDOS DE COMÉRCIO EXTERIOR – FUNCEX. Disponível em: www.funcex.com.br Acesso em 25 jan.2012.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. Global Economic Prospects and Policy Changes. Meeting of G-20 Deputies. January 19-20, 2012. Disponível em: <http://www.imf.org/external/np/g20/pdf/012012.pdf>. Acesso em 24 jan.2012.

JÁ falta cobre no mercado internacional. Disponível em: <http://clippingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2011/12/6/ja-falta-cobre-no-mercado-internacional>. Acesso em 31 dez.2011.

PUXADAS pelo minério de ferro, exportações brasileiras batem recorde em 2011. Disponível em: <http://contrapontomaraba.blogspot.com/2012/01/pxadas-pelo-minerio-de-ferro.html>. Acesso em 24 jan.2012.

6 - FINANÇAS PÚBLICAS

6.1 - Arrecadação de ICMS

A arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), no Brasil, deverá crescer 8,6% em 2011¹ sobre o saldo de 2010, conforme visualizado na Tabela 1, com variação real² de 1,8%. No Nordeste, estima-se para o mesmo período, aumento de 4,8% em termos reais ou 11,8% nominais. Se a relação entre a arrecadação do ICMS do Nordeste e do Brasil é uma aproximação razoável da relação entre o PIB do Nordeste e o do Brasil, espera-se que a região apresente um crescimento em seu PIB um pouco maior que o do PIB nacional. As projeções da equipe BNB/Etene de conjuntura econômica realmente apontam para isso, fato que deve permanecer no período 2012 - 2014.

Os crescimentos mais significativos do ICMS, com taxas acima da média da região e do país, devem ocorrer nos estados do Maranhão, Pernambuco e Rio Grande do Norte, com destaque para Pernambuco, onde a expectativa é de um aumento de 20,8%. Por

sua vez, Sergipe e Alagoas devem registrar os menores avanços da região, esperando-se uma pequena contração (1,1%) da arrecadação alagoana, quando comparada com 2010.

O crescimento de 20,8% na arrecadação de Pernambuco é consequência do bom

Tabela 1 – Arrecadação de ICMS (R\$ milhões)

Estados/ Região	Janeiro - Dezembro					
	2010	Part. %	2011	Part. %	Var. %	Var. Real % ¹
Alagoas	2.080	0,8	2.058	0,7	-1,1	-7,2
Bahia	12.143	4,5	13.116	4,5	8,0	1,3
Ceará	6.149	2,3	6.821	2,3	10,9	4,0
Maranhão	2.948	1,1	3.393	1,2	15,1	7,9
Paraíba	2.526	0,9	2.909	1,0	15,2	8,0
Pernambuco	8.411	3,1	10.164	3,5	20,8	13,3
Piauí	1.920	0,7	2.144	0,7	11,7	4,7
Rio Grande do Norte	2.842	1,0	3.219	1,1	13,3	6,2
Sergipe	1.852	0,7	1.969	0,7	6,4	-0,3
Nordeste ²	40.870	15,1	45.681	15,5	11,8	4,8
Brasil ²	270.732	100,0	293.931	100,0	8,6	1,8

Fonte: BRASIL, 2012a. Elaboração: Equipe BNB/Etene de Conjuntura Econômica.

Notas: 1. Índice de Inflação utilizado, IPCA. 2. Novembro e dezembro de 2011, previsões da equipe BNB/Etene.

¹ A equipe BNB/Etene de conjuntura econômica fez previsões para a arrecadação de novembro e dezembro de 2011.

² O índice utilizado para o cálculo da variação real foi o IPCA (índices médios de 2010 e 2011), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

desempenho dos setores terciário e petróleo, que observaram evoluções de 29,7% e 20,7%, respectivamente. Os dois setores representaram 73,7% da arrecadação média do ICMS do Estado, no período analisado. No Maranhão, deveu-se, principalmente, ao avanço de 21,3% na arrecadação do setor terciário, que responde por 43,6% do total do ICMS estadual. No caso do Rio Grande do Norte, a variação somente não foi maior devido ao baixo crescimento do setor de energia (2,5%), que representa 8,4% da arrecadação, e à queda de 35,1% no setor de petróleo, que corresponde a 3,4% da arrecadação global. Os setores primário, secundário e terciário cresceram 17,3%, 21,8% e 14,1% respectivamente. Eles representam 88% da arrecadação.

O tímido avanço do ICMS em Sergipe (6,3%) se deveu, principalmente, ao baque de 84,6% na arrecadação da dívida ativa, cuja participação no total caiu de 3,8%, em 2010, para 0,6%, em 2011. Em Alagoas, a

variação negativa observada no período analisado deveu-se, em especial, à queda de 19,7% no setor de petróleo, combustíveis e lubrificantes, o qual representa 14% do ICMS do Estado. Associe-se a este fato, a redução significativa no ICMS dívida ativa (82,9%), que arrecadou R\$ 39,4 milhões, em 2010, e apenas R\$ 6,8 milhões na previsão para 2011, bem como o crescimento de apenas 1% na arrecadação do setor primário, que responde por 20,9% do ICMS total.

O nível de concentração espacial de renda, no Brasil, pode ser visto por diversos prismas. A arrecadação do ICMS também possibilita essa visão. Os dez estados com maiores arrecadações desse tributo detêm juntos, 81,5%, em média, do total recolhido em todo o país (Tabela 2). Pelas contas regionais de 2009 (IBGE), a economia desses dez estados corresponde a 81,2% do PIB brasileiro. O grupo inclui todos os estados do Sul e do Sudeste, mais Bahia, Pernambuco e Goiás.³

Tabela 2 – Principais Estados Arrecadadores do ICMS (R\$ milhões)¹

Estados	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011 ²	Média 2005 - 2010
São Paulo	68.682	74.676	78.786	90.016	88.273	98.849	85.432	83.214
Rio de Janeiro	18.046	19.136	19.545	21.044	21.493	24.639	21.061	20.651
Minas Gerais	21.057	21.998	24.107	27.404	25.134	29.119	24.330	24.803
Rio Grande do Sul	15.313	15.274	15.285	17.496	16.974	19.165	16.200	16.585
Paraná	11.796	11.977	12.577	13.885	13.876	14.857	13.007	13.161
Bahia	10.543	11.121	11.148	12.089	11.411	13.009	11.045	11.553
Santa Catarina	7.854	7.976	8.513	9.371	9.596	11.100	10.203	9.068
Pernambuco	5.808	6.288	6.753	7.324	7.722	9.004	8.316	7.150
Goiás	5.686	6.072	6.523	7.246	7.554	8.752	7.948	6.972
Espírito Santo	6.242	6.581	7.330	8.257	7.509	7.459	7.163	7.230
Total	171.027	181.099	190.566	214.134	209.543	235.951	204.704	200.387
Brasil	208.932	222.388	233.978	263.265	257.881	289.931	251.107	246.063
Participação %	81,9	81,4	81,4	81,3	81,3	81,4	81,5	81,5

Fonte: BRASIL, 2012a. Elaboração: Equipe BNB/Etene Conjuntura Econômica.

Nota: 1. A preços do último mês (IPCA) – outubro de 2012. 2. Valores de 2011, de janeiro a outubro.

³ Pelas contas regionais de 2009, o Distrito Federal entraria no grupo dos dez maiores PIB estaduais, ocupando a 7^a posição no lugar do Espírito Santo, que passa a ocupar a 11^a posição.

6.2 - Fundos Constitucionais

Os repasses dos fundos constitucionais são calculados com base na arrecadação do Imposto de Renda (IR) e do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI). O Fundo de Participação dos Estados e do Distrito Federal (FPE) recebe 21,5% da arrecadação dos dois tributos, enquanto o Fundo de Participação dos Municípios (FPM) recebe 23,5% da mesma arrecadação.⁴ A parcela do Nordeste no FPE corresponde a 52,5%, enquanto no FPM não passa de 35,2%.

A previsão para 2011⁵, com relação a 2010, mostra uma expansão de 17,6% dos recursos do FPE em termos reais⁶, indicando que o momento conjuntural das arrecadações federais destoa da estimativa de crescimento da atividade econômica do País, em 2011 (em torno de 3,5%). Isto pode decorrer de um aumento da produtividade fiscal, inclusive, com redução da evasão. Como a previsão de 2011 se restringiu ao mês de dezembro, não se pode falar em superestimação para as arrecadações estabelecidas.

A Tabela 3 apresenta as transferências do FPE para os estados do Nordeste, observando-se crescimento de 25,4% no período 2010/2011. A previsão do Tesouro Nacional, para 2012, sinaliza avanço de 12,4% com relação a 2011⁷.

Sobre as transferências do FPM, o seu crescimento real é praticamente igual ao do FPE, 17,7%, conforme indicado na Tabela 4. Dentre os fatores que prejudicam a uniformidade das variações do FPM destacam-se

Tabela 3 – FPE – Fundos de Participação dos Estados – Nordeste – R\$ Milhões

Estados /Região	2010	2011 ¹	Previsão 2012 ²	Participação
Alagoas	1.623	2.036	2.289	4,2
Bahia	3.667	4.599	5.171	9,4
Ceará	2.863	3.591	4.038	7,3
Maranhão	2.817	3.533	3.972	7,2
Paraíba	1.869	2.344	2.635	4,8
Pernambuco	2.693	3.378	3.797	6,9
Piauí	1.686	2.115	2.378	4,3
Rio Grande do Norte	1.630	2.045	2.299	4,2
Sergipe	1.622	2.034	2.287	4,2
Nordeste	20.470	25.676	28.867	52,5
Brasil	39.024	48.949	55.031	100,0

Fonte: BRASIL, 2012c. Elaboração: Equipe BNB/Etene Conjuntura Econômica.

Notas: 1. Valores de dezembro de 2011, estimados Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica. 2. Previsão Tesouro Nacional; os valores já estão descontados da parcela de 20% destinada ao Fundeb.

⁴ O mês de dezembro de 2011 foi estimado pela equipe BNB/Etene Conjuntura Econômica.

⁵ Foi utilizado o IPCA, índice médio de 2010 e 2011.

⁶ Foi utilizado o IPCA, índice médio de 2010 e 2011.

⁷ A projeção consta do Projeto de Lei Orçamentária Anual (PLOA) de 2012.

Tabela 4 – FPM – Fundos de Participação dos Municípios – Nordeste – R\$ Milhões

Estados/Regiões	2010	2011 ¹	Previsão 2012 ²	Variação %		Participação média
				2011/2010	2012/2011	
Alagoas	1.023	1.286	1.448	25,6	12,6	2,4
Bahia	3.911	4.958	5.580	26,8	12,5	9,1
Ceará	2.245	2.818	3.174	25,5	12,6	5,2
Maranhão	1.792	2.247	2.531	25,4	12,6	4,2
Paraíba	1.390	1.745	1.965	25,5	12,6	3,2
Pernambuco	2.162	2.710	3.051	25,3	12,6	5,0
Piauí	1.140	1.388	1.549	21,7	11,6	2,6
Rio Grande do Norte	1.085	1.361	1.532	25,5	12,6	2,5
Sergipe	626	786	885	25,6	12,6	1,5
Nordeste	15.374	19.299	21.716	25,5	12,5	35,7
Brasil	43.069	54.025	60.791	25,4	12,5	100

Fonte: BRASIL, 2012c. Elaboração: Equipe BNB/Etene Conjuntura Econômica.

Notas: 1. Valores dez. 2011 estimados pelo BNB/Etene. 2. Previsão Tesouro Nacional, já estão descontados dos valores a parcela de 20% destinada ao Fundeb.

as mudanças nos coeficientes de distribuição do FPM de um ano para o outro, bem como eventuais bloqueios de repasses decorrentes da maior vulnerabilidade dos municípios a não observância das contrapartidas das transferências.

Segundo a Tabela 5, as atualizações dos parâmetros de cálculo do FPM do exercício 2010 para 2011 foram favoráveis às capitais do Nordeste, a exceção de Teresina. A variação real média para as capitais do Nordeste foi da ordem de 19%. Vale atentar

Tabela 5 – FPM – Fundo de Participação dos Municípios – Capitais do Nordeste – R\$ Milhões

Estados/Regiões	2010	2011 ¹	Previsão 2012 ²	Variação %		Participação média
				2011/2010	2012 ² /2011	
Alagoas	224	284	320	26,9	13,0	5,2
Bahia	322	454	513	40,9	13,0	8,1
Ceará	447	567	641	26,9	13,0	10,5
Maranhão	224	284	320	26,9	13,0	5,2
Paraíba	179	227	256	26,9	13,0	4,2
Pernambuco	250	318	359	26,9	13,0	5,9
Piauí	224	239	256	7,0	7,2	4,6
Rio Grande do Norte	143	182	205	26,9	13,0	3,4
Sergipe	114	145	164	26,9	13,0	2,7
Nordeste	2.127	2.699	3.036	26,9	12,5	49,8
Brasil	4.307	5.404	6.079	25,5	12,5	100,0

Fonte: BRASIL, 2012C. Elaboração: Equipe BNB/Etene Conjuntura Econômica.

Notas: 1. Valores dezembro 2001: estimados, Equipe BNB/ETENE Conjuntura Econômica, os valores já estão descontados da parcela de 20% destinada ao FUNDER.

para as diferenças significativas de incremento entre Salvador (32,1%) e Teresina (0,3%), destoando das demais capitais. A

razão está nas mudanças dos coeficientes para o cálculo do FPM, como observado no parágrafo anterior.

6.3 - Transferências Voluntárias

Até novembro de 2011, as transferências voluntárias da União para os entes federados continuaram bem abaixo do nível observado no mesmo período de 2010, sendo 30,1% menores, como mostrado na Tabela 6. Em termos reais, a redução foi de 34,5%⁸.

No Nordeste, o recuo nas transferências foi mais grave: -46,1% nominais e -40,4%, em termos reais. Foi a região a apresentar a maior perda. Entre os estados nordestinos,

as maiores quedas ocorreram em Alagoas (77,5%) e Pernambuco (60%).

A redução influi negativamente nas finanças dos estados e municípios, valendo salientar que naqueles as perdas alcançaram 42,9% contra 20,3% dos municípios. No caso do Nordeste, considerado o acumulado deste ano até novembro em relação ao mesmo período de 2010, as reduções foram de 69,8% e 21,6% para estados e municípios, respectivamente.

Tabela 6 – Distribuição Regional das Transferências Voluntárias da União em 2011 (R\$ Milhões)

Regiões	Municípios		UF's		Total das Transferências				
	2010 (A)	2011 (B)	2010 (C)	2011 (D)	2010 (A+C)	Part %	2011 (B+D)	Part%	Variação 2011/2010 (%)
Nordeste	2.577,2	2.019,4	2.663,8	805,2	5.241,0	45,7	2.824,6	35,2	-46,1
Alagoas	152,9	109,4	584,3	56,5	737,2	6,4	165,9	2,1	-77,5
Bahia	759,3	523,2	370,4	200,7	1.129,7	9,8	723,9	9,0	-35,9
Ceará	429,5	347,2	215,8	91,4	645,3	5,6	438,6	5,5	-32,0
Maranhão	302,9	285,8	153,0	65,3	455,9	4,0	351,2	4,4	-23,0
Paraíba	184,9	153,0	130,7	77,5	315,6	2,7	230,5	2,9	-27,0
Pernambuco	364,7	291,0	789,3	170,7	1.154,1	10,1	461,7	5,8	-60,0
Piauí	146,3	127,9	203,6	57,7	349,9	3,0	185,5	2,3	-47,0
Rio Grande do Norte	145,7	120,8	135,2	57,4	280,9	2,4	178,3	2,2	-36,5
Sergipe	91,0	61,1	81,4	28,0	172,3	1,5	89,1	1,1	-48,3
Norte	571,6	548,9	550,3	296,5	1.121,8	9,8	845,4	10,5	-24,6
Sul	978,5	669,1	354,5	447,6	1.333,0	11,6	1.116,8	13,9	-16,2
Sudeste	1.983,3	1.604,7	1.131,9	1.034,6	3.115,2	27,1	2.639,3	32,9	-15,3
Centro - Oeste	368,1	321,7	299,1	272,1	667,2	5,8	593,8	7,4	-11,0
Brasil	6.478,6	5.163,9	4.999,5	2.856,1	11.478,2	100,0	8.020,0	100,0	-30,1

Fonte: BRASIL, 2011c. Elaboração: Equipe BNB/Etene de Conjuntura Econômica.

8 O índice utilizado foi o IPCA (índices médios acumulados até novembro de 2010 e 2011), como anteriormente.

A queda menor para os municípios é um fator positivo, dado os seus altos níveis de dependência financeira dessas transferências em comparação com os estados.

A redução das transferências em âmbito nacional também está associada aos esforços do governo federal para conter gastos e aumentar o superávit fiscal, diante do cenário de crise internacional. A expectativa é que este cenário se manterá em 2012.

O Tesouro Nacional apresentou as transferências corrigidas pelo IPCA, no período janeiro-novembro de 2007 a 2011. No quadro se observa um aumento contínuo até 2010, com média real de 6,7% ao ano, e queda real de 34,5% em 2011.

Os principais programas utilizados nas transferências voluntárias, no período janeiro a novembro de 2011, estão nos ministérios da Educação, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e da Integração Nacional. Eles realizaram 85% do total das transferências. Os principais programas são: Brasil Escolarizado, 62,3%; Proteção Social Básica, 6,6%; Respostas aos Desastres e Reconstrução, 5,6%; Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Projovem, 4,7%; Transferência de Renda com Condicionais – Bolsa Família, 2,8% e Metrologia, Qualidade e Avaliação da Conformidade, 2,8%. As transferências destes ministérios para o Nordeste, no período analisado de 2011, estão apresentadas na Tabela 7.

Tabela 7 – Fluxos de Transferências Voluntárias dos Principais Ministérios (R\$ milhões)

Região/Estados	Educação		Des. Social e Combate a Fome		Integração Nacional		Total dos três Ministérios	
	Valor	Part. Relativa	Valor	Part. Relativa	Valor	Part. Relativa	Valor	Part. Relativa
Nordeste	1.852,9	65,6	824,2	29,2	52,3	1,9	2.729,4	96,6
Alagoas	95,0	57,3	58,7	35,4	6,7	4,0	160,3	96,6
Bahia	517,0	71,4	185,7	25,7	1,7	0,2	704,4	97,3
Ceará	303,4	69,2	118,3	27,0	2,9	0,7	424,6	96,8
Maranhão	230,8	65,7	105,2	30,0	0,0	0,0	336,0	95,7
Paraíba	132,2	57,3	76,0	33,0	7,9	3,4	216,1	93,7
Pernambuco	283,1	61,3	133,2	28,9	29,4	6,4	445,7	96,5
Piauí	122,1	65,8	57,0	30,7	3,8	2,0	182,8	98,6
Rio Grande do Norte	116,9	65,6	56,7	31,8	0,0	0,0	173,6	97,4
Sergipe	52,5	59,0	33,4	37,5	0,0	0,0	85,9	96,5

Fonte: BRASIL, 2011c. Elaboração: Equipe BNB/Etene de Conjuntura Econômica.

6.4 - Aplicações de Recursos dos Agentes Oficiais de Fomento no Nordeste

O crédito é um elemento importante para a viabilização do crescimento econômico, dando suporte para a implantação de empreendimentos produtivos e a comercialização de bens e serviços. A manutenção dos fundamentos macroeconômicos e a política monetária garantindo a estabilidade monetária propiciaram um cenário consistente para elevar o ritmo de expansão do crédito no país, principalmente no Nordeste, região mais favorecida pelas transferências de renda e emergência das classes D e C. Em 2006, no Brasil e Nordeste, a relação crédito/PIB era, respectivamente, 31,8% e 26%. A perspectiva é que, em 2011, essa relação atinja 50,7% e 49%, respectivamente.

O saldo total das operações de crédito no Brasil, em 2011, deve chegar a R\$ 2,1 trilhões,⁹ dos quais R\$ 1,4 trilhão são recursos das agências oficiais de fomento. Esse dado denota o papel relevante dos bancos públicos no financiamento da produção e consumo. A participação média dos bancos públicos no total do crédito, no período 2006/2011, foi de 54,4% no Brasil e 66,6% no Nordeste.

Além da função clássica de intermediação da liquidez e poupança do sistema econômico, os bancos públicos são quase o único canal de acesso ao crédito de longo prazo para atividades produtivas. As instituições voltadas para esse tipo de financiamento são: o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que atua em todas as regiões do país; o Banco do Nordeste do Brasil, com jurisdição nos nove estados da região e parte de Minas e do Espírito Santo; o Banco da Amazônia, que operacionaliza o fundo constitucional da região Norte (FNO) e o Banco do Brasil, que tem o fundo constitucional do Centro-Oeste (FCO).

As tabelas a seguir detalham as aplicações dos bancos públicos no período janeiro-outubro, comparado com o ano de 2011. Um dos indicadores analisados é o Prazo Médio de Recebimento das Aplicações – Pmr, que avalia o prazo médio de recebimento das aplicações, em relação às concessões do período. Este indicador, para o setor privado, associado ao Prazo Médio de Pagamento de Fornecedores, indica o grau de liquidez e o nível da saúde financeira da empresa. Para os bancos públicos, principalmente os que têm em sua carteira um volume relevante de financiamentos de longo prazo, ele se propõe a avaliar os prazos entre os tipos de financiamentos para os setores, permitindo discutir a diferença entre os mesmos.

A Tabela 8 detalha as operações de crédito das agências oficiais de fomento por região, até o quinto bimestre de 2011. Tais aplicações estão em consonância com as prioridades e metas da administração federal, e com as disposições constantes na Lei nº 12.309, de 09 de agosto de 2010 (LDO 2011).

⁹ Incluímos os fundos constitucionais, FNE e FNO, junto ao crédito direcionado e recursos livres.

Tabela 8 – Agências Oficiais de Fomento – Crédito por Região (R\$ milhões)

Regiões	Saldo 31/12/2010	Janeiro - Outubro de 2011					Var. %
		Concedidas	Recebimentos	Saldo	Part. %	Pmr	
Norte	58.342	39.642	22.987	74.997	6,5	505	28,5
Nordeste	142.326	81.563	64.612	159.277	13,9	555	11,9
Sudeste	534.315	327.016	233.759	627.572	54,6	533	17,5
Sul	157.412	107.680	81.218	183.874	16,0	475	16,8
Centro-Oeste	90.185	64.897	51.350	103.732	9,0	448	15,0
Brasil	982.580	620.798	453.926	1.149.451	100,0	515	17,0

Fonte: BRASIL, 2012d. Elaboração: Equipe BNB/Etene Conjuntura Econômica.

Notas: Pmr = estimativa do número de dias em que o saldo médio será recebido. Var. % = Variação entre o saldo de 31 de outubro de 2011 e o saldo de 31 de dezembro de 2010.

Conforme essa tabela, o Nordeste foi a região que menos cresceu em aplicações, fato explicável pela menor relação volume de concessões em 2011 pelo saldo de 2010. Esse menor crescimento nas concessões reflete-se no Prazo Médio de Recebimento das Aplicações (Pmr)¹⁰, em que a região tem o maior indicador, sendo precisos 555 dias (cerca de ano e meio), em média, para receber o saldo do crédito concedido. Deve-se salientar que o Pmr da região é bastante influenciado pelo Pmr do BNDES e do BNB, com será comentando à frente.

A Tabela 9 traz as aplicações dos bancos públicos por estado da região Nordeste, permitindo detalhar a causa do menor crescimento da região (11,9%) ante as demais. A variação das operações nos três maiores estados (Bahia, Pernambuco e Ceará), que detêm 65,6% do total das aplicações regionais, ficou abaixo da média regional. As taxas foram de 9,9%, 8,4% e 11,5%, respectiva-

mente. Esses estados, mais o Maranhão, têm os mais altos Pmr.

Os únicos estados nordestinos com expansão de crédito acima da média nacional, no período analisado, foram Alagoas e Rio Grande do Norte, com crescimentos de 22,5% e 23,5%, respectivamente.

As aplicações dos bancos públicos na região Nordeste constam da Tabela 10. Observa-se o baixo crescimento das aplicações na maioria das instituições, a exceção de Caixa Econômica Federal e FINEP (que não é relevante). No período janeiro – outubro de 2011, a Caixa participou com 19,4% do total das aplicações da região, com alta de 30,8%, fora do padrão nacional e das regiões.

Observe-se que a região Norte foi a que mais cresceu (28,5%). Outro fato a ressaltar é o alto Pmr do BNB e do BNDES: 1.738 dias (4,8 anos) e 1.040 dias (2,9 anos), respectivamente, sendo o primeiro 67% maior que

¹⁰ O Pmr nos dá a estimativa do tempo médio necessário para que a instituição receba o saldo das operações de crédito ($Pmr = (\text{saldo médio do período}) / (\text{concessões do período}) \times n^{\circ} \text{ de dias do período}$).

Tabela 9 – Agências Oficiais de Fomento – Crédito na Região Nordeste (R\$ milhões)

Região/Estado	Saldo 31/12/2010	Janeiro - Outubro de 2011					Var. %
		Concedidas	Recebimentos	Saldo	Part. %	Pmr (dias)	
Nordeste	142.326	81.563	64.612	159.277	100,0	555	11,9
Alagoas	5.780	4.437	3.138	7.079	4,4	435	22,5
Bahia	40.770	21.887	17.870	44.786	28,1	586	9,9
Ceará	24.147	12.646	9.881	26.912	16,9	606	11,5
Maranhão	12.994	6.990	5.280	14.704	9,2	594	13,2
Paraíba	7.115	5.203	4.113	8.205	5,2	442	15,3
Pernambuco	30.216	16.060	13.534	32.741	20,6	588	8,4
Piauí	7.305	3.930	3.337	7.897	5,0	580	8,1
Rio Grande do Norte	8.528	6.904	4.899	10.533	6,6	414	23,5
Sergipe	5.472	3.505	2.559	6.419	4,0	509	17,3

Fonte: BRASIL, 2012d. Elaboração: Equipe BNB/Etene Conjuntura econômica.

Nota: Pmr = estimativa do número de dias em que o saldo médio será recebido. Var. % = Variação entre o saldo de 31 de outubro de 2011 e o saldo de 31 de dezembro de 2010.

o Pmr do BNDES. São as duas instituições em que as aplicações de longo prazo são relevantes em suas carteiras.

As duas outras grandes instituições oficiais, Banco do Brasil (BB) e Caixa Econômica Federal (CEF), têm um Pmr abaixo de um ano, apesar de os financiamentos habitacionais representarem mais que 60% da carteira da CEF. Uma das razões é que BB e CEF apresentam, no período analisado, uma relação entre os recebimentos e o saldo médio das operações de 93% e 81%, respectivamente. Essa relação para o BNDES e BNB fica em 19% e 11%, respectivamente.

A Tabela 11 mostra as aplicações do BNB por setor e porte, possibilitando melhor observação quanto à composição do Pmr do banco: 1.738 dias (4,8 anos). O setor rural é o que mais contribui para o alto Pmr do BNB. As aplicações do setor estão quase todas nas

mãos do BNB. De fato, o total do saldo médio das operações de crédito rural totalizou R\$ 21 bilhões e o BNB detém 81% desse saldo. Esse setor representa 41% da carteira média do Banco no período, e seu Pmr é de 7.515 dias (20,9 anos), um prazo 6,2 vezes maior que o segundo setor (indústria – 1.265 dias). Os recebimentos foram apenas 7,9% do saldo médio do período e observou-se uma queda de 3,8% das aplicações no ano, comparado com 2010.

Ao verificar as aplicações pelo porte, observa-se que os microempreendimentos representam 20,5% da carteira do Banco do Nordeste. Seu Pmr é de 4.928 dias (13,7 anos), maior 2,7 vezes que o segundo colocado, os pequenos empreendimentos. Os dados mostram também que as aplicações do BNB estão divididas quase ao meio, entre o segmento dos grandes e os de micros, pequenos e médios empreendimentos.

Tabela 11 – BNB – Participação por Setor e Porte (R\$ milhões)

Região/Estado	Saldo 31/12/2010	Janeiro - Outubro de 2011					Var. %
		Concedidas	Recebimentos	Saldo	Part. %	Pmr (dias)	
Rural	17.381	681	1.341	16.720	38,8	7515	-3,8
Indústria	11.461	2.912	1.269	13.104	30,4	1265	14,3
Comércio e Serviços	9.471	3.082	1.563	10.990	25,5	996	16,0
Outras Aplicações	1.960	516	239	2.236	5,2	1221	14,1
Micro	9.981	572	1.740	8.813	20,5	4928	-11,7
Pequeno	4.364	753	281	4.836	11,2	1832	10,8
Médio	5.481	1.397	353	6.525	15,2	1289	19,1
Médio-Grande	0	11	5	6	0,0	78	-
Grande	20.447	4.457	2.034	22.870	53,1	1458	11,9
Total	40.272	7.190	4.412	43.050	100,0	1738	6,9

Fonte: BRASIL, 2012d. Elaboração: Equipe BNB/ETENE Conjuntura econômica.

Notas: Pmr = estimativa do número de dias em que o saldo médio será recebido. Var. % = variação entre o saldo de 31 de outubro de 2011 e o saldo de 31 de dezembro de 2010.

REFERÊNCIAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/pec/Indeco/Port/indeco.asp>>. Acesso em: jan. 2012.

BRASIL. Ministério da Fazenda. Confaz. **Boletim do ICMS**. Disponível em: <<http://www.fazenda.gov.br/confaz/boletim/valores.htm>>. Acesso em: jan. 2012a.

_____. Ministério da Fazenda. Secretaria do Tesouro Nacional. Coordenação Geral de Análise e Informações das Transferências Financeiras Intergovernamentais. Disponível em: <http://www.tesouro.fazenda.gov.br/estados_municipios/transferencias_constitucionais.asp>. Acesso: jan. 2012b.

_____. Ministério da Fazenda. Secretaria do Tesouro Nacional. Coordenação Geral de Análise e Informações das Transferências Financeiras Intergovernamentais. Disponível em: <http://www.tesouro.fazenda.gov.br/estados_municipios/transferencias_voluntarias.asp>. Acesso: jan. 2012c.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Orçamento de Investimento 2010 e 2011**. Disponível em: <<http://www.planejamento.gov.br>>. Acesso em: jan. 2012d.

7 - INTERMEDIAÇÃO FINANCEIRA

7.1 - Saldo das Operações de Crédito do Sistema Financeiro Nacional

No final de novembro do ano passado, o saldo das operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional¹ atingiu R\$ 1.984,3 bilhões, registrando-se um aumento de 1,9%, em relação ao mês anterior, e de 18,2%, no período de 12 meses, segundo informações fornecidas pelo Banco Central (2012b). Em função desse resultado, a participação do estoque de crédito em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), que fora de 46%, em novembro de 2010, elevou-se para 48,2%, em novembro do ano passado.

O saldo das operações de crédito financiadas com recursos livres alcançou, no final de novembro, R\$ 1.275,4 bilhões ou 64,3% do total, apresentando expansão de 15,8% no período considerado. A parte restante (35,7%), lastreada em recursos direcionados (baseados em recursos compulsórios ou governamentais), assinalou avanço maior (22,8%), refletindo o desempenho mais firme dos empréstimos habitacionais, que registraram a maior taxa de expansão (46,2%) dentre as operações de crédito, e o aumento das liberações destinadas ao comércio (20,4%).

Convém registrar que, além de respondem pela maior parcela do estoque de crédito (42,8%), as instituições financeiras públicas também apresentaram maior crescimento proporcional de empréstimos e financiamentos (20,7%), superando as marcas obtidas

pelas instituições privadas nacionais (16%) e pelas estrangeiras (17,3%).

De outra parte, a expansão do crédito fez-se acompanhar de uma leve subida na taxa de inadimplência (definida pela proporção das operações em atraso superior a 90 dias sobre o valor total). Assim, esse índice, que em janeiro do ano passado era de 3,2%, subiu para 3,6%, em novembro. Esse movimento foi determinado pela elevação dessa variável para as instituições financeiras privadas nacionais (de 4% para 4,6%) e das estrangeiras (de 4,3%, para 5,1%). As instituições financeiras oficiais não sofreram alteração no índice de inadimplência (2,1%). Nesse mesmo período, o saldo das provisões para créditos duvidosos, constituídas pelo sistema financeiro, passou de R\$ 95,4 bilhões para R\$ 113,8 bilhões, com um aumento de 19,3%, um pouco superior à expansão das operações de crédito (18,2%).

¹ O Sistema Financeiro Nacional (SFN) aqui considerado é formado pelo sistema bancário (bancos comerciais, bancos múltiplos, com carteira comercial, Caixa Econômica Federal e bancos de investimento) e pelo segmento que reúne bancos de desenvolvimento, cooperativas de crédito, agências de fomento, associações de poupança e empréstimo, companhias hipotecárias, sociedades de arrendamento mercantil, sociedades corretoras de câmbio, sociedades corretoras de títulos e valores mobiliários, sociedades de crédito, financiamento e investimento, sociedades de crédito imobiliário, sociedades de crédito ao microempreendedor e sociedades distribuidoras de títulos e valores mobiliários. No final de outubro de 2011, o estoque das operações de crédito do sistema bancário representava 84,8% do total do SFN.

Tabela 1 – BRASIL – Saldo das Operações de Crédito do Sistema Financeiro – Usos e Fontes dos Recursos e Controle de Capital - Novembro de 2010 e 2011

Discriminação	Novembro		Variação Nominal	Participação Nov/11, %	R\$ Milhões Corrente	
	2010	2011			nov/10	nov/11
1. Usos dos Recursos	1.678.706	1.984.332	18,2	100,0	46,0	48,2
1.1. Setor Público	67.031	77.779	16,0	3,9	1,8	1,9
Governo Federal	35.199	40.791	15,9	2,1	1,0	1,0
Governo Estad.. e Munic.	31.832	36.988	16,2	1,9	0,9	0,9
1.2. Setor Privado	1.611.675	1.906.553	18,3	96,1	44,2	46,3
Indústria	359.800	409.655	13,9	20,6	9,9	10,0
Habitação	133.518	195.258	46,2	9,8	3,7	4,7
Rural	122.491	138.433	13,0	7,0	3,4	3,4
Comércio	168.955	203.431	20,4	10,3	4,6	4,9
Pessoas Físicas	538.915	626.684	16,3	31,6	14,8	15,2
Outros Serviços	287.996	333.092	15,7	16,8	7,9	8,1
2. Fontes dos Recursos	1.678.706	1.984.332	18,2	100,0	46,0	48,2
2.1. Livres	1.101.193	1.275.378	15,8	64,3	30,2	31,0
2.2. Direcionados (2)	577.513	708.954	22,8	35,7	15,8	17,2
BNDES	353.295	408.668	15,7	20,6	9,7	9,9
Outros	224.218	300.286	33,9	15,1	6,1	7,3
3. Controle de Capital	1.678.706	1.984.332	18,2	100,0	46,0	48,2
3.1. Inst. Públicas Nacionais	703.970	849.903	20,7	42,8	19,3	20,6
3.2. Inst. Privadas Nacionais	682.060	790.984	16,0	39,9	18,7	19,2
3.3 Instituições Estrangeiras	292.676	343.445	17,3	17,3	8,0	8,3

Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2012b.

(1) Estimativa do Banco Central para o PIB dos 12 últimos meses - valores correntes.

(2) Operações realizadas com recursos compulsórios ou governamentais.

No grupo das operações referenciais para taxas de juros, com recursos livres, o custo do dinheiro apresentou uma pequena elevação no período de janeiro a agosto do ano passado (de 37,4% a.a., para 39,7% a.a.), declinando levemente em seguida, até atingir 38,5% a.a., em novembro. A taxa média de spread (diferença entre os juros de aplicação e os de captação de recursos) acompanhou essa trajetória, com certa defasagem: no período de janeiro a outubro subiu de 25,6 pontos per-

centuais para 28,9 p.p., caindo levemente em novembro (28,2 p.p.). Esse movimento refletiu os efeitos das medidas de política monetária, restritivas no primeiro semestre, com o intuito de conter o aquecimento da economia doméstica; e um pouco mais expansivas na segunda metade do ano, diante da queda do ritmo de crescimento da economia brasileira e da deterioração do cenário econômico global, especialmente na Zona do Euro.

7.2 - Operações e Qualidade do Crédito do Sistema Financeiro Nordestino

No final de outubro de 2011, o saldo das operações de crédito do Sistema Financeiro Nordestino² atingiu R\$ 212,4 bilhões, observando-se uma expansão de 0,5%, em relação a setembro, e de 23,9%, no confronto com outubro do ano anterior, segundo informações fornecidas pelo Banco Central (2012c). Esse pequeno aumento verificado na margem (em relação ao mês anterior), deveu-se à greve dos bancários que se estendeu até meados de outubro, sendo mais sentido no Nordeste do que nas demais regiões.

Tabela 2 – Estados do Nordeste e Regiões Brasileiras – Saldo das Operações de Crédito do Sistema Financeiro ¹ e Qualidade do Crédito

Posições em Final de Outubro de 2010 e 2011

Estados/Regiões	Saldo Oper. R\$ milhões		Varia. Nomi. (b) / (a) em %	Patic. % out/11	Índice de Inadimplência ² - Out/11 (%)		
	Outubro 2010 (a)	Outubro 2011 (b)			Pessoas Físicas	Pessoas Jurídicas	Total
Maranhão	13.615	17.335	27,3	8,2	7,0	3,0	5,2
Piauí	6.957	8.187	17,7	3,9	6,1	2,5	4,5
Ceará	25.694	31.740	23,5	14,9	5,4	2,1	3,4
Rio Grande Norte	10.583	13.180	24,5	6,2	5,3	2,6	4,0
Paraíba	9.493	11.592	22,1	5,5	4,9	2,2	3,9
Pernambuco	41.509	49.784	19,9	23,4	5,5	1,5	2,7
Alagoas	8.870	10.810	21,9	5,1	5,3	1,4	3,4
Sergipe	7.195	9.001	25,1	4,2	4,0	2	3,1
Bahia	47.465	60.772	28,0	28,6	5,4	2,5	3,7
NORDESTE	171.381	212.401	23,9	12,3	5,5	2,1	3,6
NORTE	53.010	65.521	23,6	3,8	5,3	2,3	3,7
CENTRO-OESTE	130.440	159.367	22,2	9,2	4	2,1	3,1
SUDESTE	826.808	970.564	17,4	56,2	4,1	1,9	2,7
SUL	262.714	318.848	21,4	18,5	3,4	2,1	2,7
TOTAL REGIÕES ³	1.444.353	1.726.701	19,5	100,0	4,2	2,0	2,9

Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2012c.

¹ Saldo das operações de crédito, com valor superior a R\$ 5 mil, realizadas pelos bancos múltiplos, bancos comerciais, Caixa Econômica Federal, bancos de investimento, bancos de desenvolvimento, companhias hipotecárias, agências de fomento e sociedades de arrendamento mercantil.

² Corresponde ao valor das operações vencidas há mais de 90 dias sobre o total das operações de crédito.

³ Por se tratar de um subconjunto, o total das regiões correspondeu, no final de outubro/2011, a 87% do total das operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional.

² O Sistema Financeiro Nordestino compreende os bancos comerciais, os bancos múltiplos, a Caixa Econômica Federal, os bancos de investimento, os bancos de desenvolvimento, as agências de fomento e as sociedades de arrendamento mercantil, sendo aqui consideradas tão-somente as operações de crédito com saldo superior a R\$ 5 mil.

Entretanto, na comparação do período de 12 meses encerrados em outubro, a expansão das operações de crédito ocorrida no Nordeste (23,9%) superou os aumentos verificados no Sudeste (17,4%), no Sul (21,4%), no Centro-Oeste (22,2%) e no Norte (23,6%), o que reflete o bom desempenho apresentado pela economia nordestina.

Entre os estados, o maior crescimento das operações de crédito, no período analisado, ocorreu na Bahia (28%), ficando na segunda posição o Maranhão (27,3%), seguido por Sergipe (25,1%) e Rio Grande do Norte (24,5%). A menor expansão se deu no Piauí (17,7%).

A exemplo do ocorrido em âmbito nacional, o aumento das operações de crédito no Nordeste foi também seguido por uma leve subida no nível de inadimplência. Com efeito, a inadimplência na região, que fora de 3,2% em janeiro de 2011, elevou-se para 3,6%,

em outubro, coincidindo com os índices registrados em âmbito nacional. No Nordeste, a taxa de inadimplência nas operações de crédito para pessoas físicas (5,5%) foi quase o triplo daquela assinalada pelas empresas (2,1%). Entre os estados, o maior índice de inadimplência, em outubro, coube ao Maranhão (5,2%), enquanto o menor registrou-se em Pernambuco (2,7%).

A participação do estoque de crédito do Nordeste no PIB da região vem crescendo nos últimos anos, em decorrência da significativa expansão dos empréstimos e financiamentos realizados. A relação elevou-se de 34,8% em outubro de 2010 para 38% em outubro do ano passado, segundo estimativas da equipe de conjuntura do BNB/Etene. Apesar desse crescimento, o índice regional ainda ficou bem abaixo da média nacional (48,2%), o que demonstra o grande espaço que poderá ser ocupado pela intermediação financeira no Nordeste.

Tabela 3 – Estados do Nordeste – Relação Saldo Operações de Crédito/PIB – Outubro de 2010 e 2011

Estados	Outubro de 2010	Outubro de 2011	Em %
Maranhão	28,5	31,9	
Piauí	33,9	35,1	
Ceará	35,4	38,5	
Rio Grande do Norte	32,0	35,0	
Paraíba	30,2	32,4	
Pernambuco	48,8	51,5	
Alagoas	36,3	39,0	
Sergipe	30,5	33,6	
Bahia	30,9	34,8	
NORDESTE	34,8	38,0	

Fontes: BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2012c. Elaboração: Equipe BNB/Etene de Conjuntura Econômica.

7.2.1 - Empréstimos/Financiamentos Concedidos pelo BNDES

O volume de empréstimos e financiamentos efetivamente concedidos pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) no Nordeste, no período de janeiro a outubro de 2011, somou R\$ 8,9 bilhões, registrando-se uma queda de 18,7% comparativamente a idêntico intervalo do ano anterior, segundo informação fornecida pelo Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (2012a). Vale salientar que, em âmbito nacional, a redução foi semelhante (-18,1%), observando-se declínios também no Norte (-17,3%), no Centro-Oeste (-23,7%) e no Sul (-28,1%). Entretanto, no Sudeste, onde o BNDES concentrou dois terços das aplicações totais, verificou-se uma ampliação de 31,4%.

No Nordeste, cinco estados sofreram redução nas aplicações do BNDES no período analisado. Todavia, houve aumento em Alagoas (129,9%), Paraíba (88,2%), Bahia (20,8%) e Rio Grande do Norte (1,8%).

O confronto entre os valores programados para o Nordeste em 2011 e os efetivamente realizados no período de janeiro a outubro

mostra um índice de realização de 74% para a região, ligeiramente superior à média nacional (73,1%). As maiores proporções ocorreram no Sul (85,8%) e no Centro-Oeste (82,8%).

No Nordeste, os desembolsos realizados pelo BNDES superaram os programados apenas no Rio Grande do Norte (116,6%), no

Tabela 4 – BNDES – Empréstimos/Financiamentos Efetivamente Concedidos – Estados do Nordeste e Regiões do Brasil

Estados/Regiões	R\$ milhões		Realizado/Programado b/a, em %	Variação % (c)	Participação % (d)	Janeiro a Outubro de 2011
	Programação 2011 (a)	Realizado (b)				
Maranhão	945,5	691,2	73,1	-1,2	7,7	
Piauí	167,9	177,3	105,6	-71,6	2,0	
Ceará	1.933,2	1.687,1	87,3	-46,4	18,9	
Rio Grande do Norte	513,8	599,2	116,6	1,8	6,7	
Paraíba	138,8	146,6	105,6	88,2	1,6	
Pernambuco	3.818,3	2.450,7	64,2	-22,6	27,4	
Alagoas	890,4	582,9	65,5	129,9	6,5	
Sergipe	381,8	222,1	58,2	-52,6	2,5	
Bahia	3.274,5	2.372,1	72,4	20,8	26,6	
Nordeste	12.064,2	8.929,2	74,0	-18,7	8,1	
Norte	10.744,0	7.937,2	73,9	-17,3	7,2	
Centro-Oeste	5.629,4	4.661,5	82,8	-23,7	4,2	
Sudeste	103.163,0	72.275,2	70,1	31,4	65,9	
Sul	18.511,7	15.888,6	85,8	-28,1	14,5	
Brasil	150.112,3	109.691,7	73,1	-18,1	100,0	

Fonte: BRASIL, 2012.

(c) Variação observada no período jan-out/11, em relação ao mesmo período de 2010.

(d) Participação no período jan-out/11.

Piauí (105,6%) e na Paraíba (105,6%). No Nordeste, a distribuição dos desembolsos por porte de empresa revela uma destinação majoritária de 73,8% para as grandes empresas, cabendo a parcela restante (26,2%) às micro, pequenas e médias. Também no âmbito nordestino, a distribuição por ramo de

atividade revelou uma destinação de 41,5% para o segmento formado por outros serviços, ficando na segunda posição a intermediação financeira, com 29,2%, seguida pela indústria, com 26,7%. O setor rural ocupou a última posição, participando com apenas 1,9%.

7.3 - Depósitos e Operações de Crédito do Sistema Bancário Nordestino

No final de outubro do ano passado, os depósitos captados pelo sistema bancário nordestino³ acumularam saldo de R\$ 150,6 bilhões, assinalando acréscimo de 15,3% em relação a outubro de 2010, um pouco acima da expansão verificada em âmbito nacional (10,6%), segundo informações fornecidas pelo Banco Central (2012e).

No Nordeste, o crescimento na captação de depósitos pelos bancos públicos (18%) continua acima da expansão obtida pela banca privada (10,6%), comportamento que vem se repetindo há alguns períodos. A estrutura dos depósitos no Nordeste revela uma forte presença dos bancos oficiais, que respondem por dois terços do volume total das captações.

Na região, o maior incremento na captação de depósitos entre os bancos públicos foi obtido pela Caixa Econômica Federal (28,2%), ficando na segunda posição o Banco do Nordeste (21,2%), seguido pelo Banco do Brasil (10,5%). Entre os estados nordestinos, os maiores avanços na captação de depósitos ocorreram na Paraíba (20,1%), em Alagoas (18,9%), no Ceará (17,1%) e na Bahia (15,7%).

De outra parte, o estoque das operações de créditos realizadas no Nordeste, no final de outubro de 2011, alcançou R\$ 119,8 bilhões⁴, assinalando aumento de 19,5% sobre a posição de outubro do ano anterior. Do referido montante, mais da metade (52%) foi absorvida por operações de curto prazo, na forma de empréstimos e títulos descontados. Entre as operações de longo prazo, o destaque coube aos financiamentos imobiliários, com 20% do estoque total, vindo em seguida a participação dos financiamentos concedidos à indústria e ao comércio (7,9%) e a dos financiamentos rurais e agroindustriais (5,2%).

Tal como ocorreu com os depósitos, a expansão das operações de crédito no Nordeste, no período analisado, também conti-

³ O sistema bancário nordestino aqui considerado compreende os bancos comerciais, os bancos múltiplos com carteira comercial e a Caixa Econômica Federal, e representa um subconjunto do sistema financeiro nordestino, comentado no tópico anterior.

⁴ Na citada posição, o saldo das operações de crédito do sistema bancário nordestino representava 70,9% do total do sistema financeiro nordestino, enquanto em âmbito nacional a proporção era de 87%. Essa diferença de participação é explicada, em grande medida, pelas operações financiadas com recursos do BNDES e do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE), gerido pelo Banco do Nordeste do Brasil (BNB), de grande peso nas operações de crédito da região e que, por definição, não estão agrupadas no sistema bancário nordestino, mas figuram no sistema financeiro nordestino. Se as duas referidas fontes de recursos fossem consideradas, a participação do sistema bancário nordestino dentro do sistema financeiro do Nordeste elevar-se-ia para 89,5%.

Tabela 5 – NORDESTE – Saldos de Depósitos e Operações de Crédito, por Instituição Financeira(a) – Outubro de 2010 e 2011

Discriminação/Posição	Banco do Brasil	Caixa Econômica Federal	Bancos Federais, exceto BB		Bancos Estaduais	Bancos Públicos	Bancos Privados	R\$ Milhões Total(c)
			BNB (b)	Total				
Depósitos								
Outubro de 2010	41.267	31.232	6.527	7.142	2.105	81.746	48.915	130.661
Outubro de 2011	45.585	40.038	7.908	8.769	2.100	96.492	54.119	150.611
Variação nominal, em %	10,5	28,2	21,2	22,8	-0,2	18,0	10,6	15,3
Participação Out/11, em %	30,3	26,6	5,3	5,8	1,4	64,1	35,9	100,0
Operações de Crédito								
Outubro de 2010	30.656	25.176	7.163	8.885	1.215	65.932	34.323	100.255
Outubro de 2011	35.788	34.584	8.208	10.350	1.591	82.313	37.449	119.762
Variação nominal, em %	16,7	37,4	14,6	16,5	30,9	24,8	9,1	19,5
Participação Out/11, em %	29,9	28,9	6,9	8,6	1,3	68,7	31,3	100,0

Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL/SISBACEN, 2012e.

(a) Saldos referentes aos bancos comerciais, bancos múltiplos, com carteira comercial e Caixa Econômica Federal.

(b) Valores correspondentes às operações realizadas pelo BNB nos estados do Nordeste, sem incluir as agências extrarregionais.

(c) Bancos públicos + bancos privados.

nua sendo liderada pelos bancos públicos (24,8%), registrando-se um pequeno incremento nas operações da banca privada (9,1%). Também a exemplo do que se verificou com a estrutura dos depósitos, as

operações de crédito dos bancos oficiais responderam por mais de dois terços do total. Esses resultados sugerem duas observações. A primeira, que no Nordeste os bancos públicos desempenham um papel importan-

Tabela 6 – NORDESTE – Evolução Nominal e Participação dos Saldos dos Depósitos e das Operações de Crédito dos Estados – Posição em Final de Outubro de 2011

Estados/Região	Depósitos		Operações de Crédito		Em %
	Variação Out-11/Out-10	Participação Estado/NE, Out/11	Variação Out-11/Out-10	Participação Est/NE, Out/11	
Maranhão	14,3	5,5	20,6	6,7	
Piauí	13,3	3,2	19,1	4,5	
Ceará	17,1	22,2	23,3	14,2	
Rio Grande do Norte	14,5	4,9	22,8	6,3	
Paraíba	20,1	5,5	19,9	6,0	
Pernambuco	13,4	24,8	17,2	23,5	
Alagoas	18,9	4,1	21,1	4,6	
Sergipe	9,1	4,5	28,1	4,8	
Bahia	15,7	25,3	16,9	29,4	
NORDESTE ¹	15,3	100,0	19,5	100,0	
BRASIL	10,6	...	18,5	...	

Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL/SISBACEN, 2012e.

¹ No Nordeste, no final de outubro de 2011, o saldo dos depósitos bancários havia atingido o montante de R\$ 150,6 bilhões e as operações de crédito R\$ 119,8 bilhões. Os saldos referem-se aos bancos comerciais, bancos múltiplos, com carteira comercial e Caixa Econômica Federal. Não estão incluídas as operações de crédito realizadas pelo BNDES e pelo BNB/FNE no Nordeste.

te no processo de concessão de crédito e na captação de depósitos. A segunda, que há um espaço razoável na intermediação financeira regional que poderá ser ocupado pela banca privada.

O aumento nas operações de crédito do Nordeste, no período considerado, foi liderado pela Caixa Econômica Federal (37,4%), segui-

da pelos bancos estaduais (30,9%), Banco do Brasil (16,7%) e Banco do Nordeste (14,6%).

Entre os estados da região, os maiores incrementos nos saldos dos empréstimos e financiamentos ocorreram em Sergipe (28,1%), Ceará (23,3%), Rio Grande do Norte (22,8%) e Alagoas (21,1%).

7.4 - BNB – Taxas de Juros, Saldo dos Depósitos e das Operações de Crédito

As reduções na taxa básica de juros promovidas pelo Copom, a partir do segundo semestre do ano passado, ainda não foram totalmente incorporadas aos encargos financeiros das operações de crédito de curto e médio prazos. Pesquisa sistemática realizada pelo Banco Central (2012d), cobrindo os períodos de 23 a 29 de setembro do ano passado e 2 a 6 de janeiro do corrente ano, mostra uma dicotomia de resultados, com algumas modalidades de operação exibindo uma leve redução nos juros cobrados, enquanto outras mostram uma elevação, tendo-se como parâmetro a média das taxas de juros para as principais linhas de crédito cobrada por um grupo representativo de instituições financeiras no país.

No BNB, o resultado não foi diferente. Para operações de crédito com pessoas físicas, o juro cobrado no cheque especial foi o 14º mais baixo entre os bancos pesquisados, enquanto os encargos cobrados no crédito pessoal o indicaram na 23ª posição. Nas operações com pessoas jurídicas, a taxa de juros cobrada na conta garantida colocou o BNB no 12º lugar, sendo o 16º nas operações de capital de giro prefixado e o 24º no desconto de duplicatas.

Vale ressaltar, no entanto, que no grupo dos bancos públicos, o BNB destacou-se, no início deste ano, por cobrar uma das menores taxas de juros, segundo a pesquisa realizada pelo Banco Central, já referida. Assim, em termos de menores encargos, foi o primeiro no cheque especial, o segundo no crédito pes-

soal, o primeiro no capital de giro prefixado, o segundo na conta garantida e o quarto no desconto de duplicata.

No final de novembro do ano passado, o saldo dos depósitos captados pelo BNB (2012b) na região havia alcançado R\$ 7,8 bilhões, acusando uma expansão de 11,8% em relação à posição de novembro de 2010. Desse montante, a maior parcela foi representada por depósitos a prazo (62,9%), vindo em seguida os depósitos de poupança (15,9%) e os depósitos especiais (12,9%).

No período considerado, Alagoas liderou o crescimento da captação de depósitos no Nordeste, com aumento de 56,6%, ficando a Bahia na segunda posição, com 23,6%, seguida por Pernambuco (19,2%) e pela Pa-

Tabela 7 – Taxas Efetivas de Juros de Operações de Crédito – Posição Relativa do Banco do Nordeste do Brasil em Relação ao Mercado Brasileiro de Crédito

Data da Pesquisa/ Modalidade da Operação	Taxas Efetivas ao Mês (%)				Posição do BNB	Nº. Bancos. Pesquisados		
	BNB	Média do Mercado	Mínima do Mercado	Máxima do Mercado				
a) 02 a 06 de janeiro/2012								
Pessoa Física								
Cheque especial	6,69	6,79	1,80	10,53	14º	31		
Crédito pessoal	2,41	5,50	1,06	18,37	23º	87		
Pessoa Jurídica								
Desconto de duplicata	2,67	2,82	1,16	4,39	24º	47		
Capital de giro prefixado	1,66	2,38	0,85	6,96	16º	61		
Conta garantida	2,45	3,92	1,30	9,15	12º	44		
a) 23 a 29 de setembro/2011								
Pessoa Física								
Cheque especial	6,75	6,92	2,03	10,23	13º	31		
Crédito pessoal	2,66	5,05	1,18	18,09	40º	92		
Pessoa Jurídica								
Desconto de duplicata	2,56	2,76	1,36	5,69	26º	53		
Capital de giro prefixado	1,48	2,20	0,99	6,85	13º	76		
Conta garantida	2,44	4,25	1,54	9,13	8º	39		

Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2012d.

Obs: As taxas de juros divulgadas representam o custo total da operação para o cliente, incluindo também os encargos fiscais e operacionais, correspondendo à média das taxas cobradas nos períodos indicados. As taxas efetivas mês resultam da capitalização das taxas efetivas dia pelo número de dias úteis existentes no intervalo de 30 dias corridos, excluindo-se o primeiro dia útil e incluindo-se o último. Caso a data final seja um dia não útil, será considerado o próximo dia útil subsequente.

raíba (18,5%). O Maranhão foi o único estado onde se registrou redução na captação de depósitos, da ordem de 6,9%.

Por outro lado, as operações de crédito do BNB realizadas no Nordeste totalizaram R\$ 8,3 bilhões no final de novembro de 2011, incremento de 11,6% sobre a posição de novembro do ano anterior. Do referido montante, quase metade (47,9%) destinou-se a operações de curto prazo, entre empréstimos e títulos descontados. Nas operações de longo prazo, os financiamentos para a indústria e o comércio absorveram 23,1% do total, vindo em seguida os setores de infraestrutura e desenvolvimento (20,5%) e rural e agroindustrial (15,4%). O somatório dos percentuais referidos excede 100%, devido ao fato de a parcela de provisões para devedores duvidosos ser computada com sinal negativo na apuração do saldo das operações de crédito.

O maior incremento no estoque das operações de crédito continua ocorrendo em Pernambuco (54,5%), em função dos grandes investimentos em obras estruturantes realizadas no estado, seguido pelos aumentos verificados no Ceará (21,6%), no Piauí (11,5%) e na Bahia (9,9%). Entretanto, foram registradas reduções no saldo das aplicações em Alagoas (-23,5%), Sergipe (-4,6%), Maranhão (-4,4%) e Rio Grande do Norte (-0,4%).

No elenco de programas operacionalizados pelo BNB, cabe ressaltar pelo menos três. O mais importante deles é o Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE), principal fonte de recursos de médio e longo prazos para fomentar o desenvolvimento regional. No período de janeiro a novembro do ano passado, foram contratadas na região 357,9 mil operações, significando um ingresso de R\$ 7.947,5 milhões na economia nordestina, correspondente a um aumento de

Tabela 8 – BNB – Variação Nominal e Participação dos Estados do Nordeste no Saldo dos Saldos dos Depósitos Bancários e das Operações de Crédito – Posição em Final de Novembro de 2011

Estados					Em %
	Depósitos Bancários		Operações de Crédito		
	Variação Nov-11/Nov-10	Participação Est/NE, Nov/11	Variação Nov-11/Nov-10	Participação Est/NE, Nov/11	
Maranhão	-6,9	3,2	-4,4	7,9	
Piauí	9,6	2,1	11,5	7,7	
Ceará	7,1	56,3	21,6	17,2	
Rio Grande do Norte	18,1	4,6	-0,4	5,8	
Paraíba	18,5	4,1	2,5	7,0	
Pernambuco	19,2	10,5	54,5	15,2	
Alagoas	56,6	2,0	-23,5	3,7	
Sergipe	18,3	3,4	-4,6	4,6	
Bahia	23,6	13,8	9,9	30,9	
NORDESTE (a)	11,8	100,0	11,6	100,0	

Fonte: BANCO DO NORDESTE DO BRASIL, 2012b.

(a) No final de novembro/2011, o saldo dos depósitos captados pelo BNB no Nordeste havia alcançado R\$ 7,8 bilhões e das operações de crédito atingiu R\$ 8,3 bilhões. Esses valores e as taxas de variação diferem dos apresentados na Tabela 5, cuja posição é final de outubro/2011, enquanto a da Tabela 8 é final de novembro. Incluindo-se as agências extrarregionais, o saldo dos depósitos do BNB atingiu R\$ 8,80 bilhões, e das operações de crédito R\$ 10,7 bilhões

11,9% na quantidade e de 1,2% no montante contratado, em comparação com idêntico intervalo de 2010.

O segundo mais importante é o Programa de Microcrédito Produtivo Orientado (Crediamigo), que visa fomentar e fortalecer pequenos empreendimentos, notadamente de pessoas físicas. No período de janeiro a novembro do ano passado, foram contratadas no Nordeste 1.885,8 mil operações que absorveram recursos da ordem de R\$ 2.465,8 milhões, aumento de 36% na quantidade de contratos e de 41,5% no montante desembolsado, comparativamente a idêntico intervalo de 2010. O Crediamigo se caracteriza ainda por atender a uma clientela predominantemente feminina (66%); exibir baixo valor médio por operação (R\$ 1.308,57), o que lhe garante uma grande capilaridade; e apre-

sentar uma reduzida taxa de inadimplência (1,1%), bem abaixo da média do Nordeste para operações com pessoas físicas (5,5%).

O terceiro programa mais relevante é aquele destinado ao fortalecimento da agricultura familiar (Pronaf). No período considerado, ele contratou na região 330 mil operações, o que proporcionou o ingresso de R\$ 1.076,3 milhões na economia nordestina, com aumento de 12,4% na quantidade de contratos e de 25,9% no montante desembolsado, comparativamente a idêntico intervalo de 2010.

O papel desempenhado pelo BNB no processo de financiamento do desenvolvimento regional pode ser dimensionado quando os seus desembolsos são somados com os do FNE. No acumulado de janeiro a novembro do

Tabela 9 – BNB – Variação e Participação dos Estados do Nordeste no Valor das Contratações do CREDIAMIGO, PRONAF e FNE – Acumulado no Período Janeiro-Novembro de 2011

Estados	FNE		CREDIAMIGO		PRONAF		Em %
	Variação Nominal ¹	Participação Estado/NE ²	Variação Nominal ¹	Participação Estado/NE ²	Variação Nominal ¹	Participação Estado/NE ²	
Maranhão	37,3	13,4	38,8	12,3	23,8	14,3	
Piauí	-3,4	8,6	37,6	11,6	28,2	9,3	
Ceará	-15,5	18,3	43,3	31,4	8,3	17,6	
Rio Grande do Norte	188,3	11,1	34,2	5,8	43,4	6,2	
Paraíba	-2,5	2,7	48,4	7,5	28,9	6,3	
Pernambuco	-23,0	12,0	42,5	8,1	22,2	15,7	
Alagoas	-13,1	2,7	40,1	5,6	14,4	5,5	
Sergipe	12,1	4,0	37,8	4,8	17,0	4,6	
Bahia	-4,9	27,2	44,5	12,8	50,8	20,5	
NORDESTE	1,2	100,0	41,5	100,0	25,9	100,0	

Fonte: BANCO DO NORDESTE DO BRASIL, 2012b e 2011c.

¹ Variação nominal do valor das contratação no período de jan/nov-11, em relação a jan/nov-10.

² Participação dos estados no período de jan/nov-11.

Obs.: No período de jan-nov/11, o valor das contratações do FNE, no Nordeste, alcançou R\$ 7.947,5 milhões; do Crediamigo, R\$ 2.465 milhões; e do Pronaf, R\$ 1.076,3 milhões.

ano passado, foi atingido o montante de R\$ 16.438,4 milhões, com acréscimo de 0,9% em comparação com idêntico período de

2010. Esse volume de recursos representou quase o dobro das liberações efetuadas pelo BNDES na região.

Tabela 10 – Estados do Nordeste – Contratações do BNB e do FNE, Variação e Participação - Acumulado de Janeiro a Novembro 2011

Estados	Em R\$ milhões			BNB + FNE	
	BNB	FNE	BNB + FNE (a)	Variação % (b)	Participação % (c)
Maranhão	1.115,3	1.065,1	2.180,4	39,1	13,3
Piauí	800,3	687,1	1.487,4	-14,5	9,0
Ceará	1.480,4	1.452,4	2.932,8	-15,1	17,8
Rio Grande do Norte	940,6	883,1	1.823,7	193,0	11,1
Paraíba	223,7	216,2	439,9	-2,1	2,7
Pernambuco	983,9	953,7	1.937,6	-23,6	11,8
Alagoas	220,6	212,4	433,0	-12,5	2,6
Sergipe	362,3	321,6	683,9	-11,2	4,2
Bahia	2.363,8	2.155,9	4.519,7	-3,1	27,5
NORDESTE (d)	8.490,9	7.947,5	16.438,4	0,9	100,0

Fonte: BANCO DO NORDESTE DO BRASIL, 2012b.

(a) Por determinação legal, o sistema contábil do BNB é separado do FNE.

(b) Variação no período jan/nov-2011 em comparação a jan/nov-2010.

(c) Participação no período jan/nov-2011.

(d) Se forem incluídas as operações das agências extrarregionais, o total do BNB + FNE alcança R\$ 17,6 bilhões.

7.5 - Conclusão

O mercado de crédito nacional continuou em expansão em 2011, embora em ritmo menor do que em anos anteriores. O aquecimento da economia interna, no final de 2010 e no primeiro semestre do ano passado, com risco de aumento da inflação, levou a autoridade monetária a adotar medidas macroprudenciais, com destaque para o aumento dos recolhimentos compulsórios/encaixes obrigatórios, a elevação do custo do dinheiro e a redução do ritmo de concessão de créditos. No segundo semestre, contudo, foram adotadas medidas menos restritivas, diante do menor crescimento da economia brasileira e da deterioração do cenário global.

O aumento do crédito fez-se acompanhar por uma leve subida na taxa de inadimplência, especialmente observada nas instituições financeiras privadas nacionais e estrangeiras, mantendo-se estável nas instituições oficiais.

No Nordeste, as operações de crédito continuaram a registrar expressivo crescimento, inclusive superando as expansões ocorridas nas demais regiões, como reflexo do bom desempenho de sua economia. De modo similar ao ocorrido em âmbito nacional, a expansão do crédito na região foi acompanhada por um leve aumento na taxa de inadimplência.

Nos últimos meses, os volumes de depósitos e de operações de crédito dos bancos públicos, no Nordeste, têm assinalado crescimento acima da expansão registrada pela banca privada. Ademais, os bancos oficiais

respondem por cerca de dois terços dos depósitos e das operações de crédito na região. Esses fatos sugerem duas reflexões. A primeira, que os bancos públicos desempenham papel fundamental no processo de captação de depósitos e na concessão de créditos. A segunda, que há um espaço razoável na intermediação financeira regional que poderá ser ocupado pela banca privada.

No âmbito dos bancos públicos, o BNB se destacou por cobrar uma das menores taxas de juros, segundo pesquisa realizada pelo Banco Central, no início deste ano, junto às principais instituições de crédito do país. Assim, em termos de encargos, o BNB foi o primeiro no cheque especial e no capital de giro prefixado, o segundo no crédito pessoal e na conta garantida e o quarto no desconto de duplicatas.

REFERÊNCIAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL. BC divulga ata da 164.^a reunião do Copom. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 26 jan. 2012a.

_____. Economia e finanças: indicadores de conjuntura – indicadores econômicos – moeda e crédito - Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 16 jan. 2012b.

_____. **Economia e finanças:** séries temporais – sistema gerenciador de séries temporais – economia regional – crédito. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 16 jan. 2012c.

_____. **Sistema financeiro nacional** – informações sobre operações bancárias – taxas de juros de operações de crédito. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 16 jan. 2012d.

_____. **SISBACEN**. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 16 jan. 2012e.

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL – BNB. **Conjuntura Mensal**, n. 12, dez./ 2011. Disponível em: <<http://www.bnb.gov.br>>. Acesso em: 16 jan. 2012a.

_____. **Informações da área de controle financeiro**. Disponível em: <<http://www.bnb.gov.br>>. Acesso em: jan. 2012b.

_____. Informações gerenciais do programa CrediAmigo. **Cadernos Mensais**, nov. de 2010 e 2011. Acesso em: jan. 2012c.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Orçamento de investimento - 2011**: execução orçamentária – alínea “i” empréstimos e financiamentos. Disponível em: <<http://www.planejamento.gov.br>>. Acesso em: 16 jan. 2012.

FERREIRA, Assuero. **Projeções de crescimento da economia do nordeste e respectivos estados: resultados sintéticos**. Jul./2011.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APPLICADA – IPEA. **Carta de Conjuntura**, dez./2011. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 18 jan. 2012.



ÁREA DE LOGÍSTICA
Ambiente de Gestão dos Serviços de Logística
Célula de Produção Gráfica
OS 2012-02/5.666 - Tiragem: 1.600



SAC Banco do Nordeste - Ouvidoria - 0800 728 3030 - www.bnb.gov.br